

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

KAREN ALVES LEAL

O contato entre as línguas africanas e o português do Brasil: uma análise da obra *Falares Africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro*, de Yeda Pessoa de Castro

RIO DE JANEIRO
2024

Karen Alves Leal

O contato entre as línguas africanas e o português do Brasil: uma análise da obra *Falares Africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro*, de Yeda Pessoa de Castro

Monografia de conclusão de curso submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Protti Christino

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

A18c Alves Leal, Karen O contato entre as línguas africanas e o português do Brasil: uma análise da obra Falares Africanos na Bahia - Um vocabulário afro brasileiro, de Yeda Pessoa de Castro / Karen Alves Leal. -- Rio de Janeiro, 2024.
103 f.

Orientadora: Beatriz Protti Christino.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português Literaturas, 2024.

1. Pessoa de Castro. 2. Historiografia da Linguística. 3. Lexicografia. 4. Línguas Africanas.
I. Protti Christino, Beatriz , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Karen Alves Leal

Karen Alves Leal

O contato entre as línguas africanas e o português do Brasil: uma análise da obra *Falares Africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro*, de Yeda Pessoa de Castro

Monografia de conclusão de curso submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Literaturas de Língua Portuguesa.

RIO DE JANEIRO

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter tornado possível minha conclusão de curso, mesmo diante de tantas dificuldades encontradas nos últimos três anos.

Agradeço profundamente ao meu marido, Charles, pelo suporte incondicional durante as noites de estudo e pelo seu otimismo constante, que me acompanhou ao longo de todo o processo. Ele foi uma fonte constante de apoio, mantendo minha confiança e me incentivando a seguir em frente. À minha mãe, sou eternamente grata por sua motivação incessante, que sempre me impulsionou a concluir minha graduação. Por fim, à minha fé, agradeço por me manter de cabeça erguida, sendo a força necessária para minha vitória.

Agradeço à minha orientadora, Beatriz, por ter tornado esta monografia de finalização de curso possível, apresentando-me um tema bem especial que tive o maior carinho em estudar, além de todo o suporte e dedicação à finalização deste material com rigor. Alegro-me também e agradeço por ter conhecido o campo da Historiografia da Linguística e Lexicografia que me encantaram tanto, além da obra em estudo nesta monografia, pois pude conhecer uma perspectiva completamente nova da língua falada dentro de minha religião.

RESUMO

Esta monografia de conclusão de curso analisa a obra *Falares Africanos na Bahia: Um Vocabulário Afro-Brasileiro*, de Yeda Pessoa de Castro, etnolinguista que contribui significativamente para o desenvolvimento de conhecimentos sociolinguísticos sobre a relação entre as línguas africanas e o português do Brasil. A pesquisa tem como base teórica a Historiografia da Linguística, com apoio de autores como Batista (2013) e Koerner (2004), e a Lexicografia, fundamentando-se em Welker (2004).

A investigação começa com a aplicação de um “Programa de investigação” proposto por Swiggers (1981a, 1991a, 2004 apud Borges, 2015; Batista, 2013) nos capítulos I, II e III da obra de Yeda Pessoa de Castro, os quais possuem natureza analítica e de exposição de dados de sua pesquisa de campo. Foram investigados elementos como “Horizonte de retrospecção”, “Clima de opinião”, “Visão de língua”, “Natureza da análise” e “Técnica”, com o objetivo de reconstruir uma narrativa historiográfica da obra da autora. No capítulo IV, é apresentado o vocabulário desenvolvido por Yeda Pessoa de Castro, a partir do qual foram estabelecidos parâmetros lexicográficos de análise, com base em Welker (2004). A análise abrange os textos internos e externos, a macroestrutura e as microestruturas dos verbetes do vocabulário.

Ao final da pesquisa, foi observado ao fim desta pesquisa que Pessoa de Castro possui uma abordagem sociolinguística para a construção de sua investigação na análise dos dados obtidos de sua pesquisa e na estruturação do vocabulário, a língua, então, está fortemente vinculada à cultura, sendo influenciada e moldada pelos ambientes e sociedades em que é usada.

Palavras-chave: Historiografia da Linguística, Lexicografia, Línguas Africanas.

ABSTRACT

This thesis analyzes the work *Falares Africanos na Bahia: Um Vocabulário Afro-Brasileiro* by Yeda Pessoa de Castro, an ethnolinguist who significantly contributes to the development of sociolinguistic knowledge regarding the relationship between African languages and Brazilian Portuguese. The research is theoretically based on Linguistic Historiography, supported by authors such as Batista (2013) and Koerner (2004), and Lexicography, grounded in Welker (2004).

The investigation begins with the application of a "Research Program" proposed by Swiggers (1981a, 1991a, 2004 apud Borges, 2015; Batista, 2013) in Chapters I, II, and III of Pessoa de Castro's work, which present an analysis of field research data. Elements such as "Horizon of Retrospection," "Climate of Opinion," "View of Language," "Nature of the Analysis," and "Technique" were investigated, with the aim of reconstructing a historiographical narrative of the author's work. In Chapter IV, the vocabulary developed by Yeda Pessoa de Castro is presented, from which lexicographical analysis parameters were established, based on Welker (2004). The analysis covers internal and external texts, the macrostructure, and the microstructures of the vocabulary entries.

At the end of the research, it was observed that Pessoa de Castro adopts a sociolinguistic approach in the construction of her investigation, both in the analysis of the data obtained from her research and in the structure of the vocabulary. Thus, language is strongly linked to culture, being influenced and shaped by the environments and societies in which it is used.

Keywords: Pessoa de Castro, Historiography of Linguistics, Lexicography, African Languages.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento exaustivo das Obras de Yeda Pessoa de Castro.....	24
Quadro 2: Publicação em anais de Congresso	34
Quadro 3: Artigos publicados.....	35
Quadro 4: Capítulos de livros publicados	41
Quadro 5: Livros publicados	44
Quadro 6: Teses e dissertações	45
Quadro 7: Corpus para o desenvolvimento do Quadro 8 (mais autocitados)	46
Quadro 8: Mais autocitados.....	48
Quadro 9: Títulos republicados	49
Quadro 10: Títulos resenhados	49
Quadro 11: Seções e subseções da obra em análise.....	55
Quadro 12: Obras do campo da linguagem (linguística, lexicografia, dialetografia)	57
Quadro 13: Obras de história/antropologia	65
Quadro 14: Vocabulários anteriores/Dicionários consultados, que exploram a relação entre as línguas africanas e o português do Brasil.....	69
Quadro 15: Dicionários de referência	73
Quadro 16: Identificação de presença africana em trabalhos artísticos	73
Quadro 17: Referências de registros históricos/antropológicos em textos não-científicos	74
Quadro 18: Críticas às metodologias de outros autores	74
Quadro 19: Autocitações	76
Quadro 20: Mulheres citadas por Yeda Pessoa de Castro	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Articulistas de Estudos Linguísticos por ano de publicação.....	20
Tabela 2 - Orientação dos artigos de Estudos Linguísticos por ano de publicação	21
Tabela 3 - Dados finais do total de vocábulos levantados por Yeda Pessoa de Castro	89
Tabela 4 - Dados finais correlacionando os níveis e a origem dos vocábulos	90
Tabela 5 - Dados correlacionados através dos níveis	90

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAIS TEÓRICOS	14
2.1 Historiografia da Linguística	14
2.3 Conceitos da Lexicografia	16
3 METODOLOGIA	23
3.1 Mapeamento da produção científica de Yeda Pessoa de Castro.....	23
3.2 Parâmetros de Análise e Programa de Investigação	50
3.3 Diretrizes para a análise do Vocabulário	52
4 ANÁLISE	54
4.1 Uma análise Historiográfica em Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro.....	54
4.1.1 Resumo biográfico da autora e panorama geral de sua obra	54
4.1.2 Horizonte de retrospectiva	57
4.1.3 Clima de opinião	79
4.1.4 Visão de língua	81
4.1.5 Natureza da Análise	82
4.1.6 Técnica	87
4.2 Análise do vocabulário	88
4.2.1 Panorama da análise feita por Yeda Pessoa de Castro	88
4.2.2 Polissemia e homonímia.....	92
4.2.3 Uma análise lexicográfica	93
4.2.3.1 Textos externos	93
4.2.3.2 Textos internos.....	94
4.2.3.2.1 Macroestrutura	94
4.2.3.2.2 Microestruturas	96
5 CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

1 INTRODUÇÃO

A investigação do contato de línguas africanas com o português do Brasil enriquece diferentes campos da linguística, fornecendo dados que podem ajudar a entender processos de mudança linguística, bilinguismo e criouliização. Esse campo de investigação auxilia na compreensão das complexas e profundas influências africanas na estrutura e no vocabulário do português brasileiro, além de contribuir para uma compreensão mais ampla da história cultural e social do país.

Como afirma Renato Mendonça (2012), a entrada do negro no Brasil se manifestou em diferentes aspectos da cultura brasileira, como na língua, na música, na dança, na religião, no modo de ser e de ver o mundo. O pesquisador acrescenta ainda que essa presença, marcada pela resistência mesmo diante da opressão, evoluiu e se integrou à sua nova nação, tornando-se parte essencial do novo sistema cultural e linguístico se definindo como brasileiro.

Mesmo Raimundo Nina Rodrigues, nos princípios das pesquisas relacionadas à integração cultural da população africana no desenvolvimento dos países americanos, afirma: “De todas as instituições africanas, entretidas na América pelos colonos negros ou transmitidas aos seus descendentes puros ou mestiços, foram as práticas religiosas do seu fetichismo as que melhor se conservaram no Brasil.” (Rodrigues 2010, p. 240). Assim, ele destacou a grande importância do negro no desenvolvimento religioso da cultura brasileira, mas sem deixar de mencionar que ainda há outros costumes preservados e bem recebidos pela população brasileira que se desenvolvia, por exemplo, folclores, festas populares e ritmos de música.

A chegada de milhões de africanos ao Brasil durante o período colonial possibilitou uma vasta diversidade linguística, cultural e religiosa. Em um momento no qual havia, em um mesmo território, línguas africanas, faladas por escravizados de diferentes etnias, interagindo com o português falado pelos colonizadores, um rico e complexo fenômeno de contato linguístico se sucedeu. Margarida Maria Taddoni Petter, linguista e pesquisadora, menciona:

Os escravos, submetidos a essa organização particular de tráfico, participaram de uma situação linguística nova, transitória, mas que, pela sua duração e renovação regular, pôde influenciar a situação linguística no Brasil.

(Bonvini; Petter, 1998, p. 74, apud Petter, 2005, p. 201).

Yeda Pessoa de Castro tem se dedicado em sua carreira acadêmica à compreensão e análise das línguas africanas e suas vinculações com o português brasileiro. Seus trabalhos fornecem um referencial teórico para o entendimento das contribuições africanas à formação do português do Brasil, sendo considerada uma autora brasileira pioneira nessa área. Como Margarida Maria Taddoni Petter, pesquisadora que também dedicou estudos a essa área, afirma:

“Destacou-se por muito tempo como a única pesquisadora brasileira de línguas africanas, trabalhando numa perspectiva antropológica e linguística” (Petter 2005, p. 80).

Yeda Pessoa de Castro aborda aspectos linguísticos em suas pesquisas, em relação ao léxico, fonologia, morfossintaxe e semântica, tanto de línguas africanas (aqui se atentando mais à formação de novas palavras no português) quanto da relação e dos processos de adaptações no contato entre as línguas trazidas pelos escravizados e a portuguesa. Além disso, considera dados históricos cruciais que ajudam a revelar o contexto cultural das formações linguísticas advindas desse contato entre Brasil e África. É importante salientar, então, que a autora possui um olhar atento às questões sociais que envolvem o desenvolvimento da linguagem, como podemos ver na resenha, feita por Dante Lucchesi, da obra “A língua Mina-Jeje no Brasil - um falar africano em Ouro Preto no século XVIII” (2004), de Yeda Pessoa de Castro: “E como a língua é a expressão maior da cultura, temos na edição desse manuscrito um pungente retrato da sociedade colonial brasileira que se formou em torno do ciclo econômico do ouro.”. O autor da resenha, assim, endossa essa perspectiva de análise que salienta aspectos e mudanças advindos do campo social da sociedade estudada.

Desse modo, a pesquisadora em foco se destaca, nesse campo, também por sua capacidade de desafiar as narrativas eurocêntricas predominantes na historiografia linguística brasileira, presentes nos ínfimos estudos sobre o tráfico e a cultura do negro no Brasil colônia. Seus estudos evidenciam que as línguas africanas não foram meramente substratos passivos, mas desempenharam um papel ativo e formativo na evolução do português brasileiro.

O intuito desta pesquisa é trazer à tona o tema e contribuir para dar o devido destaque à dedicação de Yeda Pessoa de Castro na compreensão das complexas interações linguísticas que moldaram o português brasileiro, lançando luz aos métodos de trabalho dessa linguista, indicando suas fontes, seus processos de obtenção dos dados na obra estudada e as formas de organização do vocabulário. Eu, como pertencente a uma religião de origem africana, fazendo parte do “povo-de-santo”, dediquei minha monografia a um tema que me faz lembrar o amor pela minha religião, posicionando-me também como testemunha desse contato íntimo entre Brasil e África que ultrapassa o campo da linguagem, manifestando-se em nossos comportamentos cotidianos e nossas crenças.

A presente monografia se desdobra em 5 seções. O capítulo 2 apresenta os referenciais teóricos utilizados para o desenvolvimento desta monografia, ligados à Historiografia da Linguística e à Lexicografia. O capítulo 3 especifica a metodologia utilizada para análise,

dentro de cada campo de estudo, para que, no capítulo 4, seja delimitada a análise feita neste trabalho, e na sequência, a sua conclusão, no capítulo 5.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

Para esta pesquisa, os referenciais teóricos norteadores foram conceitos e noções provindos de dois diferentes campos: o primeiro, e, por assim dizer, principal, trata-se da Historiografia da Linguística, aqui delimitada na análise da obra de Yeda Pessoa de Castro, e, por fim, a Lexicografia, com a apresentação das formas de organização do vocabulário desenvolvido por ela na obra estudada: *Falares Africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro*.

2.1 Historiografia da Linguística

Assim como a cultura e a história são desenvolvidas pela sociedade e seus membros, da mesma forma pode se ver a pesquisa científica, também uma realidade socio-historicamente determinada. Dessa forma, cabe afirmar que a reflexão acerca de diferentes correntes de pensamentos e estudos linguísticos leva à compreensão de períodos da História da Linguística, não apenas para um objetivo de documentação do percurso de desenvolvimento da disciplina, como também de ponderação sobre os processos de construção do conhecimento linguístico e sobre as influências culturais, sociais e políticas que moldaram essa trajetória.

A Historiografia da Linguística é o campo da Linguística que tem como objeto de estudo o circuito de produção e circulação do conhecimento sobre a linguagem, é o estudo que olha para as teorias e métodos linguísticos descrevendo, analisando e interpretando, ao longo do tempo, como estes foram engendrados. Como afirma Batista (2013, p. 16), “Tal reflexão recebe o nome de Historiografia da Linguística e toma como objetivo de pesquisa a história dos estudos sobre as línguas e a linguagem, em diferentes recortes temporais.”

Essa disciplina pode ser considerada relativamente nova, com as primeiras publicações na área dando-se a partir de 1970 (Batista 2013), e permeia diferentes campos, atuando em um espaço intermediário entre história, cultura, ciência e linguística, já que apresenta um caráter de observação do processo histórico, envolvendo o período e o meio onde o pesquisador está inserido. Dessa forma, não se trata apenas de um olhar estritamente técnico e restrito à reflexão da natureza linguística do material de análise, mas também da consideração de outros aspectos externos que envolvem a teoria e o pensamento teórico como um todo.

Koerner (2014, p. 13) pontua três grandes motivos que fundamentam a importância da Historiografia da Linguística, que destaco aqui:

Em primeiro lugar, a historiografia linguística, na medida em que é orientada para a teoria, fornece ao cientista a perspectiva e a distância que lhe permitirão distinguir ganhos significativos dentro da disciplina de ‘teorias’ imaturas e alegações infundadas (que este conhecimento histórico possa impedi-lo de dogmatismo na teoria linguística e levá-lo à moderação e à aceitação de uma diversidade de pontos de vista possíveis parece-me um produto secundário que dificilmente pode ser sobrevalorizado no atual debate linguístico).

Em segundo lugar, a historiografia linguística fornece ao linguista praticante material para obter conhecimento sobre o desenvolvimento do seu próprio campo. Esse conhecimento constitui a diferença entre o cientista e o assistente de laboratório: o cientista sabe de onde vieram as técnicas e quais são as suas limitações; o assistente de laboratório, dominando somente a arte do ofício, não o sabe (além disso – como demonstrou Benware (1974) em relação à tríade vogal de Grimm –, o linguista vai estar ciente de que a adesão estrita a um credo particular e a aceitação das teorias com base em autoridade podem de facto colocar um travão ao desenvolvimento da disciplina).

Em terceiro lugar – em conjunto com os dois argumentos acima mencionados a favor do estabelecimento da história das ideias linguísticas como parte da formação geral de um linguista –, a historiografia linguística, ao proporcionar a experiência do desenvolvimento da própria disciplina em que se inscrevem os linguistas, promove a habilidade no julgamento de teorias novas ou opostas, e, assim, ao mesmo tempo, protege-nos contra a aceitação de forma acrítica de reivindicações excessivas a favor de uma determinada teoria linguística. (Koerner, 2014, p. 13)

Uma grande importância atribuída à Historiografia da Linguística, portanto, se encontra na capacidade de trazer contribuições à Linguística, podendo apresentar rupturas que afastam pesquisadores de equívocos acerca de uma determinada teoria mais aceita pela comunidade científica, distinguindo ganhos significativos do desenvolvimento do conhecimento linguístico. Além disso, tal disciplina possibilita aos linguistas uma compreensão mais clara do desenvolvimento científico do seu próprio campo de pesquisa, incentivando uma perspectiva mais crítica de novas ou opostas teorias.

A importância dessa disciplina volta-se a alguns princípios metodológicos, desenvolvidos por Konrad Koerner, para evitar anacronismos nas análises historiográficas e orientar métodos rigorosos e uma investigação sistemática do objeto de estudo, são eles: o “Princípio de Contextualização”, o “Princípio de Imanência” e o “Princípio de Adequação” (Batista & Bastos, 2020).

O "Princípio de Contextualização" tem como objetivo apresentar o "clima de opinião" da época, situando a obra e o autor no contexto do desenvolvimento científico. Dessa forma, destaca-se a vocação interdisciplinar que define a Historiografia da Linguística, ao considerar eventos dos estudos da linguagem em seus contextos históricos específicos.

O "Princípio de Imanência" enfatiza a necessidade de se buscar, no próprio texto analisado, os fundamentos teóricos e as terminologias empregadas, visando a uma compreensão integral do material. Esse princípio abrange aspectos históricos, críticos e filológicos, garantindo uma análise aprofundada e contextualizada da obra dentro da historiografia da linguística.

O "Princípio de Adequação" representa a etapa final na trajetória do historiógrafo. Após a delimitação proveniente da aplicação dos dois primeiros princípios, o pesquisador estará mais preparado para realizar abordagens e avaliações críticas, visando a uma interpretação significativa dos conhecimentos linguísticos e do desenvolvimento científico relacionado ao tema em questão. Esse princípio permite uma análise contextualizada e reflexiva, contribuindo para uma compreensão mais profunda da historiografia da linguística.

A partir dessas definições, melhor se delimitam os referenciais teóricos desta monografia, na qual se analisam os parâmetros internos, quando a análise evidencia a evolução interna das teorias e métodos dentro da própria obra estudada, envolvendo a investigação das correntes teóricas, debates acadêmicos e a metodologia, ao longo da obra. Além disso se realiza o exame dos parâmetros externos, que se referem aos contextos históricos, sociais e institucionais que influenciam o desenvolvimento das teorias linguísticas. Isso inclui a observação de fatores como a sociedade e a cultura, e como esses possivelmente impactaram o surgimento e a disseminação de ideias linguísticas no período do objeto de pesquisa. Entretanto, não se trata de uma divisão rígida dos elementos de análise, como afirma Batista (2013, p. 75), uma vez que “A pesquisa deve procurar, na medida do possível, correlacionar aspectos externos relacionados às obras com seus aspectos internos”. Sendo assim, trata-se de uma observação conjunta de fatores mais técnicos da linguística, de um lado, e de aspectos de caráter mais social, de outro.

2.2 Conceitos da Lexicografia

A Lexicografia pode ser considerada uma ciência, relacionada à técnica de elaborar um dicionário, denominada por muitos estudiosos como Lexicografia Prática, ou ainda, entendida como um estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a Lexicografia Teórica (Welker 2004). Com essa última acepção em mente, a presente monografia buscou analisar de forma mais detalhada seu objeto de estudo: o vocabulário de Yeda Pessoa de Castro, contido na obra *Falares Africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro*, de 2005.

Essa área de estudo é fundamental não só para a Linguística, mas também para as ciências em geral. Os lexicógrafos fornecem bases de organização e definições de palavras que auxiliam na melhor compreensão e uso mais preciso da linguagem, buscando proporcionar uma comunicação mais clara e eficiente aos usuários do dicionário, apoiando a educação e a pesquisa e facilitando a preservação e a evolução do conhecimento das palavras. Esse campo destaca o usuário das obras lexicográficas como uma característica fundamental para seu desenvolvimento, como Welker afirma no último capítulo de sua obra *Dicionários: Uma pequena introdução à Lexicografia*. Com efeito, ele finaliza seu texto com a recomendação feita na primeira Conferência de Lexicografia de 1960: “Dicionários deveriam ser feitos com um grupo especial de usuários em mente e para a necessidade deles.” (Householder 1920: 279, apud Welker, 2004, p. 235, tradução própria)¹.

Foi apresentado por Yeda Pessoa de Castro um vocabulário com 3.517 vocábulos, como a pesquisadora indica (p. 126). Essa obra foi desenvolvida a partir de sua pesquisa de campo, com o objetivo de organizar um vocabulário com palavras de origem africana no português do Brasil, além de reunir certas palavras e expressões do cotidiano de religiões de origem africana, com adequada etimologia e definição.

Na abordagem do vocabulário composto por Yeda Pessoa de Castro, a presente monografia utilizou critérios de descrição definidos por Welker (2004) para os chamados textos externos, o que diz respeito a notas introdutórias, abreviaturas, convenções e símbolos fonéticos que constam na obra lexicográfica, e para os chamados textos internos, em relação à macroestrutura e microestrutura dos verbetes do vocabulário. Assim, os textos externos referem-se aos elementos que possuem caráter explicativo sobre a obra lexicográfica, tais como prefácio, introdução, lista de abreviaturas, informações sobre a pronúncia, resumos, lista de siglas, entre outros elementos que servem para auxiliar o usuário a compreender a organização e estruturação da obra para uma consulta mais eficiente e precisa.

Trata-se, assim, da análise minuciosa da estruturação das entradas e dos elementos que integram o vocabulário, no que se refere aos detalhes individuais de cada microestrutura. O termo “verbo” se vincula a esse conjunto de informações de cada entrada presente no dicionário, o qual pode conter diferentes acepções.

A macroestrutura, por sua vez, pode ser definida como a forma de organização de uma obra lexicográfica, englobando as decisões e elementos que definem como o dicionário está

¹ “Dictionaries should be designed with a special set of users in mind and for their specific needs.”

organizado como um todo. Já a microestrutura diz respeito aos elementos que compõem a estrutura dos verbetes, delimitados aqui tais como em Welker (2004): cabeça do verbete; definição, diferenciação e ordenação das acepções; marcas de uso; informações sintáticas; colocações; exemplos e abonações; fraseologismos idiomáticos; remissões; e informações paradigmáticas.

Essas categorias foram definidas da seguinte forma:

- a) cabeça do verbete: corresponde à parte inicial ou principal de um verbete em um dicionário ou outra obra lexicográfica. A cabeça do verbete é a seção que fornece as informações essenciais sobre o termo ou o conceito tratado no verbete, permitindo ao usuário localizar rapidamente o que procura. Em algumas obras, é possível ainda encontrar variantes ortográficas, indicação de pronúncia, de classe gramatical e outras informações gramaticais, etimologia e marcas de uso.
- b) definição: é a descrição do significado de uma palavra ou termo. A definição busca capturar o sentido principal, ou os diferentes sentidos, que uma palavra pode ter em um determinado contexto ou uso.
- c) diferenciação: trata-se do processo de distinguir entre os diferentes significados e usos do lexema. A diferenciação pode envolver a identificação de diversas acepções de uma palavra, os contextos específicos de uso, as variações regionais ou o uso em diferentes áreas do conhecimento.
- d) ordenação das acepções: é o processo de organização e disposição das diferentes interpretações ou significados de uma palavra dentro de um verbete de dicionário. Cada acepção representa um sentido distinto da palavra, e a ordenação busca apresentá-las de maneira lógica e coerente. Isso pode envolver a organização das acepções por critérios sintáticos, em ordem de uso mais comum para menos comum, ou em ordem cronológica de aparecimento ao longo do tempo, entre outros critérios.
- e) marcas de uso: podem ser símbolos, abreviações ou outras representações, utilizados para indicar informações adicionais sobre o uso de uma palavra ou acepção específica. Essas marcas são empregadas para fornecer ao usuário do dicionário orientações sobre o contexto de uso, o registro linguístico, a variante regional correspondente, o nível de formalidade ou outras características relevantes da palavra.
- f) informações sintáticas: são detalhes sobre a estrutura gramatical de uma palavra ou expressão, principalmente em relação ao seu uso em frases ou contextos sintáticos

específicos. Essas informações podem incluir a classe gramatical da palavra (como substantivo, verbo, adjetivo, etc.), sua flexão de número, gênero, tempo, modo, aspecto, voz, entre outros elementos gramaticais relevantes.

- g) colocações: trata-se de combinações de palavras que, frequentemente, aparecem juntas em um determinado contexto. Essas combinações são mais do que meramente sequências de palavras, pois têm uma relação semântica forte e são frequentemente utilizadas juntas no idioma.
- h) exemplos e abonações: são frases ou trechos de texto que são incluídos em um dicionário ou outra obra lexicográfica para ilustrar o uso de uma palavra ou termo em contexto. Esses exemplos têm o objetivo de mostrar como a palavra é usada em situações reais, ajudando os leitores a compreender seu significado e uso adequado.
- i) fraseologismos idiomáticos: são expressões que têm significados específicos e não podem ser interpretadas apenas pela soma dos significados individuais de cada palavra, assim, são expressões idiomáticas, palavras que juntas possuem um novo significado.
- j) remissões: são referências ou indicações de uma obra lexicográfica que direcionam o usuário para outros termos ou entradas relacionadas. Essas remissões são úteis para indicar termos semelhantes, sinônimos, antônimos, palavras relacionadas ou para indicar onde encontrar informações adicionais sobre um determinado tópico.
- k) informações paradigmáticas: referem-se às relações entre palavras que são semanticamente ou gramaticalmente relacionadas, fornecendo uma compreensão mais ampla do uso da palavra. Por exemplo, as informações paradigmáticas podem incluir sinônimos, antônimos, hiperônimos e hipônimos.

Com base nos aspectos acima definidos, o vocabulário em *Falares Africanos na Bahia - Um vocabulário afro-brasileiro* foi examinado com o intuito de clarear a organização estabelecida pela autora e obter informações sobre seu método de trabalho. Isso inclui a identificação das microestruturas adotadas e de como foi estruturado o desenvolvimento dessa obra.

2.3 Contribuições de Yeda Pessoa de Castro: Uma Trajetória de Impacto

Esta monografia de conclusão de curso se desenvolve no campo da Historiografia da Linguística, além de buscar contribuições do campo da Lexicografia, e tem como objeto de estudo uma autora que se dedicou e dedica ao estudo do contato de línguas africanas com o português do Brasil. Sendo assim, foi realizado um mapeamento das obras e estudos da linguista

Yeda Pessoa de Castro, através do desenvolvimento de um levantamento exaustivo de sua produção acadêmica ao longo de sua carreira, como registrado na seção 3.1, assim como a compreensão do processo de criação do vocabulário desenvolvido pela autora, para a posterior análise, registrado na seção 3.3.

Yeda Pessoa de Castro, nascida em dezembro de 1937 e graduada em 1958 na Bahia foi pioneira nos estudos de línguas africanas no Brasil no início da década de 1970, quando desenvolveu sua dissertação de mestrado em 1972. A autora defendeu seu mestrado em 1974 na Nigéria e realizou a defesa de doutorado em 1976 no Zaire, além de realizar estudos de pós-doutorado na Angola no ano de 2012. Informações mais detalhadas de seu percurso profissional estão presentes na seção 4.1.1.

É possível estabelecer dois aspectos significativos em que a autora se diferencia da linguística *mainstream* sua contemporânea: 1) Ser uma mulher linguista já no final da década de 1960; 2) Ser pesquisadora de línguas africanas no contexto brasileiro. Esse primeiro ponto fica evidente, por exemplo, no artigo “Otro punto de vista: una historiografía lingüística femenina en Brasil (1960-1990)”, em que Cristina Altman e Julia Lourenço apresentam a geração de mulheres linguistas da década de 1960 como “geração heróica”. Isso porque essas mulheres fazem parte de uma geração que busca participar da produção de atividades científicas com publicações, em sua maioria, denominadas “gramaticais” por Altman e Lourenço (2022), ou seja, pesquisas que envolvem a descrição linguística e análises estruturais da língua. Já a produção denominada “metateórica” por Altman e Lourenço, e de maior prestígio e divulgação na época, tinha como objetivo postular sobre a própria teoria da linguagem, buscando um desenvolvimento crítico de postulados e princípios a debater, e era majoritariamente masculina. Essa década foi marcada por um período de postulados teóricos, devido ao movimento de consolidação da “Linguística” como disciplina nas academias de letras.

Conforme a disciplina foi se moldando no final da década de 1960 e início de 1970, as produções e os principais artigos seguiram, então, a orientação “metateórica”, causando um declínio na produção feminina, como podemos ver no quadro abaixo, retirado de Altman e Lourenço (2022, p. 240):

Tabela 1: Articulistas de Estudos Linguísticos por ano de publicação

	Articulistas	
ANO	HOMENS	MULHERES

1966	45,45%	54,55%
1967	66,66%	33,34%
1968	75%	25%

Fonte: Tabla 7 de Altman e Lourenço (2022, p. 240).

Tabela 2: Orientação dos artigos de Estudos Linguísticos por ano de publicação

	Orientação	
ANO	GRAMATICAL	METATEÓRICA
1966	54,55%	45,45%
1967	0%	100%
1968	25%	75%

Fonte: Tabla 8 de Altman e Lourenço (2022, p. 240).

Como comentam Altman e Lourenço (2022), por questões históricas e sociais, e pelo próprio desenvolvimento da disciplina de Linguística, na década de 1970, houve uma tendência de excluir algumas orientações de pesquisa, como a histórica, ou diacrônica, a etimologia e a semântica interpretativa, devido a um novo conjunto de valores científicos que estava se formando na época, como “o tecnicismo, a metalinguagem formal, o lógico-matemático, e a automatização, típicos nas carreiras masculinas (matemática, estatística, engenharia)” (Altman, Lourenço 2022, 243; tradução própria). Dessa forma, assuntos que permeiam a ciência da linguagem formal receberam um espaço de prestígio.

Somente entre as décadas de 1980 e 1990, a orientação gramatical “reaparece” com maior relevância, com 35% de linguistas mulheres e apenas 5% de homens desenvolvendo publicações nessa orientação, além dos 44% de publicações masculinas metateóricas (Altman e Lourenço 2022). Percebe-se que Yeda Pessoa de Castro preserva uma orientação gramatical em seus estudos, desde seu mestrado em 1969, sendo indiferente às questões de popularidade do tema a ser estudado em Linguística.

Corroborando com a análise de Altman e Lourenço, acerca da pouca representatividade das mulheres nos estudos linguísticos nos anos de 1960, é possível observar na obra de Mattoso Câmara, *A estrutura da Língua Portuguesa*, publicada pela primeira vez em 1953, a seguinte afirmação: “O remédio é **o professor de língua e os homens em geral** aprenderem os

princípios gerais da LINGUÍSTICA. Para isso, a melhor solução parece ser fornecer-lhes uma gramática descritiva desinteressada de preocupações normativas.” (Câmara, 2004, p. 16). Essa afirmação evidencia a comunicação predominantemente masculina (“o professor de língua e os homens em geral”) que existia entre os acadêmicos nos anos 1950, situação que não se alterou, significativamente, na década seguinte.

Altman e Lourenço finalizam seu artigo com a relevante afirmação: como conclusão provisória, essa geração da década de 1960, que contribuíram nas atividades científicas da época, molda o conhecimento produzido mais por sua adesão a um conjunto de valores "masculinos" do que por sua especificidade feminina. Apesar disso, observa-se que Yeda Pessoa de Castro manteve-se na orientação dita gramatical em suas pesquisas, suas contribuições se voltam à compreensão de dados linguísticos e observações práticas da linguagem, mesmo na época em que o movimento científico reforçava uma produção metateórica de pesquisa.

Pode-se afirmar que Yeda Pessoa de Castro se tornou uma figura central no estudo das influências africanas no Brasil em um período em que havia poucas mulheres desenvolvendo o conhecimento científico e menos pesquisadores se atentando aos estudos etnolinguísticos e de caráter mais prático da teoria da linguagem. Além disso, seu trabalho tem sido fundamental para a produção intelectual sobre a relação entre as línguas africanas e o português brasileiro. Esses estudos são recorrentes desde o século XIX, apesar de ainda enfrentarem uma certa carência de dados linguísticos, como aponta Yeda Pessoa de Castro: “Diante do pouco rigor científico com que são tratados em vários meios, os dados linguísticos em geral são considerados irrelevantes em proveito de temas históricos e sócio-antropológicos relacionados ao negro no Brasil [...]” (Castro, 2005, p. 67).

Outros estudiosos da área, como Queiroz (2002), pontuam o caráter ainda inicial dos estudos da contribuição africana à cultura brasileira:

[...] O que se pode perceber é que o investimento na pesquisa sobre os remanescentes culturais africanos no Brasil acaba por delinear com maior clareza nosso ainda grande desconhecimento sobre a contribuição afro-negra à formação da cultura brasileira e, ao mesmo tempo, a enorme força e alcance dessa contribuição. Eu diria, portanto, que, neste campo de estudos, estamos ainda começando. Mais do que nunca, vivemos um momento de chamada à pesquisa sobre o tema fascinante da pluralidade cultural no Brasil.” (Queiroz 2002:56. Apud Borges 2015, p. 26)

Sendo assim, um estudo, no campo linguístico, voltado aos remanescentes culturais africanos no Brasil pode vir a destacar a profunda e duradoura influência das línguas africanas na formação do português brasileiro, podendo contribuir para uma compreensão mais rica e

complexa da identidade cultural brasileira. É relevante também envolver as obras de Yeda Pessoa de Castro nesta monografia de final de curso, visto que sua contribuição acadêmica fornece uma análise meticulosa das influências africanas na formação do português brasileiro. Sua produção intelectual foi destacada em obras de outros autores, como Queiroz, em 1970 (Borges, 2015, p. 26), e Petter, acatando resultados de pesquisa da autora (Borges, 2015, p. 160).

3 METODOLOGIA

Nesta seção de metodologia, foi exposto em 3.1 o levantamento exaustivo da produção de obras e trabalhos de Yeda Pessoa de Castro, além dos parâmetros de análise para uma pesquisa na Historiografia da Linguística em 3.2 e as diretrizes de análise em Lexicografia em 3.3. Esse processo de levantamento de obras foi importante para a escolha do material trabalhado, além de uma maior compreensão da área de pesquisa da autora, assim como sua perspectiva metodológica.

3.1 Mapeamento da produção científica de Yeda Pessoa de Castro

Com o objetivo de analisar o circuito de produção e circulação das obras da linguista Yeda Pessoa de Castro, foi realizado um levantamento abrangente de sua produção acadêmica ao longo da carreira. Como ponto de partida, utilizei o Anuário da Academia de Letras da Bahia, publicado em outubro de 2017, que forneceu informações bibliográficas sobre a autora, ocupante da cadeira n.º 11 da instituição desde 2008. Embora o Anuário listasse a maior parte de suas publicações, não abrangia a totalidade de seus trabalhos. Dessa forma, por meio de autocitações e referências em trabalhos de outros autores, foram identificados materiais adicionais, que foram incorporados ao levantamento para torná-lo mais completo.

Em um primeiro cenário, foram enumeradas todas as 103 obras de Yeda Pessoa de Castro (ver Quadro 1), especificando-se informações bibliográficas relevantes, como o tipo de material, o título da obra completa, coautorias/organização, instituição responsável pela edição, local e ano de publicação e número da edição. Além de listar essas produções, procurei pelos materiais disponíveis online, detalhando quais estavam acessíveis e em quais plataformas foram encontrados, incluindo sites de revistas digitais, universidades e organizações, tais como IGHB, Funag, Universidade Pedagógica de Maputo, UNEB, UFMG, UFBA, entre outras especificadas no Quadro 9. É importante destacar que em alguns títulos não foi possível obter todas as informações bibliográficas, alguns campos estarão vazios no quadro, sinalizados por (-),

indicando que tal informação não estava disponível no anuário nem disponível online por fonte oficial.

Quadro 1: Levantamento exaustivo das Obras de Yeda Pessoa de Castro

Título da produção	Tipo de material	Título da obra	Coautoria/ Organização	Instituição responsável pela edição	Local	Ano	Edição
A Dignidade Restaurada de Exú ou o Encanto do Contador das Histórias	Capítulo (livro)	<i>Jorge Amado: Um Grapiúna no País do Carnaval</i>	Vera Rollemberg (Org.)	Editora Casa de Palavras	Salvador	2000	-
A Diversidade das Línguas Africanas e Atitudes Linguísticas no Relacionamento Brasil-África	Capítulo (livro)	<i>Relações do Atlântico Sul: História e Contemporaneidade</i>	Jaci Maria Ferraz de Menezes; Yeda Pessoa de Castro; José Manuel Gonçalves (Org.)	Editora UNEB	Salvador	2003	-
A Herança Bantu e suas Recriações	Publicações em anais de congresso	Crises e Reconstruções	VI Congresso da ALADAAD	LGE	Brasília	1998	-
A Identidade Tecida pela Palavra	Artigo	Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	-	Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	Bahia	2009	v. 104
A influência africana no português do Brasil - um estudo pioneiro de africanias no português brasileiro	Capítulo/ Prefácio (livro)	<i>A influência africana no português do Brasil</i>	-	A Fundação Alexandre de Gusmão - FUNAG	Brasília	2012	-
A influência das línguas africanas no português brasileiro	Capítulo (livro)	<i>Pasta de textos da professora e do professor</i>	-	Secretaria Municipal de Educação - Prefeitura da Cidade do Salvador (Org.)	Salvador	2005	-
A invisibilidade das línguas negroafricanas no português brasileiro	Artigo	Revista eletrônica KULAMBEL A	-	Universidade de Moçambique	Bahia	2017	v. 12
A língua de santo: marca de identidade etnorreligiosa	Capítulo (livro)	<i>De arte Grammatica: Festschrift für Eberhard Gärtner zu</i>	Cornelia Döll (Herausgeber, Vorwort), Christine	Valentia	Frankfurt am Main - Alemanha	2010	1 ed.

		seinem 65. Geburtstag	Hundt (Herausgeber, Vorwort), Sybille Grosse (Herausgeber, Vorwort), Axel Schönberger (Herausgeber, Vorwort) Org.				
A língua banguela, território de identidade negro-africana em Minas Gerais	Artigo	Revista ALPHA - Revista do Centro Universitário de Patos de Minas	-	UNIPAM - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE PATOS DE MINAS	Minas Gerais	2019	v. 20 n. 01
A língua minajeje no Brasil, uma língua negro-africana documentada em Vila Rica no século XVIII	Capítulo (livro)	<i>História Social da Língua Nacional 2 - Diáspora africana</i>	Ivana Stolze Lima e Laura do Carmo (Org.)	NAU Editora	Rio de Janeiro	2014	1 ed.
<i>A língua minajeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto no século XVIII</i>	Livro	-	-	Fundação João Pinheiro	Belo Horizonte	2002	v. 01
A matriz africana no português do Brasil	Capítulo (livro)	<i>Quinhentos anos de história linguística do Brasil</i>	Suzana Alice CARDOSO, Jacyra MOTA, Rosa Virgínia Mattos SILVA (Org.)	Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia	Salvador	2006	-
A palavra africana na configuração da etnicidade brasileira	Artigo	Revista da FAEEBA	-	Universidade do Estado da Bahia – UNEB	Salvador	2009	v. Especial (18)
A participação das línguas africanas na construção do português do Brasil	Artigo	Kilombo	-	EDICERA (Les Éditions du CERAFA)	Libreville	2008	v. 4
A participação de falantes africanos na história do	Capítulo (livro)	<i>Estudos sobre o português brasileiro</i>	EBERHARD GÄRTNER, AXEL	Valentia	Frankfurt am Main - Alemanha	2009	v. 08

português do Brasil			SCHÖNBERGER (Org.)				
A participação de falantes africanos no português brasileiro: aspectos sócio-históricos e linguístico	Capítulo (livro)	<i>Interpenetração da língua e culturas de/em língua portuguesa na CPLP</i>	Associação das Universidades de Língua Portuguesa (Org.)	Instituto Internacional da Língua Portuguesa	Cabo verde	2010	1 ed.
A presença cultural negro-africana no Brasil: mito e realidade	Publicações em anais de congresso	Ensaios/Pesquisas	-	Univ. federal da Bahia - Centro de estudos afro-orientais	Salvador	1981	n. 10
A propósito do que dizem os vissungos	Capítulo (livro)	<i>Vissungos: contos afrodescendentes em Minas Gerais</i>	Neide Freitas Sampaio (Org.)	Edições Viva Voz	Belo Horizonte	2009	2 ed.
A propósito do que dizem os vissungos	Artigo	Cantos afrodescendentes	-	Revista Cantos afrodescendentes	Belo Horizonte	2008	
A propósito do que dizem os vissungos	Capítulo (livro)	<i>Vissungos - cantos afrodescendentes em Minas Gerais</i>	Neide Freitas Sampaio; Sonia Quirox (Org.)	Edições Viva Voz - FALE/UFMG	Belo Horizonte	2015	3 ed.
A Sobrevivência das Línguas Africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia	Artigo	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1967	v. 4-5
<i>Acolhendo as línguas africanas</i>	Livro	<i>Acolhendo as línguas africanas</i>	Norma Da Silva Lopes, Yeda Pessoa De Castro e Edil Silva Costa	Eduneb	Salvador	2010	1 ed.
Afoxé: die afrikanischen Wurzeln des brasilianischen Karnevals	Artigo	-	-	Forum Brasil	-	-	-
África descoberta: uma história recontada	Artigo	Revista de Antropologia	-	USP	São Paulo	1980	v. 23
African Languages and	Artigo	Proceedings of the Special	Margarida Maria	USP	São Paulo	2008	-

Brazilian Portuguese: a new approach		World Congress of African Linguistics. São Paulo: Humanitas	Taddoni PETTER, Ronald Beline MENDES (Org.)				
<i>Africanias em terras brasílicas</i>	Livro	-	-	Editora Vozes - FALÉ/UFMG	Belo Horizonte	2022	196 p
Agostinho da Silva e trinta anos de relacionament o linguístico Brasil-África	Capítulo (livro)	<i>Memorial de Agostinho da Silva: 100 anos, 150 nomes</i>	DAVI, Amon Pinho; EPIFÂNIO, Renato; PINHO, Romana Valente (Org.)	Associação Agostinho da Silva	Lisboa	2006	-
Antropologia e linguística nos estudos afro-brasileiros	Artigo	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - FBA	Salvador	1976	v. 12
As religiões de origem africana no Brasil: denominações, origens, cultos novos ou pouco conhecidos	Artigo	Culturas Africanas	Documentos da Reunião de Peritos sobre "A sobrevivência das tradições religiosas africanas nas Caraíbas e na América Latina"	UNESCO	Brasil	1985	-
As Vozes do Saber	Artigo	Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	-	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	Salvador	2008	v. 103
Aspectos Culturais e Linguísticos de Africania no Caribe	Capítulo (livro)	<i>A Herança Africana no Brasil e no Caribe</i>	Carlos Henrique Cardim; Rubens Gama Dias Filho (Org.)	Fundação Alexandre Gusmão - MRE	Brasília	2011	1 ed./ v. 01
Aspectos da Obra de Silva Campos	Artigo	Revista de Antropologia	-	USP	São Paulo	1978	v. 21/ n. 02
Camões com dendê	Artigo	Revista de história do Museu Nacional	-	http://www.revistadehistoria.com.br	Rio de Janeiro	2012	v. 7
<i>Camões com Dendê: O português do Brasil e os falares afro-brasileiros</i>	Livro	-	-	Topbooks	-	2022	1 ed.

Centenário do Nascimento de Oldegar Franco Vieira - 1915/2015	Artigo	Revista da Academia de Letras da Bahia	-	Academia de Letras da Bahia	Salvador	2016	n. 54
Centro de Estudos Baianos	Livro	Centro de Estudos Baianos	-	Universidade Federal da Bahia	Bahia	1980	-
Colaboração à Antropologia Linguística nos Estudos Afro-Brasileiros	Capítulo (livro)	<i>Faraimara: O Caçador Traz a Alegria</i>	Cléo Martins; Raul Lodi (Org.)	Pallas	Rio de Janeiro	2000	-
<i>Contos populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos</i>	Livro	Contos populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos	-	Departamento de Assuntos Culturais da Prefeitura de Salvador	Salvador	1978	-
Cultural and Linguistic Aspect of Africaness in the Caribbean	Capítulo (livro)	<i>A Herança Africana no Brasil e no Caribe - The African heritage in Brazil and the Caribbean</i>	Carlos Henrique Cardim; Rubens Gama Dias Filho (Org.)	Fundação Alexandre Gusmão - MRE	Brasília	2011	-
Culturas africanas nas Américas: Um esboço de pesquisa conjunta de localização dos empréstimos	Artigo	Afro-Ásia	Guilherme A. de Souza Castro	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1980	n. 13
Das línguas africanas ao português brasileiro	Artigo	Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	-	IPHAN	-	-	-
Das línguas africanas ao português brasileiro	Artigo	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1983	v. 14
Das línguas africanas ao português brasileiro (2020)	Artigo	Africanias em terras brasílicas	-	Edições Viva Voz - FALE/UFMG	Belo Horizonte	2022	-
De como Legba tornou-se interlocutor dos Deuses e dos Homens	Artigo	Caderno Pós Ciências Sociais	-	UFMA	São Luís do Maranhão	2004	v. 01/ n. 02
De l'intégration des apports	Tese (doutorado)	-	-	Universite Nationale du	Zaire	1976	-

africains dans les parlers de Bahia au Brésil				Zaire - UNAZA			
Descobrimos línguas africanas no Brasil	Artigo	Abralin: boletim da Associação Brasileira de Linguística	-	Associação Brasileira de Linguística	Curitiba - Paraná	1993	n. 14
Dimensão dos aportes africanos no Brasil	Capítulo (livro)	<i>Vivaldo da Costa Lima, intérprete afro-brasileiro</i>	BACELAR, Jeferson, PEREIRA, Claudio (Org.)	Edufba	Salvador	2007	-
Dimensão dos aportes africanos no Brasil	Artigo	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1995	v. 16
Discurso de posse	Artigo	Revista da Academia de Letras da Bahia	-	Academia de Letras da Bahia	Salvador	2016	n. 54
Do Dito ao Escrito: A Tradição do Saber das Ialorixás	Publicações em anais de congresso	2º Encontro de Leitura e Literatura da UNEB: Entre discursos, práticas e mediações em espaços de leitura e literatura	-	Quarteto	Salvador	2007	6 ed.
E por falar em samba, uma forma de oração	Artigo	Revista Ìrohìn	-	Ìrohìn Centro de Documentação, Comunicação e Memória Afro-Brasileira	Bahia	2007	v. 20
Etnônimos Africanos e Formas Ocorrentes no Brasil	Artigo	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1968	v. 6-7
<i>Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro</i>	Livro	Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro	-	Topbooks	Rio de Janeiro	2001	1 ed.
<i>Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro</i>	Livro	Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro	-	Topbooks	Rio de Janeiro	2005	2 ed.
Influências de línguas africanas no português do	Artigo	Revista Educação	-	Revista Educação	Brasília	1977	v. 6/ n. 25

Brasil e níveis socioculturais de linguagem							
L'Afrique Au Brasil, une Nouvelle Approche	Artigo	Recherche Pédagogie Et Culture	-	AFRIQUE ET BRESIL	-	1983	v. 64
Las Religiones de Origen Africano en Brasil. Culturas Afroamericanas: de esclavos a ciudadanos	Artigo	Revista de Cultura Hispano-americana	-	Revista de Cultura Hispano-americana	Badajoz - Espanha	2000	-
Lenguas africanas: factor de resistencia en la Ruta del Esclavo	Artigo	Del Caribe	-	Instituto Hispano Cubano	Santiago de Cuba	1998	-
Língua e Nação de Candomblé	Artigo	África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP	-	CEA/USP	São Paulo	1981	v. 04
Linguagem com sabor de dendê	Capítulo (livro)	<i>Jorge Amado: 100 anos escrevendo o Brasil</i>	-	Casa de Palavras	Salvador	2013	-
Línguas Africanas como Objeto de Estudo e Ensino no Brasil	Artigo	.	-	Lusorama	Berlin	1997	-
Línguas africanas e o português do Brasil	Artigo	Revista Ìrohin	-	Ìrohin Centro de Documentação, Comunicação e Memória Afro-Brasileira	Bahia	2007	v. 17
Línguas africanas e o português do Brasil	Artigo	Biblioteca Entre Livros	-	SEC	Salvador	2012	v. Especial
Línguas Africanas e Realidade Brasileira	Artigo	Educação, Linguagem e Sociedade - Revista da FAEBA	-	UNEB	Salvador	2001	v. 10
Línguas Africanas no Brasil: Exclusão e Preconceito	Artigo	Revista Palmares em Ação	-	Fundação Palmares	Brasília	2002	-

Marcas de Africanas nas Américas, o exemplo do Brasil	Artigo	.	-	Africanias.com	-	2014	v. 06
Marcas de Africanas no Português Brasileiro	Artigo	.	-	Africanias.com	-	2011	v. 01
Marcas de africanas no português do Brasil: o legado negroafricano nas Américas	Artigo	Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura	-	Universidade Federal de Sergipe - UFS	Sergipe	2016	v. 24
Marcas lexicais africanas em contextos afro-brasileiros	Artigo	Kilombo	-	EDICERA (Les Éditions du CERAFIA)	Libreville	2009	v. 5
Marcas lexicais africanas em contextos afro-brasileiros	Publicações em anais de congresso	III Encontro de Professores de Literatura Africana - Pensando África	-	III Encontro de Professores de Literaturas Africanas - Pensando África	Rio de Janeiro	2008	-
No canto do acalanto	Artigo	-	-	Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA	Salvador	1990	-
Notícia de uma Pesquisa em África	Artigo	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1965	v. 01
O Afro-Negro e a Língua do Brasil	Publicações em anais de congresso	Os Afro-Brasileiros - III Congresso Afro-Brasileiro	-	III Congresso Afro-Brasileiro	Recife - Massangana	1985	-
O Ensino de Línguas Africanas no Brasil	Capítulo (livro)	<i>Os Negros, os Conteúdos Escolares e a Diversidade Cultural</i>	Ivan Costa Lima; Jeruse Romão; Sônia Maria Silveira (Org.)	Núcleo de Estudos Negro - NEN	Florianópolis	1998	-
O português do Brasil, uma intromissão nessa história	Capítulo (livro)	<i>África-Brasil: caminhos da língua portuguesa</i>	Charlotte Galves, Helder Garmes, Fernando Rosa Ribeiro (Org.)	Unicamp	Campinas	2009	-
O Português e as línguas africanas no Brasil colonial	Capítulo (livro)	<i>Romania en interacción: Entre historia, contacto y política. Ensayo</i>	SCHRADE R-KNIFFKI, Martina / MORGENTHALER,	Iberoamerica na Vervuert	Frankfurt/Madrid	2007	-

		<i>os en homenaje a Klaus Zimmermann</i>	Laura García (Org.)				
O Protesto no Conto do Canto do Acalanto	Artigo	Revista da Academia de Letras da Bahia	-	Academia de Letras da Bahia	Salvador	2015	n. 53
O Tráfico transatlântico e a distribuição da população negra escravizada no Brasil Colônia	Artigo	-	-	Africanias.com	-	2012	v. 02
Os escravos foram calados na história do país	Artigo	Revista Muito	-	Revista Muito - Grupo a tarde	Salvador	2011	-
Os Falares africanos na interação social do Brasil Colônia	Capítulo (livro)	<i>Sociedade e cultura e língua</i>	Linalda de arruda Mello (org.)	Shorin	João Pessoa	1990	-
<i>Os Falares africanos na interação social do Brasil Colônia</i>	Livro	<i>Os Falares africanos na interação social do Brasil Colônia</i>	-	Centro de Estudos Baianos - Universidade Federal da Bahia	Bahia	1980	31 p
Oxum	Capítulo (livro)	<i>África Bahia</i>	Francisco Santos (Org.)	Francisco Santos	Salvador	2000	-
Para um Estudo Comparativo de Bantuismos na Iberoamérica	Artigo	Kilombo	-	EDICERA (Les Éditions du CERAFA)	Libreville	2001	v. 01
Proyección histórica y perspectivas de la población negra en Bahia	Capítulo (livro)	<i>Presencia Africana en Sudamérica</i>	Luz Maria Martinez Montiel (Org.)	Consejo Nacional para la Cultura y las Artes	México - DF	1995	-
Presença cultural negro-africana no Brasil: mito e realidade	Artigo	-	-	Centro de Estudos Afro-Orientais	Salvador	1981	-
Quem eram os escravos de Jó?	Artigo	-	-	Jornal da CMF	Ceará	2008	-
Quem eram os escravos de Jó?	Artigo	-	-	Jornal de Angola online	-	-	-
Questões teóricas específicas	Capítulo (livro)	<i>Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos</i>	-	Parábola	São Paulo	2011	v. 01

Redescobrimdo as línguas africanas	Capítulo (livro)	<i>Luanda: Chá de Caxinde</i>	Rita Chaves; Carmen Secco; Tania Macêdo (Org.)	UNESP	São Paulo	2006	-
Redescobrimdo as línguas africanas	Capítulo (livro)	<i>Brasil/África: Como se o mar fosse mentira</i>	Rita Chaves; Carmen Secco; Tania Macêdo (Org.)	Imprensa Universitária/ Universidade Eduardo Mondlane	Maputo	2003	-
Repensando a Língua Portuguesa	Capítulo (livro)	<i>Orientações Curriculares - Expectativas de Aprendizagem para a Educação Étnico-Racial</i>	Rosana de Souza (Org.)	Imprensa Oficial do Estado de São Paulo	São Paulo	2008	v. 01
Réplicas Populares	Artigo	Revista Brasileira de Folclore	-	FUNARTE - Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	Rio de Janeiro	1967	v. 18
Resistência e Identidade	Artigo	-	-	Jornal A Tarde - Caderno de Cultura	Salvador	2006	-
Também Mulher, Imagem de Deus	Publicações em anais de congresso	Mulher Negra: Preconceito, sexualidade e imaginário - IV Congresso Afro-Brasileiro	-	Editora Massangana	Recife	1994	-
Terminologia religiosa e o falar cotidiano em uma casa de culto afro-brasileira	Dissertação (mestrado)	-	-	Universidade Federal da Bahia - UFBA	Bahia	1972	-
The African Culture in the Americas: Introduction to Joint Research on the Locations of Loan-Words	Publicações em anais de congresso	Black Civilization and African Languages	Guilherme A. de Sousa Castro	2nd World Black and African Festival of Arts and Culture - FESTAC	Nigéria, Lagos - Kaduna	1977	-
The African Word in the Configuration of Brazilian Ethnicity	Artigo	Revista da FAEEBA	-	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB	Salvador	2009	v. Especial (18)
The religious terminology and everyday speech vocabulary of	Tese (mestrado)	Religious terminology and everyday speech vocabulary of	-	University of Ifé - UNIFE	Nigéria	1974	-

an afro-brazilian cult house		an afro-brazilian cult-group					
Towards a Comparative Approach of Bantuisms in Iberoamerica	Capítulo (livro)	<i>AfricAmericas. Itineraries, dialogues, and sounds</i>	PHAF-RHEINBERGER, Ineke; PINTO, Tiago de Oliveira. (Org.)	Iberoamerica na/ Vervuert	Frankfurt/Madrid	2008	v. 119
Um panorama das línguas faladas na África	Capítulo (livro)	<i>África no mundo contemporâneo: estruturas e relações</i>	Jonuel Gonçalves. (Org.)	Mayamba Editora	Luanda - Angola	2014	1 ed.
Uma forma teatral popular brasileira em África	Artigo	-	-	Centro de Estudos Folclóricos	Recife	19??	-
Uma língua africana documentada no Brasil do século XVIII	Capítulo (livro)	<i>Século das luzes</i>	THIELEMAN, Werner. (Org.)	Biblioteca Luso-Brasileira	Frankfurt am Main	2006	-
Universidade e Desigualdade: Brancos e Negros no Ensino Superior. Presente!	Artigo	-		Revista de Educação	Salvador	2005	-

É oportuno apontar que do Quadro 1 foi possível observar quantas obras Yeda Pessoa de Castro publicou em países estrangeiros, identificando assim sua relevância internacional. Foram elencadas publicações em 11 países além do Brasil, 6 países na África, 3 na Europa e 2 na América Latina, ela possui 10 obras publicadas em outro idioma, 1 em alemão, 2 em francês, 3 em espanhol e 4 em inglês, sendo 2 dessas obras traduções de obras em português.

Após finalizar o levantamento geral das obras (Quadro 1), foram separados os títulos por gênero e em ordem cronológica, acrescentando a informação sobre o número de páginas das obras (Quadro 2, 3, 4, 5 e 6). Essa sistematização permitiu identificar o gênero mais predominante na produção da autora.

Quadro 2: Publicação em anais de Congresso

Título da produção	Título da obra	Coautoria/ Organização	Instituição responsável pela edição	Local	Ano	Edição	Nº de pág.
O Afro-Negro e a Língua do Brasil	Os Afro-Brasileiros - III Congresso Afro-Brasileiro	-	III Congresso Afro-Brasileiro	Recife - Massangana	1985	-	-

A Herança Bantu e suas Recriações	Crises e Reconstruções	VI Congresso da ALADAAD	LGE	Brasília	1998	-	p. 40-46
Do Dito ao Escrito: A Tradição do Saber das Ialorixás	2 Encontro de Leitura e Literatura da UNEB: Entre discursos, práticas e mediações em espaços de leitura e literatura	-	Quarteto	Salvador	2007	-	
African Languages and Brazilian Portuguese: a new approach	Proceedings of the Special World Congress of African Linguistics. São Paulo: Humanitas	Margarida Maria Taddoni PETTER, Ronald Beline MENDES (Org.)	USP	São Paulo	2008	-	9 p (p. 47-56)
Marcas lexicais africanas em contextos afro-brasileiros	III Encontro de Professores de Literatura Africana - Pensando África	-	III Encontro de Professores de Literaturas Africanas - Pensando África	Rio de Janeiro	2008	-	
Também Mulher, Imagem de Deus	Mulher Negra: Preconceito, sexualidade e imaginário - IV Congresso Afro-Brasileiro	-	Editora Massangana	Recife	1994	-	
The African Culture in the Americas: Introduction to Joint Research on the Locations of Loan-Words	Black Civilization and African Languages	Guilherme A. de Sousa Castro	2nd World Black and African Festival of Arts and Culture - FESTAC	Nigéria, Lagos - Kaduna	1977	-	39 p (p. 1-40)
A presença cultural negro-africana no Brasil: mito e realidade	Ensaaios/ Pesquisas	-	Univ. federal da Bahia - Centro de estudos afro-orientais	Salvador	1981	n. 10	p. 1-10

Acima foram elencados os títulos de publicação em anais de Congresso em ordem cronológica de publicação e abaixo (Quadro 3) os títulos de artigos publicados, também em ordem cronológica de publicação.

Quadro 3: Artigos publicados

Título da produção	Título da obra	Coautoria/ Organização	Instituição responsável pela edição	Local	Ano	Edição	Nº de pág.
Notícia de uma Pesquisa em África	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1965	v. 01	p. (41 – 56)
A Sobrevivência das Línguas Africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1967	v. 4-5	p. (25 – 34)
Réplicas Populares	Revista Brasileira de Folclore	-	FUNARTE - Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	Rio de Janeiro	1967	v. 18	p. 117 - 138
Etnônimos Africanos e Formas Ocorrentes no Brasil	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1968	v. 6-7	p. 63-82
Antropologia e linguística nos estudos afro-brasileiros	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1976	v 12	p. 211 - 228
Influências de línguas africanas no português do Brasil e níveis socioculturais de linguagem	Revista Educação	-	-	Brasília	1977	v.6 / n 25	p. 49 – 64
Aspectos da Obra de Silva Campos	Revista de Antropologia	-	USP	São Paulo	1978	v. 21/n.02	p. 175 - 180
África descoberta: uma história recontada	Revista de Antropologia	-	USP	São Paulo	1980	v.23	p. 135-140
Culturas africanas nas Américas: um esboço de pesquisa conjunta de localização dos empréstimos	Afro-Ásia	Guilherme A. de Souza Castro	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1980	n. 13	p. 27-50
Língua e Nação de Candomblé	África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP	-	CEA/USP	São Paulo	1981	v.04	p. 57-78

Presença cultural negro-africana no Brasil: mito e realidade	-	-	Centro de Estudos Afro-Orientais	Salvador	1981	-	12 p
Das línguas africanas ao português brasileiro	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1983	v. 14	p. 81 - 106
L'Afrique Au Brasil, une Nouvelle Approche	Recherche Pédagogie Et Culture	-	AFRIQUE ET BRESIL	-	1983	v. 64	96 p
As religiões de origem africana no Brasil: denominações, origens, cultos novos ou pouco conhecidos	Culturas Africanas	Documentos da Reunião de Peritos sobre "As sobrevivências das tradições religiosas africanas nas Caraíbas e na América Latina"	UNESCO	Brasil	1985	-	p. 173 - 196
No canto do acalanto	-	-	Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA	Salvador	1990	-	7 p
Descobrimos línguas africanas no Brasil	Abralin: boletim da Associação Brasileira de Linguística	-	Associação Brasileira de Linguística	Curitiba - Paraná	1993	n.14	p. 333-339
Dimensão dos aportes africanos no Brasil	Afro-Ásia	-	Afro-Ásia - UFBA	Salvador	1995	v.16	p. 24 - 35
Línguas Africanas como Objeto de Estudo e Ensino no Brasil	-	-	Lusorama	Berlin	1997	-	p. 52 - 60
Lenguas africanas: factor de resistencia en la Ruta del Esclavo	Del Caribe	-	Instituto Hispano Cubano	Santiago de Cuba	1998	-	p. 71 - 74
Las Religiones de Origen Africano en Brasil. Culturas	Revista de Cultura Hispano-americana	-	-	Badajoz - Espanha	2000	-	p. 25 - 37

Afroamericana s: de escravos a ciudadanos							
Línguas Africanas e Realidade Brasileira	Educação, Linguagem e Sociedade - Revista da FAEEBA	-	UNEB	Salvador	2001	v. 10	p. 83 - 92
Para um Estudo Comparativo de Bantuismos na Iberoamérica	Kilombo	-	EDICERA (Les Éditions du CERAFIA)	Libreville	2001	v. 01	p. 29 - 36
Línguas Africanas no Brasil: Exclusão e Preconceito	Revista Palmares em Ação	-	Fundação Palmares	Brasília	2002	-	p. 37 - 41
De como Legba tornou- se interlocutor dos Deuses e dos Homens	Caderno Pós Ciências Sociais	-	UFMA	São Luís do Maranhão	2004	v.01/n. 02	p. 123 - 133
Universidade e Desigualdade: Branços e Negros no Ensino Superior. Presente!	-	-	Revista de Educação	Salvador	2005	-	p. 71 - 72
Resistência e Identidade	-	-	Jornal A Tarde - Caderno de Cultura	Salvador	2006	-	p. 10 - 11
E por falar em samba, uma forma de oração	Revista Ìrohìn	-	Ìrohìn Centro de Documentaça ão, Comunicaçã o e Memória Afro- Brasileira	Bahia	2007	v. 20	p. 32-33
Línguas africanas e o português do Brasil	Revista Ìrohìn	-	Ìrohìn Centro de Documentaça ão, Comunicaçã o e Memória Afro- Brasileira	Bahia	2007	v. 17	p. 32 - 33
A participação das línguas africanas na construção do português do Brasil	Kilombo	-	EDICERA (Les Éditions du CERAFIA)	Libreville	2008	v. 4	p. 61-68

A propósito do que dizem os visungos	Cantos afrodescendentes	-	-	Belo Horizonte	2008	-	p. 04 - 07
As Vozes do Saber	Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	-	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	Salvador	2008	v. 103	p. 13-24
Quem eram os escravos de Jó?	-	-	Jornal da CMF	Ceará	2008	-	p 17
A Identidade Tecida pela Palavra	Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	-	Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	Bahia	2009	v. 104	p. 30-45
A palavra africana na configuração da etnicidade brasileira	Revista da FAEEBA	-	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB	Salvador	2009	v. Especial (18	235 p (p. 205-212)
Marcas lexicais africanas em contextos afro-brasileiros	Kilombo	-	EDICERA (Les Éditions du CERAFIA)	Libreville	2009	v. 5	p 119 - 131
The African Word in the Configuration of Brazilian Ethnicity	Revista da FAEEBA	-	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB	Salvador	2009	v. Especial (18	p. 205 - 212
Marcas de Africa no Português Brasileiro	-	-	Africanias.com	-	2011	V .01	7 p
Os escravos foram calados na história do país	Revista Muito	-	Revista Muito - Grupo a tarde	Salvador	2011	-	p. 6 - 10
Camões com dendê	Revista de história do Museu Nacional	-	http://www.revistadehistoria.com.br	Rio de Janeiro	2012	v. 7	p. 36-39
Línguas africanas e o português do Brasil	Biblioteca Entre Livros	-	SEC	Salvador	2012	v. Especial	p. 70 - 73
O Tráfico transatlântico e a distribuição da população negra escravizada no Brasil Colônia	-	-	Africanias.com	-	2012	v. 02	13 p
Marcas de Africa nas Américas, o	-	-	Africanias.com	-	2014	v. 06	14 p

exemplo do brasil							
O Protesto no Conto do Canto do Acalanto	Revista da Academia de Letras da Bahia	-	Academia de Letras da Bahia	Salvador	2015	n. 53	p. 53 - 70
Centenário do Nascimento de Oldegar Franco Vieira - 1915/2015	Revista da Academia de Letras da Bahia	-	Academia de Letras da Bahia	Salvador	2016	n. 54	p. 269 - 276
Discurso de posse	Revista da Academia de Letras da Bahia	-	Academia de Letras da Bahia	Salvador	2016	n. 54	p. 397 - 412
Marcas de africania no português do brasil: o legado negroafricano nas américas	Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura	-	Universidade Federal de Sergipe - UFS	Sergipe	2016	v. 24	p. 11 - 24
A invisibilidade das línguas negroafricanas no português brasileiro	Revista eletrônica KULAMBEL A	-	Universidade de Moçambique	Bahia	2017	v. 12	p. 124 - 234
A língua banguela, território de identidade negro-africana em Minas Gerais	Revista ALPHA - Revista do Centro Universitário de Patos de Minas	-	UNIPAM - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE PATOS DE MINAS	Minas Gerais	2019	v. 20 n. 01	138 p (p. 121 - 130)
Das línguas africanas ao português brasileiro (2020)	Africanias em terras brasílicas	-	Edições Viva Voz - FALE/UFMG	Belo Horizonte	2020	-	p. 11 - 118
Uma forma teatral popular brasileira em África	-	-	Centro de Estudos Folclóricos	Recife	19??	-	8 p
Afoxé: die afrikanischen Wurzeln des brasilianischen Karnevals	-	-	Forum Brasil	-	-	-	-
Das línguas africanas ao português brasileiro	Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	-	IPHAN	-	-	-	-
Quem eram os escravos de Jó?	-	-	Jornal de Angola online	-	-	-	-

Também foram identificadas publicações em coautoria, nas quais Yeda Pessoa de Castro contribuiu com capítulos de livros, conforme demonstrado a seguir. A análise dessas colaborações é relevante do ponto de vista historiográfico, pois permite observar tanto a quantidade quanto a natureza de suas parcerias com outros linguistas.

Quadro 4: Capítulos de livros publicados

Título da produção	Título da obra	Coautoria/ Organização	Instituição responsável pela edição	Local	Ano	Edição	Nº de pág.
Os Falares africanos na interação social do Brasil Colônia	<i>Sociedade cultura e língua</i>	Linalda de arruda Mello (org.)	Shorin	João Pessoa	1990	-	p. 91 - 113
Proyección histórica y perspectivas de la población negra en Bahia	<i>Presencia Africana en Sudamérica</i>	Luz Maria Martinez Montiel (Org.)	Consejo Nacional para la Cultura y las Artes	México - DF	1995	-	p. 333 - 387
O Ensino de Línguas Africanas no Brasil	<i>Os Negros, os Conteúdos Escolares e a Diversidade Cultural</i>	Ivan Costa Lima; Jeruse Romão; Sônia Maria Silveira (Org.)	Núcleo de Estudos Negro - NEN	Florianópolis	1998	-	p. 29 - 38
A Dignidade Restaurada de Exú ou o Encanto do Contador das Histórias	<i>Jorge Amado: Um Grapiúna no País do Carnaval</i>	Vera Rollemberg (Org.)	Editora Casa de Palavras	Salvador	2000	-	362 p (p 311 - 315)
Colaboração à Antropologia Linguística nos Estudos Afro-Brasileiros	<i>Faraimara: O Caçador Traz a Alegria</i>	Cléo Martins; Raul Lodi (Org.)	Pallas	Rio de Janeiro	2000	-	p. 81-97
Oxum	<i>África Bahia</i>	Francisco Santos (Org.)	Francisco Santos	Salvador	2000	-	p. 85 - 88
A Diversidade das Línguas Africanas e Atitudes Linguísticas no Relacionamento Brasil-África	<i>Relações do Atlântico Sul: História e Contemporaneidade</i>	Jaci Maria Ferraz de Menezes; Yeda Pessoa de Castro; José Manuel Gonçalves (Org.)	Editora UNEB	Salvador	2003	-	p 35 - 38
Redescobrimos as línguas africanas	<i>Brasil/África: Como se o mar fosse mentira</i>	Rita Chaves; Carmen Secco; Tania Macêdo (Org.)	Imprensa Universitária/Universidade de Eduardo Mondlane	Maputo	2003	-	p. 359 - 374
A influência das línguas africanas no	<i>Pasta de textos da professora e do professor</i>		Secretaria Municipal de Educação	Salvador	2005	-	-

português brasileiro			- Prefeitura da Cidade do Salvador (Org.)				
A matriz africana no português do Brasil	<i>Quinhentos anos de história linguística do Brasil</i>	Suzana Alice CARDOSO, Jacyra MOTA, Rosa Virgínia Mattos SILVA (Org.)	Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia	Salvador	2006	-	p. 81-116
Agostinho da Silva e trinta anos de relacionamento linguístico Brasil-África	<i>Memoriam de Agostinho da Silva: 100 anos, 150 nomes</i>	DAVI, Amon Pinho; EPIFÂNIO, Renato; PINHO, Romana Valente (Org.)	Associação Agostinho da Silva	Lisboa	2006	-	p. 447-457
Redescobrimos as línguas africanas	<i>Luanda: Chá de Caxinde</i>	Rita Chaves; Carmen Secco; Tania Macêdo (Org.)	UNESP	São Paulo	2006	-	p. 361 - 376
Uma língua africana documentada no Brasil do século XVIII	<i>Século das luzes</i>	THIELEMAN, Werner. (Org.)	Biblioteca Luso-Brasileira	Frankfurt am Main	2006	-	p. 371 - 384
Dimensão dos aportes africanos no Brasil	<i>Vivaldo da Costa Lima, intérprete afro-brasileiro</i>	BACELAR, Jeferson, PEREIRA, Claudio (Org.)	Edufba	Salvador	2007	-	p. 177
O Português e as línguas africanas no Brasil colonial	<i>Romania en interacción: Entre historia, contacto y política. Ensayos en homenaje a Klaus Zimmermann</i>	SCHRADER-KNIFFKI, Martina / MORGENTHAUER, Laura García (Org.)	Iberoamericana Vervuert	Frankfurt/Madrid	2007	-	p. 361 - 379
Repensando a Língua Portuguesa	<i>Orientações Curriculares - Expectativas de Aprendizagem para a Educação Étnico-Racial</i>	Rosana de Souza (Org.)	Imprensa Oficial do Estado de São Paulo	São Paulo	2008	v. 01	p. 265 - 269
Towards a Comparative Approach of Bantuisms in Iberoamerica	<i>AfricAmericas. Itineraries, dialogues, and sounds</i>	PHAF-RHEINBERGER, Ineke; PINTO, Tiago de Oliveira. (Org.)	Iberoamericana Vervuert	Frankfurt/Madrid	2008	v. 119	p. 81 - 92

A participação de falantes africanos na história do português do Brasil	<i>Estudos sobre o português brasileiro</i>	EBERHARD GÄRTNER, AXEL SCHÖNBERGER (Org.)	Valentia	Frankfurt am Main - Alemanha	2009	v. 08	p. 85-98
A propósito do que dizem os visungos	<i>Vissungos: contos afrodescendentes em Minas Gerais</i>	Neide Freitas Sampaio (Org.)	Edições Viva Voz	Belo Horizonte	2009	2 ed.	p. 67 - 72
O português do Brasil, uma intromissão nessa história	<i>África-Brasil: caminhos da língua portuguesa</i>	Charlotte Galves, Helder Garmes, Fernando Rosa Ribeiro (Org.)	Unicamp	Campinas	2009	-	p. 175 - 184
A língua de santo: marca de identidade etnorreligiosa	<i>De arte Grammatica: Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 65. Geburtstag</i>	Cornelia Döll (Herausgeber, Vorwort), Christine Hundt (Herausgeber, Vorwort), Sybille Grosse (Herausgeber, Vorwort), Axel Schönberger (Herausgeber, Vorwort) Org.	Valentia	Frankfurt am Main - Alemanha	2010	1 ed.	686 p
A participação de falantes africanos no português brasileiro: aspectos sócio-históricos e linguístico	<i>Interpenetração da língua e culturas de/em língua portuguesa na CPLP</i>	Associação das Universidades de Língua Portuguesa (Org.)	Instituto Internacional da Língua Portuguesa	Cabo Verde	2010	1 ed.	p. 106-115
Aspectos Culturais e Linguísticos de Africa no Caribe	<i>A Herança Africana no Brasil e no Caribe</i>	Carlos Henrique Cardim; Rubens Gama Dias Filho (Org.)	Fundação Alexandre Gusmão - MRE	Brasília	2011	1 ed./v.01	p. 89-102
Cultural and Linguistic Aspect of Africanity in the Caribbean	<i>A Herança Africana no Brasil e no Caribe - The African heritage in Brazil and the Caribbean</i>	Carlos Henrique Cardim; Rubens Gama Dias Filho (Org.)	Fundação Alexandre Gusmão - MRE	Brasília	2011	-	p. 103 - 116
Questões teóricas específicas	<i>Dicionários na teoria e na prática: como e</i>	-	Parábola	São Paulo	2011	v. 01	p. 58 - 61

	<i>para quem são feitos</i>						
A influência africana no português do Brasil - um estudo pioneiro de africanias no português brasileiro	<i>A influência africana no português do Brasil</i>	-	A Fundação Alexandre de Gusmão - FUNAG	Brasília	2012	-	200 p
Linguagem com sabor de dendê	<i>Jorge Amado: 100 anos escrevendo o Brasil</i>	-	Casa de Palavras	Salvador	2013	-	p. 65 - 74
A língua mina-jeje no Brasil, uma língua negro-africana documentada em Vila Rica no século XVIII	<i>História Social da Língua Nacional 2 - Diáspora africana</i>	Ivana Stolze Lima e Laura do Carmo (Org.)	NAU Editora	Rio de Janeiro	2014	1 ed.	p. 61-72
Um panorama das línguas faladas na África	<i>África no mundo contemporâneo: estruturas e relações</i>	Jonuel Gonçalves. (Org.)	Mayamba Editora	Luanda - Angola	2014	1 ed.	p. 25-44
A propósito do que dizem os vissungos	<i>Vissungos - cantos afrodescendentes em Minas Gerais</i>	Neide Freitas Sampaio; Sonia Quirox (Org.)	Edições Viva Voz - FALE/UFG	Belo Horizonte	2015	3 ed.	p. 73 - 78

Além de obras completas de livros publicadas, sendo o primeiro título datado de 1978 e o último de 2022:

Quadro 5: Livros publicados

Título da produção	Coautoria/ Organização	Instituição responsável pela edição	Local	Ano	Edição	Nº de pág.
<i>Contos populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos</i>	-	Departamento de Assuntos Culturais da Prefeitura de Salvador	Salvador	1978	-	50 p
<i>Os Falares africanos na interação social do Brasil Colônia</i>	-	Centro de Estudos Baianos - Universidade Federal da Bahia	Bahia	1980	-	31 p
<i>Falares africanos na</i>	-	Topbooks	Rio de Janeiro	2001	1 ed.	366 p

<i>Bahia: um vocabulário afro-brasileiro</i>						
<i>A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto no século XVIII</i>	-	Fundação João Pinheiro	Belo Horizonte	2002	v. 01	240 p
<i>Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro</i>	-	Topbooks	Rio de Janeiro	2005	2 ed.	367 p
<i>Acolhendo as línguas africanas</i>	Norma Da Silva Lopes, Yeda Pessoa De Castro e Edil Silva Costa	Eduneb	Salvador	2010	1 ed.	157 p
<i>Camões com Dendé: O português do Brasil e os falares afro-brasileiros</i>	-	Topbooks	-	2022	1 ed.	-
<i>Africanias em terras brasílicas</i>	-	Editora Vozes - FALE/UFMG	Belo Horizonte	2022	-	196 p

É interessante observar que Yeda Pessa de Castro publicou livros quase em todas as décadas desde 1978, demonstrando uma presença contante na produção de conhecimentos científicos no seu campo de atuação. Abaixo, no Quadro 6, foram elencadas também suas teses e dissertações:

Quadro 6: Teses e dissertações

Título da produção	Tipo de material	Instituição responsável pela edição	Local	Ano	Nº de pág.
The religious terminology and everyday speech vocabulary of an afro-brazilian cult house	Tese (mestrado)	University of Ifé - UNIFE	Nigéria	1974	101 folhas
Terminologia religiosa e o falar cotidiano em uma casa de culto afro-brasileira	Dissertação (mestrado)	Universidade Federal da Bahia - UFBA	Bahia	1972	148 folhas
De l'intégration	Tese (doutorado)	Universite Nationale du	Zaire	1976	-

des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil		Zaire - UNAZA			
--	--	------------------	--	--	--

Com essas informações em mãos e organizadas, foram reunidos, nos materiais disponíveis online, os títulos mais autocitados pela autora (Quadro 8) e elencadas as republicações das obras, inclusive as traduzidas para outras línguas (Quadro 9) e resenhadas por outros autores (Quadro 10).

Para a análise propriamente historiográfica, foi investigado, entre os trabalhos de Yeda Pessoa de Castro, aquele de grande relevância para a área e para carreira da autora. Dessa forma, foram separados os materiais mais autocitados pela autora e os republicados, uma vez que esses indicam um nível significativo de relevância, tanto para a autora quanto para a comunidade científica. Os materiais utilizados para a classificação do Quadro 8 foram retirados do levantamento geral, com o cuidado de buscar obras que estivessem disponíveis em domínio público (disponibilizadas gratuitamente por universidades e instituições), além de ser a conduta mais correta, evitando a pirataria, é uma evidência da relevância concedida à autora, já que as instituições revelam o interesse de tornar algumas de suas produções acessíveis.

Quadro 7: Corpus para o desenvolvimento do Quadro 8 (mais autocitados)

Título da obra	Site oficial
Aspectos da Obra de Silva Campos	USP Portal de revistas
A invisibilidade das línguas negroafricanas no português brasileiro	Universidade Pedagógica de Maputo
Aspectos Culturais e Linguísticos de Africa no Caribe/ Cultural and Linguistic Aspect of Africaness in the Caribbean	Fundação Alexandre de Gusmão - FUNAG
A influência das línguas africanas no português brasileiro	Secretaria da Educação de Salvador
A palavra africana na configuração da etnicidade brasileira	UBEB
A propósito do que dizem os vissungos (2009)	UFMG
África descoberta: uma história recontada	USP Portal de revistas

Línguas Africanas e Realidade Brasileira	UNEB
Língua e Nação de Candomblé	USP Portal de revistas
Das línguas africanas ao português brasileiro (1983)	Periódicos UFBA
De como Legba tornou-se interlocutor dos Deuses e dos Homens	Periódicos UFMA
Etnônimos Africanos e Formas Ocorrentes no Brasil	Periódicos UFBA
Marcas de africania no português do Brasil: o legado negroafricano nas Américas	Periódicos UFS
Dimensão dos aportes africanos no Brasil (1995)	Periódicos UFBA
Towards a Comparative Approach of Bantuisms in Iberoamerica	Ibero-Amerikanisches Institut (Instituto Ibero-americano do Patrimônio Cultural Prussiano)
Uma língua africana documentada no Brasil do século XVIII	Ibero-Amerikanisches Institut (Instituto Ibero-americano do Patrimônio Cultural Prussiano)
A influência africana no português do Brasil - um estudo pioneiro de africanias no português brasileiro	Fundação Alexandre de Gusmão - FUNAG
Também Mulher, Imagem de Deus	Biblioteca virtual CLACSO (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - instituição não governamental internacional, criada em 1967 pela Organização das Nações Unidas)
A Sobrevivência das Línguas Africanas no Brasil sua influência na linguagem popular da Bahia	Periódicos UFBA
Antropologia e linguística nos estudos afro-brasileiros	Periódicos UFBA
Culturas africanas nas Américas: um esboço de pesquisa conjunta de localização dos empréstimos	Periódicos UFBA
Notícia de uma Pesquisa em África	Periódicos UFBA

Os Falares africanos na interação social do Brasil Colônia (1980)	Repositório Institucional da UFBA
---	-----------------------------------

Com o material do Quadro 7, foram identificados os títulos de Yeda Pessoa de Castro que mais foram utilizados em suas próprias referências. Dessa forma, o Quadro 8 foi estabelecido, com os títulos organizados em ordem decrescente, especificando o número de menções e tipo de material.

Quadro 8: Mais autocitados

Títulos citados nas referências de obras da autora	QNT	TIPO DE MATERIAL
<i>Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro</i> 2005/2001	11	Livro
<i>A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto no século XVIII</i>	9	Livro
Os Falares africanos na interação social do Brasil Colônia 1980	8	Capítulo (livro)
De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil	7	Tese (doutorado)
<i>Contos populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos</i>	6	Livro
No canto do acalanto	4	Artigo
Lenguas africanas: factor de resistencia en la Ruta del Esclavo	3	Artigo
Antropologia e linguística nos estudos afro-brasileiros	3	Artigo
A propósito do que dizem os vissungos 2008/2009	3	
Língua e Nação de Candomblé	2	Artigo
Notícia de uma Pesquisa em África	2	Artigo
Também Mulher, Imagem de Deus	1	Artigo
E por falar em samba, uma forma de oração	1	Artigo
Etnônimos Africanos e Formas Ocorrentes no Brasil	1	Artigo
Culturas africanas nas Américas: um esboço de pesquisa conjunta de localização dos empréstimos	1	Artigo
A Sobrevivência das Línguas Africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia	1	Artigo
O Protesto no Conto do Canto do Acalanto	1	Artigo
As religiões de origem africana no Brasil: denominações, origens, cultos novos ou pouco conhecidos	1	Artigo
Proyección histórica y perspectivas de la población negra en Bahia	1	Capítulo (livro)

Línguas Africanas como Objeto de Estudo e Ensino no Brasil	1	Artigo
Las Religiones de Origen Africano en Brasil. Culturas Afroamericanas: de esclavos a ciudadanos	1	Artigo
Para um Estudo Comparativo de Bantuismos na Iberoamérica	1	Artigo

Com base no Quadro 1, foi possível observar as obras republicadas e traduzidas. Assim, foram selecionadas as obras que compõem o Quadro 9 abaixo:

Quadro 9: Títulos republicados

Títulos republicados	QNT	TIPO DE MATERIAL
Das línguas africanas ao português brasileiro (ano desconhecido, 1983 e 2022)	3	Artigo
A palavra africana na configuração da etnicidade brasileira (2009 – port e ingl)	2	Artigo
Aspectos Culturais e Linguísticos de Africa na no Caribe (2011 – port e ingl)	2	Capítulo (livro)
<i>Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro</i> (2001 e 2005)	2	Livro
A propósito do que dizem os visungos (2008, 2009 e 2015)	3	Artigo/capítulo
Dimensão dos aportes africanos no Brasil (1995 e 2007)	2	Artigo
Línguas africanas e o português do Brasil (2007 e 2012)	2	Artigo
<i>Os Falares africanos na interação social do Brasil Colônia 1980 e 1990</i>	2	Capítulo (livro)/Livro
<i>Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro 2001/2005</i>	2	Livro
Quem eram os escravos de Jó? (2008 e ano desconhecido)	2	Artigo
Redescobrimos as línguas africanas (2003 e 2006)	2	Capítulo (livro)

Foi também observado durante o levantamento exaustivo um material resenhado por um pesquisador de destaque no campo de pesquisa entre o contato de línguas africanas e o português do Brasil, Dante Lucchesi. Ele apresentou o processo de análise de Yeda Pessoa de Castro e pontuou a importância desse trabalho para a cultura brasileira, assim como o papel da autora na etnolinguística. Para ilustrar essa contribuição, foi elaborado o Quadro 10 abaixo:

Quadro 10: Títulos resenhados

Títulos resenhado	Autor	Ano
--------------------------	--------------	------------

A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto no século XVIII (2002)	Dante Lucchesi	2004
--	----------------	------

Para a análise, primeiramente, foram levadas em conta as obras do Quadro 8, dando a devida importância à frequência em que as obras foram citadas pela própria autora. Levar em consideração as autocitações é relevante, pois reflete os títulos que a própria pesquisadora valoriza como mais significativos em sua produção, utilizando-os para fundamentar análises e conceitos de outros trabalhos. Outro aspecto importante na seleção da obra foi a republicação de títulos, ou seja, o material de análise também deveria atender a esse critério. Assim, o material disponível que atendia a ambos os critérios e apresentava maior frequência de autocitações foi o livro *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (2001 e 2005).

3.2 Parâmetros de Análise e Programa de Investigação

Em uma interpretação historiográfica, é importante olhar para o passado, orientados por problemas e dúvidas, para que tenhamos evidências a serem problematizadas (Batista & Bastos, 2020, p. 41). Partindo desse ponto de vista, seguiu-se uma orientação metodológica, indicada por Ronaldo Batista, em relação à atenção aos parâmetros externos, de dimensão social, e aos parâmetros internos, do campo cognitivo.

Para uma maior delimitação da análise, foi empregado o conceito de “Programa de Investigação” desenvolvido por Swiggers em “The history writing of Linguistics: A methodological note” (1981, *apud* Borges, 2015), o qual define etapas para a análise do objeto de estudo. Sendo assim, no desenvolvimento do programa de investigação dessa pesquisa, os parâmetros externos e internos, citados por Batista, estão segmentados em “horizonte de retrospectação”, “visão da língua”, “natureza da análise” e “técnica”. Desse modo, emprega-se uma classificação próxima à usada por Patrícia de Souza Borges, em sua dissertação de mestrado “Línguas africanas e português brasileiro: análise historiográfica de fontes e métodos de estudos no Brasil (séc. XIX-XXI)” (Borges, 2015).

Basicamente, os parâmetros externos estão relacionados ao contexto histórico e cultural em que os estudiosos trabalham, além do envolvimento intelectual em que o autor se debruça, afinal, como apontam Batista e Bastos (2020), nenhum conhecimento é gerado no vácuo. Sendo assim, foi examinado o “horizonte de retrospectação” na obra selecionada para a análise, buscando-se compreender as ideias anteriores e os conhecimentos intelectuais e culturais presentes na obra que guiaram Yeda Pessoa de Castro em sua pesquisa. Para isso, foi feito um

levantamento das referências diretas e indiretas feitas no texto, separando-as das críticas diretas a outros autores e fontes de consulta.

Para a organização do “horizonte de retrospectão”, as obras mencionadas por Yeda Pessoa de Castro, diretamente no texto do livro em foco ou presentes na bibliografia, foram divididas em quadros temáticos para uma melhor visualização dos materiais utilizados pela autora. Dessa forma, foram desenvolvidos 8 quadros, reunindo:

- 1) Obras do campo da linguagem (linguística, lexicografia, dialetografia);
- 2) Obras de história/antropologia;
- 3) Vocabulários anteriores/Dicionários consultados;
- 4) Dicionários de referência, que exploram a relação entre as línguas africanas e o português do Brasil;
- 5) Identificação de presença africana em trabalhos artísticos;
- 6) Referências de registros históricos/antropológicos em textos não-científicos;
- 7) Críticas às metodologias de outros autores;
- 8) Autocitações.

Vale ressaltar que os itens (3) e (4) se diferenciam pela finalidade dada pela autora às informações presentes nas diferentes obras. Assim, verificou-se que as obras citadas em “Dicionários de referência” têm um papel diferente das mencionadas em “Vocabulários anteriores/Dicionários consultados”. Parte do primeiro grupo, item (3), o *Dictionnaire de Linguistique* foi citado como delimitador dos conceitos linguísticos de “empréstimo” e “decalque”, conforme compreendidos por Yeda Pessoa de Castro em seu trabalho. O *AURÉLIO*, integrante do mesmo conjunto, foi empregado para a comparação dos vocábulos arrolados por Yeda Pessoa de Castro, a fim de identificar quais deles já estavam dicionarizados. Já os vocabulários e dicionários presentes no item (4) referem-se especificamente a estudos sobre o contato entre o português do Brasil e as línguas africanas.

A identificação das temáticas das obras citadas por Yeda Pessoa de Castro foi realizada com base no conteúdo descrito diretamente no texto. Para as obras mencionadas apenas na bibliografia, foi feita uma pesquisa online sobre o título e o autor para determinar o principal campo de atuação da obra. Inicialmente, a intenção dessa divisão temática era incluir cada obra em um único quadro, aparecendo apenas uma vez. No entanto, há casos em que a mesma obra foi utilizada tanto como “Críticas às metodologias de outros autores” quanto como “Obras do campo da linguagem (linguística, lexicografia, dialetografia)”, visto que, naturalmente, a autora

se vale da consulta a obras para o enriquecimento de sua base teórica, mas possui ainda o olhar crítico nesse processo. Nessas situações, optou-se por manter referências à obra nos dois quadros, sinalizando-as com a convenção (*).

Já os autores podem aparecer mais de uma vez dentre os quadros, pois muitos deles desenvolveram mais de uma obra e, alguns, em campos de pesquisa distintos. Nos quadros, alguns campos foram indicados como “não informado”, tratando-se de ocorrências em que Yeda Pessoa de Castro menciona o autor, sem especificar o ano ou a obra. Na maioria desses casos, foi possível recorrer à bibliografia para o reconhecimento da obra e ano, como é possível observar nos títulos que se encontram entre parênteses após “não informado”. No entanto, algumas obras não estavam disponíveis na bibliografia, sendo mantida apenas a indicação “não informado”, na ausência de informações adicionais.

Dessa forma, foi feita uma tentativa de compreender as condições gerais de produção e difusão do conhecimento, relacionando-as com o contexto histórico do período de divulgação da obra. Embora não tenha se pretendido ser exaustivo, esse esforço serviu para contextualizar o momento histórico e cultural em que a obra foi produzida, em busca de recriar o “clima de opinião” do período, como registrado na subseção 4.1.3.

Em relação aos parâmetros internos, a “visão da língua” corresponde à concepção de língua adotada pela autora. Também foram analisadas a “natureza da análise” e a “técnica” empregadas, o que correspondeu à interpretação das abordagens adotadas e da metodologia utilizada por Yeda Pessoa de Castro, respectivamente, para a realização de suas conclusões.

Dessa forma, após as análises realizadas, conforme os parâmetros mencionados acima, a conclusão é alcançada por meio da comparação dos dados extraídos de ambos os grupos de parâmetros, internos (apresentados nas subseções 4.1.1, 4.1.2, 4.1.4, 4.1.5 e 4.1.6) e externos (apresentados na subseção 4.1.3). A correlação das duas ordens de parâmetros busca alcançar o aspecto principal na historiografia: “o olhar interpretativo que procura entender as razões de determinado trabalho apresentar as características que o definem” (Batista, 2013, p. 51). Além disso, a análise lexicográfica do vocabulário complementa a investigação da obra.

3.3 Diretrizes para a análise do Vocabulário

Como indicado anteriormente, o vocabulário presente na obra foi desenvolvido a partir da pesquisa de campo de Yeda Pessoa de Castro. A pesquisadora diz começar sua investigação nas manifestações folclóricas e nos falares africanos, correntes nas comunidades de religião afro-brasileira, e daquelas geograficamente localizadas em antigos núcleos de quilombos e

senzalas, buscando aprofundar-se nas modalidades dos falares baianos do Recôncavo e da cidade de Salvador, pois são “duas regiões que sempre estiveram interligadas por uma linha histórica contínua” (Castro 2005, p. 71). A pesquisa foi desenvolvida em 28 terreiros, dentre os locais investigados: 10 terreiros no município de Santo Amaro; 8 na Cidade de Cachoeira; 4 em São Félix; e 6 em Feira de Santana.

Para a pesquisa de campo, foi desenvolvido um questionário para ser aplicado dentro desses espaços: 34 questões introdutórias sobre a história de vida do informante e do terreiro; 1735 questões distribuídas nas seguintes áreas temáticas: crenças e costumes, casa e família, funções sexuais e partes do corpo humano, alimentação e vestuário, flora e fauna, cantos e cânticos. Yeda Pessoa de Castro não indica em que outros trabalhos se baseou para fazer tal questionário, mas explica que as perguntas eram dirigidas com o objetivo de recolher nomes de objetos ritualísticos, das divindades e seus respectivos apetrechos, dos graus de parentesco, de funções na hierarquia sócio-religiosa, de comidas, pratos e ingredientes, de animais e plantas sagradas, além de cânticos e ritmos específicos, saudações e formas de exorcismo.

Sendo assim, a partir do exame dos dados obtidos do questionário foi desenvolvido um corpus linguístico, organizado em 5 “níveis socioculturais de linguagem”, como Yeda Pessoa de Castro denomina. Esses níveis serão claramente especificados na subseção 4.1.5.

Na introdução da obra, Yeda Pessoa de Castro menciona o vocabulário, com seus 3.517 vocábulos (p. 126), como sendo desenvolvido de uma maneira inovadora, com entradas lexicais registradas “através da marcação dos níveis socioculturais de linguagem onde ocorrem, com seus respectivos significados, precedidos pela identificação da língua ou grupo de línguas de que derivam.” (Castro 2005, p. 17).

Ela comenta em “Notas introdutórias”, no capítulo IV - Vocabulário, que especificou nos vocábulos registrados em seu *corpus* os verbetes já dicionarizados, utilizando AURÉLIO (2010), e que os significados na obra lexicográfica consultada nem sempre coincidiam com o que os informantes registraram no estudo.

Sendo assim, os critérios considerados para a realização da análise desta pesquisa permeiam os conceitos da Lexicografia, uma vez que foi observada a organização das informações dentro do vocabulário, verificando-se a escolha da autora na disposição dos elementos que o compõem e a organização das entradas, isto é, um exame dos textos externos, da macroestrutura e de microestruturas, partes integrantes do vocabulário.

Nesta pesquisa, foram descritas as informações contidas nos textos externos, sendo eles “Notas introdutórias”, “Abreviaturas”, “Convenções” e “Símbolos fonéticos”, além de uma introdução referente à pesquisa de campo da autora e informações prévias, citadas por ela em outros capítulos da obra. Em relação à macroestrutura, foi analisada a estruturação do vocabulário, a fim de responder quatro perguntas, retiradas de Welker (2004):

- 1) O arranjo das entradas é temático ou alfabético?
- 2) Os verbetes têm todos o mesmo formato?
- 3) Há ilustrações gráficas e/ou tabelas no meio dos verbetes?
- 4) Informações sintáticas ou outras estão colocadas fora do bloco do verbete?

Por fim, dentre as microestruturas, foram observadas as tipologias de composição mais frequentes, dentre as definidas por Welker (2004), e a ordenação padrão dos verbetes estabelecida pela autora, comparando com casos que fugiram dessa organização. Além disso, foram contabilizados quantos verbetes apresentados foram indicados, por Yeda Pessoa de Castro, como dicionarizados em *AURÉLIO* (2001), Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

4 ANÁLISE

Para uma melhor visualização e interpretação das informações presentes na obra em estudo nesta monografia, optou-se pela apresentação de quadros, acompanhados pelas suas devidas análises e esclarecimentos. Na seção 4.1, e em suas respectivas subseções, será apresentada a análise no âmbito da Historiografia da Linguística, já na seção 4.2, e em suas subseções correspondentes, a análise terá um direcionamento Lexicográfico no estudo do vocabulário presente na obra de Yeda Pessoa de Castro.

4.1 Uma análise Historiográfica em Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro

Será apresentado nas subseções 4.1.1, 4.1.2, 4.1.4, 4.1.5 e 4.1.6 as análises referentes aos parâmetros internos da obra, já em 4.1.3, são informações referentes aos parâmetros externos, no tratamento do material de análise para a elaboração da narrativa historiográfica.

4.1.1 Resumo biográfico da autora e panorama geral de sua obra

O nome completo da linguista foco desta monografia é Yeda Antonita Pessoa de Castro, formou-se em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) entre 1954 e 1958. Posteriormente, realizou mestrado em Ciências Sociais na mesma instituição, de

1969 a 1972, com a dissertação intitulada "Terminologia religiosa e o falar cotidiano em uma casa de culto afro-brasileira", sob orientação de Joselice Macedo de Barreiros e Olasope Oyelaran.

Ela também concluiu seu mestrado na University of Ifé (Obafemi Awolowo University), na Nigéria, defendendo seu trabalho em Línguas Africanas entre os anos de 1972 e 1974, orientado por Olasope Oyelaran e com título de "The Religious Terminology and Everyday Speech Vocabulary of an Afro-Brazilian Cult House". Em seguida, obteve o título de doutorado entre os anos 1974 e 1976 na Université National du Zaïre, atual República Democrática do Congo, com a tese "De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil", sob a orientação de Jean-Pierre Angenot. Em 2012, completou um pós-doutorado na Universidade Agostinho Neto, em Angola.

Reconhecidamente etnolinguista, Yeda Pessoa de Castro é autora de obras relevantes nos estudos de línguas africanas, incluindo o livro *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, muito bem aceito pela crítica, como citado no boletim online da UFBA, Edgardigital (25/11/2022), e no site da Academia de Letras da Bahia, além de ter sido publicado em convênio com a Academia Brasileira de Letras. Essa obra foi um aperfeiçoamento das premissas de sua tese de doutorado, de 1976 (Castro, 2022, p.135), mas a autora pontua, na introdução do livro, que não se trata da versão em português de sua tese, mas sim de uma tentativa de ser um estudo pioneiro, capaz de contribuir com outras pesquisas científicas para a ampliação do conhecimento em relação às presenças de línguas africanas no português do Brasil.

A obra *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* corresponde a um livro de 366 páginas, dividido em 4 capítulos, sendo o último o vocabulário desenvolvido pela autora. A obra conta com 2 edições: a primeira com data de 2001 pela Topbooks Editora, e a segunda de 2005, pela mesma casa editorial. A de consulta para o desenvolvimento desta monografia foi a mais recente. A apresentação do livro foi feita por Luis Beltrán, então Vice-reitor de Relações Internacionais da Universidade de Alcalá, Espanha e a obra está subdividida nas seguintes seções, constantes do Quadro 11:

Quadro 11: Seções e subseções da obra em análise

Seção 1	Apresentação - Luís Beltrán
Seção 2	Introdução

Seção 3	I - Ortografia dos nomes
Seção 4	Povos e línguas africanas
Subseção 4.1	a) Classificação de Greenberg e de Guthrie
Subseção 4.2	b) Línguas e povos bantos
Subseção 4.3	c) Principais características
Subseção 4.4	d) O banto no Brasil
Subseção 4.5	e) Línguas e povos oeste-africanos
Subseção 4.6	f) Distribuição e concentração geográfica no Brasil
Seção 5	II - A matriz africana no português do Brasil
Subseção 5.1	a) Continuísmo metodológico
Subseção 5.2	b) Línguas africanas e o português do Brasil
Subseção 5.3	c) Fatores determinantes
Subseção 5.4	d) Prestígio da escrita
Subseção 5.5	e) Metodologia da pesquisa
Subseção 5.6	f) Uma conclusão intrigante
Seção 6	III - Níveis socioculturais de linguagem
Subseção 6.1	a) N1 ou LS - A língua-de-santo
Subseção 6.2	b) Casos de glossolalia
Subseção 6.3	c) Vocabulário
Subseção 6.4	d) N2 ou PS - A linguagem do povo-de-santo
Subseção 6.5	e) Contexto intragrupal
Subseção 6.6	f) Contexto intergrupar
Subseção 6.7	g) Mudança no interior do nível
Subseção 6.8	h) Tipos de aporte
Subseção 6.9	i) Polissemia e homonímia
Subseção 6.10	j) N3 ou LP - A linguagem popular da Bahia
Subseção 6.11	k) Hipótese de trabalho
Subseção 6.12	l) Vocabulário
Subseção 6.13	m) N4 ou BA - O português regional da Bahia

Subseção 6.14	n) N5 ou PB - O português do Brasil
Subseção 6.15	o) Dados finais
Seção 7	IV - Vocabulário
Subseção 7.1	a) Notas introdutórias
Subseção 7.2	b) Abreviaturas
Subseção 7.3	c) Convenções
Subseção 7.4	d) Símbolos fonéticos
Seção 8	A - Z (3.777 verbetes)

Há partes da obra dedicadas a apresentar dados de caráter históricos/antropológicos, como o contexto cultural, densidade demográfica da época, dados como o censo oficial de 1823 e processos de urbanização na subseção 5.3 do Quadro 11. Em 5.6, por exemplo, já é possível observar um caráter de análise linguística, pois Yeda Pessoa de Castro chama atenção, após análise dos dados da pesquisa de campo, ao fato de que, na maioria dos casos, houve uma adaptação morfológica (morfemas de gênero e número) mais do que uma evolução fonética das palavras importadas. Isso é relevante, pois apresenta uma certa interdisciplinaridade em relação aos fatores sociais, históricos e culturais trabalhados na obra, além do estudo linguístico.

Os 3.777 verbetes apresentados no Quadro 11, seção 8, foram contabilizados para o desenvolvimento desta monografia, dentre os 3.517 vocábulos citados por Yeda Pessoa de Castro, recolhidos em sua pesquisa. Dados importantes para o estudo lexicográfico desenvolvido na seção 4.2

4.1.2 Horizonte de retrospecção

Como referido anteriormente, foram encontrados na obra estudada títulos referentes a diferentes campos de pesquisa, tanto nas citações diretas da autora como na seção “Bibliografia”. Sendo assim, o resultado do levantamento de seu “Horizonte de retrospecção” foi subdividido em 8 quadros temáticos, como é possível observar nos quadros 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 abaixo.

Quadro 12: Obras do campo da linguagem (linguística, lexicografia, dialetografia)

Autor	Página	Data	Título	Tema/Questão
Wilhelm Bleek	25	1862	não informado	Definição do termo "banto" na primeira gramática comparativa do banto desenvolvida pelo autor
Joseph Greenberg	26	1955	não informado	Classificação feita pelo autor do conjunto de línguas faladas na

			(<i>Studies in African Linguistic Classification</i>)	África, na qual ele classifica as do grupo banto e as do oeste-africano formando uma grande família, denominada Níger-Congo
Malcolm Guthrie	26	não informado (1953)	não informado (<i>The Bantu Language of Western Equatorial Africa</i>)	Em discordância às definições de Greenberg em relação aos parentescos linguísticos entre a língua banto e línguas oeste-africanas
Joseph Greenberg	27 e 29	não informado (1966)	não informado (<i>The Languages of Africa</i>)	- Classificação das línguas africanas em quatro grandes troncos linguísticos e suas derivações (reprodução de fluxograma) - Mapa de Greenberg - Distribuição das línguas africanas por região na África (reprodução de mapa)
Barbara F. Grimes	27	1988	não informado (<i>Ethnologue: Languages of the World</i>)	Cálculo aproximado de 1900 línguas faladas na África
Malcolm Guthrie	29, 31 e 128	1948	não informado (<i>The classification of the Bantu Languages</i>)	- Referente à denominada “classificação prática” do autor, e o maior consentimento do público científico em relação às suas classificações das línguas banto - Zonas linguísticas de Guthrie - Distribuição das línguas africanas por região e grupos (zonas) na África (reprodução de mapa) - Em relação à zona H, línguas mais faladas e mais antigas no Brasil
Achille Emile Meeussen	30, 32, 76, 90 e 115	não informado (1965)	não informado (<i>Reconstructions Grammaticales du Bantou</i>)	- Introdução da décima-sexta zona na classificação de Guthrie de línguas banto - Sobre as 19 classes de prefixos no protobanto - Características do sistema linguístico das línguas banto e kwa - Nas falas de preto-velhos, há ainda o acréscimo de um morfema inicial /zi-/ , tal como o autor define, casos de retenção do aumento, vestígio de um morfema preso a partir do protobanto que hoje subsiste na classe 10 em quicongo e quimbundo central - Em relação às semivogais (y,w) não terem existido no protobanto, no entanto, terem surgido posteriormente, através da contração vocálica
Paul de Wolf	32	1971	não informado (<i>The noun class system of Proto-Benue-Congo</i>)	Sobre as 19 classes de prefixos no protobanto

Carlos Vogt e Peter Gnerre	36	1974 (data indicada no texto) 1978 (data da edição consultada, indicada na bibliografia)	não informado (<i>Uma língua crioula de base banto no Estado de São Paulo</i>)	A presença do antigo demonstrativo “o”, diante dos prefixos classificatórios, que persiste nos vocabulários recolhidos em São Paulo
Krause	38	1885	não informado (Citação indireta, a partir dos autores Westermann e Bryan, 1952)	Em relação ao termo <i>kwa</i> , usado pela primeira vez pelo autor
Nina Rodrigues	41, 43, 49, 50, 51 e 66	séc. XIX (1945)	<i>Os africanos no Brasil</i>	- Sobre a presença da língua <i>Nupe</i> em Salvador (41) - Sobre registros da presença do povo Malê em Salvador (41) - Sobre registro da língua <i>Fulani</i> em Salvador (43) - Sobre o registro da língua <i>Grunce</i> em Salvador (43) - Início das pesquisas de campo do autor sobre línguas e religiões africanas na Bahia (49) - A obra póstuma sustentava a teoria de que os africanos transplantados para o Brasil eram de origem banto (50) - Informação histórica sobre a cidade de Salvador, onde uma maioria de iorubafones mantinha contato com suas regiões de origem, através de comerciantes que chegavam de Lagos, na Nigéria, trazendo para venda produtos de cunho religioso e cultural, ao findar do séc. XIX (50) - Informações sobre a pesquisa do autor, tal como a predominância numérica de oeste-africanos na cidade salvador, concentrando sua pesquisa a esses povos e minimizando a presença banto, entre outros pontos citados (51) - Afirma que banto, seguramente, foi Palmares; Pessoa de Castro, assertivamente, põe tal citação em contraste às obras de Décio Freitas (1973) (66)
Sílvio Romero	49	1888 (data indicada no texto) 1977 (data da edição consultada)	<i>Estudos sobre a poesia popular no Brasil</i>	Sobre os estudos de línguas e religiões africanas da época, o autor taxava de vergonha o fato de cientistas brasileiros não terem desenvolvido estudos sobre o tema

Homero Pires	50	1933 (data indicada no texto) 1945 (data da edição consultada, indicada na bibliografia)	<i>Os Africanos no Brasil</i>	Pires foi quem organizou os dados coletados por Nina Rodrigues para a póstuma publicação da obra
Cel. Alfred Burdon Ellis	52	1890	não informado	Sobre Nina Rodrigues comparar os dados de sua pesquisa com os resultados de trabalhos do autor, sobre os povos de língua ewe iorubá
Renato Mendonça	53	não informado (1935)	não informado (<i>A influência africana no português do Brasil</i>)*	Trabalho pioneiro sobre a influência africana no português do Brasil
Renato Mendonça	53	não informado (1936)	não informado (<i>O português do Brasil: Origens, evolução, tendências</i>)*	Trabalho pioneiro sobre a influência africana no português do Brasil
Jacques Raimundo	53 e 74	1933	não informado (<i>O elemento afro-negro na língua portuguesa</i>)*	- Trabalho pioneiro sobre a influência africana no português do Brasil - Em relação aos aportes bantos estarem associados ao regime de escravidão, chamados de “empréstimos arcaicos” pelo autor
Tenório de Albuquerque	57	1945	<i>Gauchismos, a linguagem do Rio Grande do Sul</i>	Influência do negro na geografia linguística do Brasil, indicando semelhanças entre a obra do autor e os estudos de Dante de Laytano
Eugênio de Castro	57	1941	<i>Ensaio de geografia linguística</i>	Influência do negro na geografia linguística do Brasil, indicando semelhanças entre a obra do autor e os estudos de Dante de Laytano
William Megenney	58	1978	<i>A Bahian Heritage. An ethnolinguistic study of African influences</i>	O livro do autor foi inspirado na metodologia de pesquisa de Pessoa de Castro, a que o autor teve acesso na Bahia, em 1967-68
William Megenney	59	1998	<i>O português vernáculo do Brasil</i> (Citação indireta, a partir dos autores Mathias Perl e Armin Schwegler, 1998)	O autor afirma a credibilidade de Pessoa de Castro, em relação à sua tese de 1976, além de ampliar e aprofundar os resultados
Gladstone Chaves de Melo	60 e 62	1946	<i>A língua do Brasil</i>	- Sobre o capítulo III da obra do autor, “A influência africana”, chamando a atenção dos leitores para a pobre bibliografia dos estudos de línguas africanas no Brasil, entre outras questões sobre sua obra - O autor considera o dialeto rural na região de Piracicaba em São Paulo de base tupi-quimbundo, em relação à obra de Amadeu Amaral (1920)

Serafim da Silva Neto	60, 79 e 118	1963	<i>Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil</i>	- Estudo apoiado na etnografia e na história social do povo brasileiro entre outras características da obra - Citação direta do autor: “muitas vezes a palavra normal no português é empréstimo a alguns dos falares regionais ou a alguma das línguas ameríndias ou africanas” - O autor denominou como semicrioulo, não reconhecendo como crioulo, línguas do grupo banto em sua feição arcaica que tiveram uma certa emergência, como aconteceu nos quilombos
Amadeu Amaral	62	1920	<i>O dialeto caipira</i>	Destaque à obra, em relação aos estudos de dialetologia rural brasileira
Carlota Ferreira	62	1994	<i>Remanescentes de um falar crioulo brasileiro: Helvécia-Bahia</i>	Destaque à obra, em relação aos estudos mais recentes de dialetologia rural brasileira
Mary Francisca do Careno	62	1997	<i>Vale da Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras</i>	Destaque à obra, em relação aos estudos mais recentes de dialetologia rural brasileira
Edson Nunes da Silva	66	1958	<i>Introdução ao estudo gramatical da língua yorubá</i>	Exemplo de livros que continham informações sobre a língua iorubá, única língua africana prestigiada em livros, Pessoa de Castro cita este como o primeiro
Nélson Rossi	70	1975	O ensino de Linguística no Curso de Licenciatura (conferência em simpósio - Belo Horizonte)	Crítica do autor em relação ao afastamento de línguas africanas dos departamentos de linguística nas universidades, durante a reunião da Associação Brasileira de Linguística
Celso Cunha	77	1970	não informado (<i>Língua Portuguesa e Realidade Brasileira</i>)	Semelhanças entre as estruturas silábicas do português e línguas africanas
Silvio Elia	77	1979	não informado (<i>A unidade linguística do Brasil</i>)*	Semelhanças entre as estruturas silábicas do português e línguas africanas

Roman Jakobson	83	1946	não informado (<i>Linguística e comunicação</i>)	Relação entre a ideia jakobsoniana de aspecto conotativo e não-referencial da mensagem e o conhecimento denotativo dos termos religiosos, de que os fiéis ignoram as alusões e implicações mais profundas
Karl Laman	87	1963 (data indicada no texto) 1936 (data da edição consultada, indicada na bibliografia)	não informado (<i>Dictionnaire kikongo-français</i>)	O autor, entre os bacongos, define “ndembo” como “escola de iniquice, sua língua secreta”
Henri Galland	87	1914	não informado (<i>Lexique François-Kikongo</i>)	O autor afirma que a maioria das associações, grupos religiosos africanos na África, possuem uma língua secreta
Basilio Seguro	87	1968 (data indicada no texto) 1963 (data da edição consultada, indicada na bibliografia)	não informado (<i>Dictionnaire fon-français</i>)	O autor registra as “línguas-de-santo” dos grupos religiosos africanos na África como resultado da mistura convencional de vários falares circunvizinhos, com predominância da língua que se acredita ser de competência da nação específica
L. Carlyle May	88 e 92	1964	não informado (<i>A survey of glossolalia and related phenomena in non-christian religions</i>)	- Em relação às religiões subsaarianas, os casos de fenômenos de glossolalia são muito frequentes - Denominação dos murmurinhos feitos pelos caboclos, entidades, feita pelo autor: “phonation frustes”, frustros de fonação
William Samarin	90	1971	não informado (<i>Survey of bantu ideophones</i>)	Em relação aos muxoxos e ideofones feitos pelos preto-velhos, tipo de entidade, próximos às onomatopéias, exprimem ideias bem delimitadas e não apenas ruídos
Einar Haugen	96, 105, 111 e 112	1950	não informado (<i>The analysis of linguistic borrowing</i>)	- Citação direta do autor: “uma palavra tomada por empréstimo terá sua forma original reforçada, se ela for aprendida na mesma fonte por um certo número de indivíduos que falam o mesmo dialeto e tenham o mesmo grau de bilinguismo” - Definição do autor para “loanwords”; “loanblends or hybrids”; e “loanshifts or loan-translations and semantic loans”

				- Os casos mais frequentes de mudanças semânticas, produzidas a partir de N2 (PS)², são os casos de “loan-synonyms” - Em relação aos casos de “loan-homonyms”, tal como o autor define
Uriel Weinreich	106, 111 e 112	1953	não informado (<i>Languages in contact</i>)	- Em relação à interferência de um vocabulário de uma língua A com outro de uma língua B, tal como morfemas sendo transferidos de uma língua A para outra, B, ou sendo usados em novas funções designativas, entre outras situações - Os casos mais frequentes de mudanças semânticas, produzidas a partir de N2 (PS)², são os casos de polissemia - Em relação aos casos de “homonímia”, tal como o autor define
Joshua Fishman	111	1974	não informado (<i>A sociologia da linguagem</i>)	Em relação às variedades linguísticas do grupo de palavras “ebó”, “bozó” e “despacho”, e um acréscimo de significado na palavra “ebó”, com o sentido de “feitiçaria”
Rosa Virginia Mattos e Silva	114	1991	não informado (<i>O português arcaico: fonologia</i>)	Sobre as semelhanças entre o sistema vocálico do português do Brasil e das línguas africanas que se mostraram importantes no Brasil, tal como sete vogais orais, coincidindo com fon e iorubá, da família kwa, que também conhecem as 5 vogais nasais
Joaquim Mattoso Câmara Jr.	115	196	não informado (<i>Problemas de lingüística descritiva</i>)	- Citação direta: “a observação objetiva do foneticista depreende uma consoante nasal reduzida depois da vogal e homorgânica com a consoante que se lhe segue”, em relação às consoantes nasalizadas, como nas línguas banto e kwa
Willy Bal	116	1979	não informado (<i>Afro-romanica studia</i>)	A tendência do falante brasileiro de omitir a consoante em final de sílaba e desfazer os grupos consonantais pela intromissão de uma vogal, processo de adaptação morfofonológica comparável ao das importações do português pelas línguas bantos
Nélson Rossi	116 e 123	1963	não informado (<i>Atlas prévio dos falares baianos</i>)	- Em relação às particularidades na linguagem popular baiana, mencionadas pelo autor, é possível

² N2 ou PS - A linguagem do povo-de-santo: A linguagem de comunicação usual do povo-de-santo, dentro de suas diferentes hierarquias e nações. Nomenclatura utilizada por Yeda Pessoa de Castro em *Falares Africanos na Bahia – Um vocabulário afro-brasileiro* (2005)

				encontrá-las em todas as partes do território brasileiro - Aportes lexicais africanos apresentam as mesmas particularidades fônicas que caracterizam o português regional baiano, N4 (BA) ³
Wilhelm Giese	117	1932	não informado (<i>Notas sobre a fala dos negros em Lisboa no princípio do século XVI</i>)	Língua N3 (LP) ⁴ , alterações na fonologia, a palatal lateral “lh” é trocada por /y/, situação em larga distribuição geográfica no campo da interferência afro-românica e atestada na fala do negro em Lisboa
Manuel Alfredo de Moraes Martins	117	1958	não informado (<i>Contacto de Culturas no Congo Português</i>)	Desnasalização das vogais em posição final, ocorrendo também na África com as importações portuguesas pelas línguas bantos
Carlos Vogt	118	1996	não informado (<i>Cafundó, a África no Brasil - língua e sociedade</i>)	Em relação às línguas que se mostraram mais resistentes a mudanças, como em núcleos do país que abrigam quilombos, como já registrados em São Paulo
Hildo Honório do Couto	118	1996	não informado (<i>Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins</i>)	Em relação ao desenvolvimento progressivo e linear descendente de um segmento anticrioulo
M. A. Bryan	360	1959	<i>The Bantu Languages of Africa</i>	Bibliografia
Joaquim Mattoso Câmara Jr.	360	1953	<i>Para o estudo da fonêmica em português</i>	Bibliografia
Fr. Bernardo Maria de Canecattim	360	1859	<i>Colecção de Observações Grammaticaes sobre a Lingua Bunda ou Angolense</i>	Bibliografia
Henri Chatelain	361	1888-1889	<i>Grammatica elementar do kimbundu</i>	Bibliografia
Dell Hymes	362	1964	<i>Language In Culture and Society</i>	Bibliografia
Antônio Joaquim de Macedo Soares	363	1880	<i>Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro sobre algumas palavras africanas, introduzidas no português que se fala no Brasil</i>	Bibliografia
Mário Marroquim	363	1934	<i>A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)</i>	Bibliografia

³ N4 ou BA - O português regional da Bahia: Trata-se de um “falar educado de pessoas das camadas sociais economicamente privilegiadas” (Castro, 2005, p. 123), correspondendo ao falar regional e de uso corrente na Bahia.

⁴ N3 ou LP - A linguagem popular da Bahia: Meio de comunicação usual das camadas sociais de baixa renda, em que há um elevado índice de analfabetismo, representando a maioria de população negra e do povo-de-santo. Nomenclatura utilizada por Yeda Pessoa de Castro em *Falares Africanos na Bahia – Um vocabulário afro-brasileiro* (2005)

Antenor Nascentes	363	1959	<i>O linguajar carioca</i>	Bibliografia
Mathias Perle e Armin Schwegler	364	1998	<i>América Negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas</i>	Bibliografia
John Ernst Reinecke	365	1964	<i>Trade jargons and creole dialects as marginal language</i>	Bibliografia
Diedrich Westermann	366	1930	<i>A study of the Ewé Language</i>	Bibliografia
Diedrich Westermann e M. A. Bryan	366	1953	<i>Languages of West Africa</i>	Bibliografia

As obras listadas no Quadro 12 acima consistem em citações diretas ou referências bibliográficas, com as quais Yeda Pessoa de Castro fundamentou sua análise na obra. O Quadro 13 abaixo segue o mesmo padrão, porém se concentra em obras no âmbito da história ou antropologia, enquanto o Quadro 12 se restringe a obras do campo da linguagem. Dessa forma, é possível distinguir com mais clareza o contexto intelectual no qual a autora desenvolveu seu trabalho.

Quadro 13: Obras de história/antropologia

Autor	Página	Data	Título	Tema/Questão
George Balandier	36	1968	não informado (<i>Daily Life in the Kingdom of the Kongo</i>)	Limites aproximados dos reinos na região central africana entre os séculos XV e XVI, limites dos reinos do Congo, de Lango e de Dongo (reprodução de mapa)
William John Argyle	39, 40 e 87	1966	não informado (<i>The Fon of Dahomey</i>)	- Representação da região <i>kwa</i> em África Ocidental (em destaque o antigo reino de Daomé, de língua fon)/ (reprodução de mapa) - Informações históricas de Abomé, capital do antigo reino Daomé - Exemplos dados por Pessoa de Castro, encontrados na obra do autor: devotos Maú-Liça que falam nagô antigo e os de Hevioço que falam o dialeto pedá do grupo ewe-fon da região Uidá, no Benim
João Reis	41 e 65	1986 (data indicada no texto) 1988 (data da edição consultada,	não informado (<i>Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)</i>)	- Sobre a Revolta dos malês de 1835, a última revolta e mais conhecida - Revoltas que ocorreram em Salvador e adjacências na primeira metade do séc. XIX, em relação aos negros islamizados na Bahia

		indicada na bibliografia)		
Maurício Goulart	44	1949	não informado (<i>Escravidão africana no Brasil, das origens à extinção do tráfico</i>)	Estatísticas aduaneiras das movimentações dos ciclos do tráfico escravo e suas direções entre determinadas regiões da África
Pierre Verger	51, 53 e 75	1968 (data indicada no texto) 1962 (data da edição consultada, indicada na bibliografia)	não informado (<i>Flux et reflux de la traite des nègres entre le Golfe de Bénin et Bahia de Todos os Santos du XVIIe au XIXe siècle</i>)	- Extinção das operações de barcos denominadas “Brazils-Lagos”, após epidemia de cólera que causou muitas mortes a bordo em 1903 - Após a publicação de <i>Os Africanos no Brasil</i> , as atenções se voltaram para o campo da religião, atraindo para a Bahia estudiosos de renome internacional, Pessoa de Castro cita o autor - Situação social em África no fim do séc. XVIII
Edison Carneiro	51	194	não informado (<i>Candomblés da Bahia</i>)	- Sobre negros baianos aprenderem o iorubá por outros negros, Pessoa de Castro cita o babalaô Martiniano Elizeu do Bonfim como exemplo, falecido em 1943 com mais de 80 anos, informação coletada da obra do autor
Roger Bastide	53	não informado (1961)	não informado (<i>O Candomblé da Bahia (rito nagô)</i>)	Após a publicação de <i>Os Africanos no Brasil</i> , as atenções se voltaram para o campo da religião, atraindo para a Bahia estudiosos de renome internacional, Pessoa de Castro cita o autor
Roger Bastide	53	não informado (1971)	não informado (<i>As religiões africanas no Brasil</i>)	Após a publicação de <i>Os Africanos no Brasil</i> , as atenções se voltaram para o campo da religião, atraindo para a Bahia estudiosos de renome internacional, Pessoa de Castro cita o autor
Vivaldo da Costa Lima	53, 97 e 98	1977	<i>A família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupo</i>	- Pessoa de Castro identifica o autor como um estudioso que seguiu a advertência de Nina Rodrigues: “antes se deve falar de uma mitologia jeje-nagô do que puramente nagô prevalecendo no Brasil” - Denomina “nação” como uma norma de comportamento religioso a partir de arquétipos africanos comuns e suas recriações individuais - “Família-de-santo”, um tipo de comunidade ligada por laços religiosos, que obedecem os preceitos ditados por sua nação, tal como o autor denomina
Mundicarmo M. R. Ferretti	54 e 92	1994	não informado (<i>Terra de caboclo</i>)	- Sobre candomblés-de-caboclo, considerado, provavelmente, o

				modelo mais antigo de religiosidade popular brasileira, convergência de crenças indígenas e de origem banto - Os caboclos, entidades, conhecem e sabem utilizar ervas, folhas e outras substâncias da natureza, pois vivem no mato, são donos da terra, dos rios e florestas do Brasil, já nascem prontos, como o autor registra
Jocélio Teles dos Santos	54 e 92	1995	não informado (<i>O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia</i>)	- Sobre candomblés-de-caboclo, considerado, provavelmente, o modelo mais antigo de religiosidade popular brasileira, convergência de crenças indígenas e de origem banto - Os caboclos, entidades, conhecem e sabem utilizar ervas, folhas e outras substâncias da natureza, pois vivem no mato, são donos da terra, dos rios e florestas do Brasil, já nascem prontos, como o autor registra
Antônio Vieira	55	não informado	não informado (Citação indireta, a partir do autor Silvia Neto, 1963)	Segundo o autor, “25.000 etíopes” se encontravam sem falar o português
Maria José de Souza Andrade	57 e 63	1988	não informado (<i>A mão-de-obra escrava em Salvador de 1811 a 1860: um estudo de história quantitativa</i>)	- A existência de documentos como os desenvolvidos por Rodolfo Garcia e Óscar de Carvalho confirmam a presença tardia de grupos iorubafones - Situação social no Brasil do séc. XIX, com a instalação da família real portuguesa no Rio de Janeiro e a abertura dos portos em 1808
Gilberto Freyre	63	não informado (1964)	<i>Casa-grande e Senzala</i>	O termo “casa-grande” consagrado pela popularidade da obra
Vianna Filho	64 e 75	1946	não informado (<i>O negro na Bahia</i>)	- Situação social no Brasil do séc. XIX, com a extinção do tráfico transatlântico para o Brasil e a diminuição de moradores escravos na Bahia - Estatísticas aduaneiras do séc. XIX em relação ao tráfico escravo na Bahia
Thales de Azevedo	72	1949	não informado (<i>Povoamento na Cidade de Salvador</i>)	Proporção populacional entre negros e brancos vivendo em Salvador entre os séculos XVIII e XIX (negros x brancos): 5:3 ou 5:2 em Salvador e 100:6 no Recôncavo
Melville Herskovits	87	1938	não informado (<i>Dahomey, an ancient West African Kingdom</i>)	Em relação ao tempo passado pelos iniciados no “hunkó”, local ritualístico de iniciação religiosa, onde os candidatos aprendem uma língua ritual e não mais compreendem o fon

Geoffrey Gorer	87	1949	não informado (<i>African dances, a book about West African negroes</i>)	Em relação às sociedades secretas do reino fon do Daomé, a criança depois de 8 anos deixa o convívio familiar para viver em uma espécie de convento por 2 ou 3 anos, onde aprende danças, rituais e língua da religião
Edward Geoffrey Parrinder	88	1936 (data indicada no texto) 1956 (data da edição consultada, indicada na bibliografia)	não informado (<i>The Story of Ketu, an Ancient Yoruba Kingdom</i>)	Em relação às religiões nativas da África Ocidental, autor registra que noviços e sacerdotes falam entre si uma língua que não é sua nativa no convento daomeano
Frederick William Butt-Thompson	88	1929	não informado (<i>West African Secret Societies</i>)	O estudo sistemático do autor pode revelar formas figurativas e simbólicas das antigas línguas da costa ocidental africana
Luís Henrique Dias Tavares	91	1977	não informado (<i>A independência da Bahia no Brasil</i>)	Os caboclos, entidades, representam o sentimento nativista do povo-de-santo
Giovani Antonio de Montecucullo Cavazzi	112	1937	não informado (<i>Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola</i>)	Descrição feita pelo autor de “xibungo” e “quibungo”, citação direta: “ávidos por comida e, impelidos pela fome, invadem choupanas, matando e devorando quantos imersos no sono não se podem defender”
Stella Azevedo	123	1993	não informado (<i>O meu tempo é agora</i>)	Em relação ao prestígio dos terreiros-de-queto na cidade de Salvador, tem sido cada vez consolidado pela atuação política de lideranças religiosas em defesa da continuidade das tradições negras ancestrais
Adolphe Akindélé e Cyrille Aguessy	359	1953	<i>Contribution a l'etude de l'histoire de l'ancien royaume de Porto Novo</i>	Bibliografia
Isaac Adeagbo Akinjogbin	359	1967	<i>Dahomey and its Neighbours</i>	Bibliografia
André João Antonil	359	1962	<i>Cultura e opulência do Brasil</i>	Bibliografia
Gisèle Cossard Binon	360	1971	<i>Contribution à l'étude des candomblés au Brésil - Le candomblé angola</i>	Bibliografia
Edison Carneiro	360	1964	<i>Ladinos e crioulos: estudos sobre o negro no Brasil</i>	Bibliografia
Saburi Biobaku	360	1957	<i>The Egba and their neighbours: 1842-1872</i>	Bibliografia
Hermann Baumann, Diedrich Westermann	360	1962	<i>Les peuples et les civilisations de l'Afrique</i>	Bibliografia

Charles Ralph Boxer	360	1963	<i>A idade de ouro do Brasil</i>	Bibliografia
Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens	360	1881	<i>De Benguela às terras de Iaca</i>	Bibliografia
Souza Carneiro	361	1937	<i>Os mitos africanos no Brasil</i>	Bibliografia
Alberto da Costa e Silva	361	1992	<i>A enxada e a lança: A África antes dos Portugueses</i>	Bibliografia
Jorge Dias	361	1964	<i>Os Macondes de Moçambique</i>	Bibliografia
James Duffy	361	1961	<i>Portuguese Africa</i>	Bibliografia
João Freitas	362	s/d	<i>Umbanda</i>	Bibliografia
Lindolfo Gomes	362	1946	<i>Contos populares brasileiros</i>	Bibliografia
Samuel Johnson	362	1969	<i>The History of the Yorubas</i>	Bibliografia
Joseph Ki-Zerbo	363	1972	<i>História geral da África</i>	Bibliografia
Vivaldo da Costa Lima	363	1966	<i>Os Obás de Xangô</i>	Bibliografia
Clóvis Moura	363	1959	<i>Rebeliões da senzala</i>	Bibliografia
Théophile Mwené Ndzalé Obenga	364	1985	<i>Les Bantu: Langues, peuples, civilisations</i>	Bibliografia
Carlos Ott	364	1955	<i>Formação e evolução étnica da cidade de Salvador</i>	Bibliografia
Afrânio Peixoto	364	1930	<i>Obras de Gregório e Matos</i>	Bibliografia
Donald Pierson	364	1945	<i>Branços e Pretos na Bahia</i>	Bibliografia
Arthur Ramos	365	1940	<i>O negro brasileiro, ethnografia religiosa</i>	Bibliografia

Em um terceiro grupo, temos o Quadro 14 com os vocabulários anteriores e dicionários consultados citados na obra, em citação direta ou referência bibliográfica. As obras contidas no Quadro 14 necessariamente investigam a relação entre as línguas africanas e o português do Brasil, provavelmente foram relevantes para Yeda Pessoa de Castro no desenvolvimento do seu próprio vocabulário.

Quadro 14: Vocabulários anteriores/Dicionários consultados, que exploram a relação entre as línguas africanas e o português do Brasil

Autor	Página	Data	Título	Tema/Questão
Eugênia Dias Gonçalves	36, 58 e 81	1995	não informado (<i>Vocabulário dos Tata n'Ganga Mukice da Irmandade de N.S. do Rosário do bairro Jatobá, Belo Horizonte, Minas Gerais</i>)	- A presença do antigo demonstrativo “o”, diante dos prefixos classificatórios, que persiste nos vocabulários recolhidos em Minas Gerais - Glossário de base umbundo de Minas Gerais, recolhidos em Belo Horizonte

				- Entre as nações “congo” e “angola” na Bahia, no repertório do candomblé, há a predominância de termos do quicongo e do quimbundo sobre o umbundo, ao contrário do que se observa em Minas Gerais
Manuel Viotti	36 e 89	1957	não informado (<i>Novo dicionário da gíria brasileira</i> (<i>Vocabulário quimbundo</i>))	- A presença do antigo demonstrativo “o”, diante dos prefixos classificatórios, que persiste nos vocabulários recolhidos em Rio de Janeiro - Em relação aos termos de maioria de base banto já integrados ao português do Brasil na condição de gíria, esses falados por erês, um tipo de entidade
João Ribeiro	49 e 50	1888 (data indicada no texto - 1ª edição) 1906 (data da edição consultada, indicada na bibliografia - 3ª edição)	<i>Dicionário Gramatical</i>	- Primeiro estudo que trata a gramática portuguesa no Brasil relacionando-a ao “negro, elemento”, capítulo voltado às raízes africanas. Contrariando o trabalho pioneiro de Macedo Soares (1880), em relação à influência das línguas africanas no léxico e no sistema gramatical brasileiro, afirmando que essas alterações são mais profundas - Edição refundida e aumentada, o autor esclarece que irá tratar apenas da influência extensíssima do umbundo, língua de Angola e do Congo, segundo os esclarecimentos de Canneccatin, Ivens, Padre Dias, Bentley e outros, por falta de outros documentos, inventário de 57 “africanismos”
Raphael Bluteau	50	1º vol. 1712; 10º vol. 1728	<i>Vocabulário Português Latino</i>	Alguns termos de origem africana foram nomeados como “termos do vulgo no Brasil” na obra, considerada pela autora como “o primeiro grande dicionário de língua portuguesa
Rev. Samuel Ajayi Crowther	52	1852	não informado (<i>A vocabulary of the Yoruba language</i>)	Sobre Nina Rodrigues comparar os dados de sua pesquisa com a gramática e vocabulário Iorubá desenvolvido pelo autor
Oscar de Carvalho	54 e 57	1900	<i>Pequeno Vocabulário de Língua Nagô</i>	- Inventário com 117 nomes de animais e objetos - Em relação aos dados recolhidos por Rodolfo Garcia, ditos desconhecidos pelo mesmo, mas que coincidem em conteúdo e época com os vocabulários coletados pelo autor
Padre Pedro Dias	55	1697	<i>Arte da Língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, Mãe, e Senhora dos mesmos Pretos</i>	Gramática destinada aos jesuítas para facilitar a doutrinação, exemplo do desempenho do quimbundo na cidade de Salvador no séc. XVII
João da Silva Campos	56	1935	Notas à margem de um bom livro	Publicação do artigo no volume IV da <i>Revista da Academia de Letras da Bahia</i> , o autor corrige diferentes definições e acrescenta 61 entradas ao glossário de Mendonça

Dante de Laytano	56	1936	<i>Os africanismos no dialeto gaúcho</i>	Um estudo de 173 vocábulos, maioria de base banto
Nelson de Senna	57	1938 (data indicada no texto) 1933 (data da edição consultada, indicada na bibliografia)	<i>Africanos no Brasil</i>	Pequeno estudo sobre a influência africana na linguagem e nos costumes do povo brasileiro, com alguns termos de origem banto associados a algumas manifestações folclóricas
Aires da Mata Machado Filho	36, 57 e 81	1ª ed. 1944 2ª ed. 1964	<i>O negro e o garimpo em Minas Gerais</i>	- A presença do antigo demonstrativo “o”, diante dos prefixos classificatórios, que persiste nos vocabulários recolhidos em Minas Gerais - Repertório de 219 importações lexicais do banto - Entre as nações “congo” e “angola” na Bahia, no repertório do candomblé, há a predominância de termos do quicongo e do quimbundo sobre o umbundo, ao contrário do que se observa em Minas Gerais
Rodolfo Garcia	57	1934	<i>Vocabulário Nagô</i>	Publicação do artigo no I Congresso Afro-Brasileiro em Recife, 1934, e publicação das atas no Rio de Janeiro em 1939, Ed. Ariel, 2 tomos
João Dornas Filho	57	1943	<i>A influência social do negro brasileiro</i>	Lista de 197 vocábulos considerados de origem quimbundo pelo autor
Edison Carneiro	57 e 79	1951	<i>A linguagem popular da Bahia</i>	- Lista de vocábulos, a maioria provenientes da terminologia religiosa de base iorubá - Em relação à LP, linguagem popular da Bahia, citação direta do autor: “aí se encontra certo número de vocábulos, frases-feitas e provérbios comuns à conversação baiana de todas as classes”
Sérgio Figueiredo Ferretti	58 e 81	1996	não informado (<i>Querebetã de Zomadônu; etnografia da Casa das Minas do Maranhão</i>)	- Glossário ilustrativo feito pelo autor de base ewe-fon, registrado na Casa das Minas, em São Luís do Maranhão - Para as nações conhecidas como “jeje” e “mina”, em São Luís do Maranhão, o fon é o mais significativo das línguas do grupo denominado ewe
Ruy do Carmo Póvoas	58	1989	não informado (<i>A linguagem do candomblé, níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa</i>)	Glossário feito pelo autor de base nagô-iorubá em Itabuna, na zona cacauieira da Bahia
Sônia Queiroz	36, 58 e 118	1998	não informado (<i>Pé preto no barro branco. A língua dos negros de Tabatinga</i>)	- A presença do antigo demonstrativo “o”, diante dos prefixos classificatórios, que persiste nos vocabulários recolhidos em Minas Gerais

				- Glossário de base umbundo de Minas Gerais, recolhidos em Tabatinga - Em relação às línguas que se mostraram mais resistentes a mudanças, como em núcleos do país que abrigam quilombos, como já registrados em Minas Gerais
Antônio da Costa Peixoto	75	1945	não informado (<i>Obra nova da língua geral de Minas</i>)	Caderno do autor contendo registros do grupo ewe-fon em Vila Rica, Minas Gerais, língua da família kwa, ainda no séc. XVIII, com 831 termos
Roy Clive Abraham	359	1958	<i>Dictionary of modern Yoruba</i>	Bibliografia
Roy Clive Abraham	359	1962	<i>Dictionary of Hausa language</i>	Bibliografia
Antônio de Assis Júnior	359	1940	<i>Dicionário kimbundu-português</i>	Bibliografia
Atibakwa-Baboya Edema	359	1994	<i>Dictionnaire bangála-français-lingála</i>	Bibliografia
William Holman Bentley	360	1886	<i>Dictionary and grammar of the Kongo language, as spoken at San Salvador</i>	Bibliografia
Jack Berry	360	1960	<i>English, Twi, Asante, Fante Dictionary</i>	Bibliografia
Rev. Pe. Benedicto Bonnefoux	360	1940	<i>Dicionário olunyaneka-português</i>	Bibliografia
Luís da Câmara Cascudo	361	1962	<i>Dicionário do Folclore Brasileiro</i>	Bibliografia
Joaquim Dias Cordeiro da Matta	361	1893	<i>Ensaio de Dicionario Kimbundu-Portuguez</i>	Bibliografia
Maurice Delafosse	361	1894	<i>Manuel dahoméen</i>	Bibliografia
José Pedro Machado	363	1952	<i>Dicionário etnológico da língua portuguesa</i>	Bibliografia
Antônio da Silva Maia	363	1964	<i>Dicionário Complementar Português - Kimbundu-Kikongo</i>	Bibliografia
Pe. Alexandre Valente de Matos	363	1974	<i>Dicionário Português-Macua</i>	Bibliografia
Inácio de Meneses	363	1949	<i>Flóra da Bahia</i>	Bibliografia
Rodrigo de Sá Nogueira	364	1960	<i>Dicionário Ronga-Português</i>	Bibliografia
Fernando São Paulo	365	1936	<i>Linguagem médica popular no Brasil</i>	Bibliografia
Jacques Rongier	365	1995	<i>Dictionnaire éwé-français</i>	Bibliografia

O Quadro 15, assim como o Quadro 14, também é composto por dicionários. No entanto, as obras listadas no Quadro 15 não se dedicam ao estudo das línguas africanas e do contato com o português do Brasil. Essas obras desempenham uma função distinta das presentes no Quadro 14, servindo como referência para conceitos e definições de uma única língua, sem abordar o contato entre o português do Brasil e as línguas africanas.

Quadro 15: Dicionários de referência

Autor	Página	Data	Título	Tema/Questão
<i>Dictionnaire de Linguistique</i>	105	1978		Tratamento do conceito de “empréstimo”, no caso o termo “aporte” e “decalque” utilizado por Pessoa de Castro em sua pesquisa
AURÉLIO*	132	2001		- Na apresentação do vocabulário, a autora sinaliza que os significados dos verbetes foram registrados tais como os informantes definiram e que muitas vezes não coincidiam com os significados dos verbetes já dicionarizados na obra

Além de dicionários, Yeda Pessoa de Castro cita alguns trabalhos artísticos para o suporte de sua investigação e conclusão, demonstrando exemplos concretos das análises apresentada. Dessa forma, foram elencados no Quadro 16 os trabalhos artísticos com registros de presença africana.

Quadro 16: Identificação de presença africana em trabalhos artísticos

Autor	Página	Data	Título	Tema/Questão
Gil Vicente	35	1965	<i>Frágua de Amor e O Clérigo da Beira</i>	Registro da imitação do falar crioulezante do negro em Portugal
Gregório de Matos e Guerra	50	não informado	<i>Epístola ao Conde do Prado</i> (Citação indireta, a partir do autor Peixoto, 1930)	Como exemplo, o registro do termo africano “jimbo” (dinheiro) na obra do autor, no séc. XVII, presente na grande obra <i>Vocabulário Português Latino</i> no séc. seguinte.
Gilberto Gil	91	não informado	Aquele abraço	Em relação aos ideofones, trata-se de um recurso de linguagem muito comum em toda a África, Pessoa de Castro utiliza a canção do autor como um exemplo de uso desse recurso por um brasileiro
Emanuel Zespo	101	1951	não informado (<i>Pontos cantados e riscados da Umbanda</i>)	Pessoa de Castro usa como exemplo um ponto cantado para exemplificar a situação de cada nação entender sua língua
Caetano Veloso	114	não informado	Milagre do Povo	Exemplo de homonímia e polissemia na letra da canção, com o termo “Ojuobá”
Ziraldo no <i>Jornal do Brasil</i>	122	29/02/1976	Charge de Ziraldo	Exemplo mostrando a entrada sucessiva de termos retirados da língua-de-santo no consumo de conteúdos populares (reprodução em charge)

Com um objetivo parecido com o do Quadro 16, os títulos do Quadro 17 possuem um caráter de apresentar exemplos que comprovem a análise apresentada, no entanto, são registros em textos não-científicos para apoiar análises do campo da história ou antropologia.

Quadro 17: Referências de registros históricos/antropológicos em textos não-científicos

Autor	Página	Data	Título	Tema/Questão
Luís de Camões	35	Séc XVI	<i>Os Lusíadas</i>	Relato da grandiosidade do reino de Congo
Jornal <i>Alabama</i>	51	15 de novembro de 1864	não informado (Citação indireta, a partir de <i>Pelourinho Informa</i> , 1980)	Presença de candomblés em meados do séc. XIX, registro no jornal: “culto ruidoso, frequentados por pessoas de todas as classes”
Jornal <i>Diário de Notícias</i>	51	5 de outubro de 1896	não informado	Presença de candomblés no fim do séc. XIX, registro no jornal: “cultos fetichistas que perturbam a ordem pública
Jornal <i>Estado da Bahia</i>	51	12 de dezembro de 1896	não informado	Presença de candomblés no fim do séc. XIX, registro no jornal: “cultos fetichistas que perturbam a ordem pública
Censo Oficial	63	1823		Em relação à densidade demográfica de negros e mestiços, 75% em relação aos portugueses e outros europeus
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	64	1991	não informado	Dados levantados pela instituição, dos 3.200.000 de residentes da cidade de São Paulo, cerca de 10% eram nordestinos

Algumas obras foram citadas por Yeda Pessoa de Castro apresentando críticas a metodologias ou análises específicas de alguns autores e suas obras, esses títulos foram elencados no Quadro 18. Sendo assim, diferente do Quadro 12, as obras abaixo elencadas são apresentadas como referências divergentes às fundamentações teóricas da autora.

Quadro 18: Críticas às metodologias de outros autores

Autor	Página	Data	Título	Tema/Questão
Edson Carneiro	54	1937	não informado (<i>Negros bantus; notas de etnografia religiosa e de folklore</i>)	Sobre a conclusão equivocada de sua obra em relação aos negros Bantos na Bahia: “pela pobreza de seus ritos e mitos”, entre outros equívocos da obra
Arthur Neiva	54	1940	não informado (<i>Estudos da língua nacional</i>)	Equívoco no trato dos dados da pesquisa do autor, considerou como nagô versos de evidente origem banto, na época se tornou de grande influência o termo nagô ser genericamente usado como sinônimo de africano
Jacques Raimundo	55	1933	<i>O elemento afro-negro na língua portuguesa(*)</i>	Obra em que o autor tentou sistematizar os fatos que constituíram “a língua dos escravos no Brasil [...]”, Pessoa de Castro diz que a maioria das etimologias propostas é discutível.

Jacques Raimundo	56	1936	<i>O negro brasileiro e outros estudos (*)</i>	Transcrição de termos tido como africanos, evidência considerada abusiva de buscar etimologias ora no iorubá, ora no quimbundo, impressões de Pessoa de Castro
Renato Mendonça	56	1935	<i>A influência africana no português do Brasil(*)</i>	O autor tenta sistematizar fatos da linguagem popular que lhe parecem resultado direto do contato de línguas africanas com o português europeu antigo
Renato Mendonça	56	1936	<i>O português do Brasil: Origens, evolução, tendências(*)</i>	Reprodução do mesmo estudo feito em <i>A influência africana no português do Brasil</i> com ligeiras alterações, Pessoa de Castro pontua: “Mendonça exhibe o mapa da “Distribuição do elemento negro no Brasil colonial e imperial” baseado no equívoco metodológico instalado por Nina Rodrigues no âmbito dos estudos afro-brasileiro”
Olga Gudolle Cacciatore	58	1977 (data indicada no texto) 1988 (data da edição consultada, indicada na bibliografia)	<i>Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros</i>	Considerado um dos mais populares dicionários, Pessoa de Castro comenta sobre a falta da informação linguística precisa que termina provocando erros relacionados às origens dos vocábulos africanos
John T. Schneider	58	1991	<i>Dictionary of African Borrowings in Brazilian Portuguese</i>	Compilado pelo autor e decalcado do vocabulário que compõe o segundo volume da tese de doutorado de Pessoa de Castro, o autor evita mencionar sua autoria em alguns verbetes, mas menciona autores como Meggeney
John T. Schneider	59	não informado	não informado	Em relação ao trabalho de pesquisa do autor, atribuição equivocada do termo “mocotó” como de origem iorubá
Nei Lopes	59	1996	<i>Dicionário Banto do Brasil</i>	Em relação ao trabalho de pesquisa do autor, atribuição equivocada do termo “candomblé” como um “cruzamento” de palavras do quimbundo e iorubá
Francisco da Silveira Bueno	59	1968	<i>Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa</i>	Em relação à sua obra, denominou o termo “vatapá” como de origem africana e descreveu o termo acrescentando impressões pessoais ao prato
Antônio Geraldo da Cunha e equipe	59-60	1998	<i>Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa</i>	Em relação à sua obra, denominou erroneamente o termo “calumbá” como de origem quimbundo, com deslocamento de sílaba tônica
Silvio Elia	61	1979	<i>A unidade linguística do Brasil(*)</i>	O autor segue o pensamento de Silva Neto, em relação à ideia de superioridade da língua portuguesa e ameríndia
Alberto Baeta Neves Mussa	61	1991	<i>O papel das línguas africanas na história do português do Brasil</i>	O autor segue o pensamento de Silva Neto, em relação à ideia de superioridade da língua portuguesa diante das línguas africanas e ameríndias em sua tese de mestrado, entre outros pontos destacados

Décio Freitas	66	1973	<i>Palmares, a guerra dos escravos</i>	Assumiu em sua obra classificação equivocada de nação a Palmares, “nação ardra”
Cacá Diegues	66	década de 1980	não informado	Filme produzido com objetivo de narrar a saga da República de Palmares, equívoco em colocar a nação como falantes de iorubá
Fundação Cultural Palmares	66	não informado (década de 2000)	não informado	Show de TV que tentou provar a tese correta de que Palmares teria sido de origem banto, no entanto caiu no exagero de mostrar Zumbi e seus seguidores com um linguajar caricato, carregado de termos inclusive em português
AURÉLIO*	70	2001	-	Equivocadas denominações em relação a alguns termos populares de origem africana
Monique Augras	85	1989	<i>De Iyá Mi a Pomba Gira: transformações e símbolos da libido</i>	Pessoa de Castro usa a autora como um exemplo de pesquisador que cometeu uma confusão ortográfica com o nome da entidade “Pombajira” x “Pomba Gira”
Serafim da Silva Neto	117	1950	não informado	Casos de alterações fonológicas e morfossintáticas são tratados como “vulgarismos encontrados nas baixas classes (...) e relaxamentos articulatórios imputáveis a aloglotos (ameríndios e africanos) os quais, de modo geral, precipitaram a deriva da língua”, citação direta do autor
Arlindo de Souza	127	1960	não informado (A língua portuguesa no Brasil)	Dados demonstrados por Pessoa de Castro indicam o contrário do que o autor afirma: “as vozes africanas já estão muito estudadas e, a bem da ciência filológica, vão-se tornando cada vez mais reduzidas”, citação direta

Por fim, foram indicadas as autocitações de Yeda Pessoa de Castro, são títulos de sua autoria que a própria autora menciona, correlacionando obras e dados anteriores à obra em análise nesta monografia. No Quadro 19, estão elencados esses títulos, neste quadro, foi retirado a coluna “Autor” por se tratar de autocitações de Yeda Pessoa de Castro.

Quadro 19: Autocitações

Título	Página	Data	Tema/ Questão
não informado	20	1968	Em relação às consoantes que foram subtraídas do alfabeto do português do Brasil, essas podem ser substituídas obedecendo determinados critérios, a exemplo “tui” e “qua”, no lugar de “twi” e kwa”
não informado (Notícia de uma Pesquisa em África)	51	1965	Extinção das operações de barcos denominadas “Brazils-Lagos”, após epidemia de cólera que causou muitas mortes a bordo em 1903
Terminologia religiosa e falar cotidiano de um grupo de culto afro-brasileiro	58	1976	A autora afirma que a obra do autor Megenney, de 1978, foi inspirada na metodologia de pesquisa de sua dissertação de mestrado, especificada aqui

não informado (Língua e nação de candomblé)	63	1981	Desaparecimento, já no séc. XVIII, de uma língua franca de base indígena, dando lugar à emergência de dialetos afro-brasileiros
não informado (<i>No canto do acalanto</i>)	75	1990	Em relação à origem africana do termo “caçula”
não informado (<i>A língua jeje-mina no Brasil: um falar africano em Ouro Preto no séc. XVII</i>)	75	2001	Outras línguas africanas se revelaram sendo faladas anteriormente ao Iorubá no Brasil
não informado (<i>Os falares africanos na interação social do Brasil Colônia</i>)	89	1980	Em relação ao falar dos preto-velhos, entidades da umbanda, parece se tratar de fragmentos sistêmicos de um extinto dialeto crioulo de base banto que emergiu nas senzalas ou nas plantações
não informado (<i>De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil</i>)	100	1976	Em relação às alterações no campo da fonologia em N2 (PS) ² , “uma vogal de tom alto, marcada pelo sinal diacrítico (@), transforma-se em uma vogal tônica (T), enquanto uma vogal de tom baixo, marcada pelo sinal (˘), transforma-se em uma vogal átona (A)”
não informado (<i>Contos populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos</i>)	112	1978	Sobre a crença no Recôncavo de que negro-velho vira lobisomem ou quibungo, uma tradição também do imaginário africano
não informado (<i>Contos populares da Bahia: aspectos da obra de João da Silva Campos</i>)	123	1998	Os terreiros congo-angola, antes mais reservados, começam a despontar, devido a um melhor conhecimento das línguas do povo banto, além de uma maior aproximação com países em África
<i>De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil</i>	127	1976	Comparação de dados da Tabela I, desenvolvida posteriormente, com os dados quantitativos do vocabulário desenvolvido pela autora (separação línguas bantos e oeste-africanas), com a Tabela II, 1976, desenvolvida em sua tese de doutorado (reprodução em tabela)
<i>O ensino de línguas africanas no Brasil</i>	364	1998	Bibliografia
<i>Colaboração, antropologia e linguística nos estudos afro-brasileiros</i>	364	1999	Bibliografia

Dentre as autocitações (Quadro 19), foram citados 10 títulos próprios, além de 1 citação do ano de 1968, na qual não havia especificado o nome da obra no texto ou na Bibliografia. Vale ressaltar que os Quadros 16 e 17 contêm as referências utilizadas pela autora para melhor elaborar conceitos e fortalecer as hipóteses trabalhadas, tanto em explicações históricas como do campo da linguagem. Sendo assim, trata-se de obras de caráter literário, periódicos, dados demográficos e obras audiovisuais. Cabe apontar, também, que as obras *O elemento afro-negro na língua portuguesa* (RAIMUNDO, 1933); *A influência africana no português do Brasil* (MENDONÇA, 1935); *O português do Brasil: Origens, evolução, tendências* (MENDONÇA, 1936); *A unidade linguística do Brasil* (ELIA, 1979); e AURÉLIO (2001) aparecem duas vezes dentre as tabelas, pois a autora lança mão desses títulos tanto para a composição de sua base

teórica, reafirmando conceitos ali presentes, quanto para discernir equívocos na análise de certos conceitos linguísticos. Por conta disso, encontram-se todos repetidos em “Críticas às metodologias de outros autores”, com a respectiva análise de Yeda Pessoa de Castro.

No conjunto documentado pelos Quadros 12, 13, 14 e 18, foram um total de 140 autores citados, contabilizados cada autor separadamente, mesmo em citações de trabalhos em co-autoria. Desse total, foram excluídos os registros presentes nos Quadros 15, “Dicionários de referência”, 16, “Identificação de presença africana em trabalhos artísticos”, 17, “Referências de registros históricos/antropológicos em textos não-científicos”, e 19, “Autocitações”; visto que o intuito era a busca por pesquisadores que integraram ideias anteriores e os fundamentos teórico-metodológicos da obra em estudo nesta monografia. Foram retirados da contagem, então, registros de obras literárias, de periódicos ou de obras audiovisuais. São, assim, referenciadas um total de 154 obras, englobando as dos Quadros 12, 13, 14 e 18, além das do Quadro 15, “Dicionários de referência”. É preciso apontar, ainda, que as obras de quatro autores não foram contabilizadas, por não terem sido especificadas por Yeda Pessoa de Castro, nem diretamente no texto nem em sua Bibliografia, ou por terem sido citações indiretas, são eles: Cel. Alfred Burdon Ellis (1890), Wilhelm Bleek (1862), Krause (Citação indireta, a partir dos autores Westermann e Bryan, 1952) e Antônio Vieira (Citação indireta, a partir do autor Silvia Neto, 1963).

Também foi organizado um 20º quadro com as citações de outras autoras mulheres, o Quadro 20 foi organizado em ordem cronológica de acordo com a data de publicação das obras citadas, aqui podemos averiguar a geração das pesquisadoras e observar o contraste entre as 12 mulheres pesquisadoras de um total de 140 autores citados:

Quadro 20: Mulheres citadas por Yeda Pessoa de Castro

Autor	Página	Data	Título	Ano de nascimento e morte
Gisèle Cossard Binon	360	1971	<i>Contribution à l'étude des candomblés au Brésil - Le candomblé angola</i>	1923 - 2016
Olga Gudolle Cacciatore	58	1977 (data indicada no texto) 1988 (data da edição consultada, indicada na bibliografia)	<i>Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros</i>	1920 (104 anos)
Barbara F. Grimes	27	1988	não informado (<i>Ethnologue: Languages of the World</i>)	1930–2014
Maria José de Souza Andrade	57 e 63	1988	não informado	Não encontrado

			(A mão-de-obra escrava em Salvador de 1811 a 1860: um estudo de história quantitativa)	
Monique Augras	85	1989	<i>De Iyá Mi a Pomba Gira: transformações e símbolos da libido</i>	1937 (87 anos)
Rosa Virginia Mattos e Silva	114	1991	não informado (O português arcaico: fonologia)	1940-2012
Stella Azevedo	123	1993	não informado (O meu tempo é agora)	1925-2018
Carlota Ferreira	62	1994	<i>Remanescentes de um falar crioulo brasileiro: Helvécia-Bahia</i>	Não encontrado
Mundicarmo M. R. Ferretti	54 e 92	1994	não informado (Terra de caboclo)	1944 (80 anos)
Eugênia Dias Gonçalves	36, 58 e 81	1995	não informado (Vocabulário dos Tata n'Ganga Mukice da Irmandade de N.S. do Rosário do bairro Jatobá, Belo Horizonte, Minas Gerais)	Não encontrado
Mary Francisca do Careno	62	1997	<i>Vale da Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras</i>	Não encontrado
Sônia Queiroz	36 e 118	1998	não informado (Pé preto no barro branco. A língua dos negros de Tabatinga)	Não encontrado

De acordo com as informações reunidas no Quadro 20, das 12 pesquisadoras, número muito distante do total de pesquisadores citados, 2 publicaram obras na década de 1970, 3 no fim da década de 1980 e 7 na década de 1990, considerando o ano da primeira publicação de *Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros* de Olga Gudolle Cacciatore. Sendo assim, compreende-se um aumento de publicações feitas por pesquisadoras mulheres ao final do século XX.

4.1.3 Clima de opinião

Como Yeda Pessoa de Castro pontua em uma entrevista no site da editora da obra, Topbook⁵, os dados em cuja análise ela se baseia para compor *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* são resultados de anos de trabalho, a que se deu início na Bahia, na década de 1960, em seu mestrado em Ciências Sociais na UFBA. Sendo assim, foi feito um breve levantamento sobre os contextos sociais, históricos e acadêmicos, dentro desses 40 anos de pesquisa, que podem ser compreendidos como fatores que influenciaram o desenvolvimento da obra.

⁵ PESSOA DE CASTRO, Yeda. Yeda Pessoa de Castro, autora de "Falares Africanos na Bahia - Um Vocabulário Afro-brasileiro". Rio de Janeiro: TOPBOOKS (s/d). Disponível em: https://www.topbooks.com.br/links.asp?link=../Links/NE_TP_220207_Falares_Africanos.htm&tipo=EN. Acesso em 14 de julho de 2024.

Nas últimas décadas do século XX, houve um aumento significativo no reconhecimento da influência africana na cultura brasileira. Nesse período, houve uma valorização crescente das contribuições africanas para a formação da identidade nacional, particularmente na música, na religião e, claro, na língua. Podemos ver autores como Roger Bastide citados por Yeda Pessoa de Castro, em seu horizonte de retrospectão, com obras das décadas de 1960 e 1970, e Sergio Ferretti, de 1996, como estudiosos que exploraram as influências africanas na língua, na religião e em outros aspectos culturais. De modo semelhante, a música de Caetano Veloso, “Milagre do Povo”, lançada pela primeira vez em 1985, abordando questões da crença em religiões afro-brasileiras⁶, e “Aquele Abraço” de Gilberto Gil, de 1969, em relação à qual o próprio compositor, em um texto publicado em “O Pasquim”⁷, menciona seu posicionamento frente às questões raciais. Nesses casos, podemos ver uma forte presença do movimento “Tropicália”, influenciando a música brasileira a partir da década de 1960.

Os movimentos sociais por ações de igualdade racial e reconhecimento negro no Brasil tiveram destaque no final do século XX e início do século XXI. Nesse cenário, vale destacar a III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatadas, que ocorreu na África do Sul no ano de 2001 (Pereira e Amaral, 2019, p. 2), e se constituiu em evento importante para a conquista de ações afirmativas para Yeda pessoas afrodescendentes no Brasil. Além disso, esse período também foi marcado por uma mobilização no sentido de se buscar maior reconhecimento de heranças africanas na esfera da educação, como Yeda Pessoa de Castro relata:

Quando era diretora do Centro de Estudos Afro-Orientais da Bahia, em 1982 ou 1983, propus à Secretaria de Educação do Estado – e os movimentos negros me apoiaram nisso – a introdução de uma disciplina obrigatória nos currículos do Ensino Médio: Estudos Africanos (geografia, língua, literatura, história, antropologia, sociologia). A proposta foi aceita; em 1984, 1985, já tinha uma norma do então secretário de Educação da Bahia, professor Edivaldo Boaventura, determinando a introdução dessa disciplina nos currículos. (Castro, 2022, p. 187).

⁶ FURNIEL, Ana. Milagres do Povo' ilustra Sextas de Poesia. Rio de Janeiro: FIOCRUZ Campus Virtual, 2021. Disponível em: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=noticia/61835>. Acesso em: 14 de julho de 2024.

⁷ TOQUETTI, Gabriela Ferrari. Contra a censura e o racismo, Gilberto Gil mandou 'aquele abraço'. São Paulo: JORNAL DA USP, 2024. Disponível em: [https://jornal.usp.br/diversidade/contra-a-censura-e-o-racismo-gilberto-gil-mandou-aquele-abraco/#:~:text=A%20can%C3%A7%C3%A3o%20Aquele%20Abra%C3%A7o%20\(1969,Som%20do%20Rio%20de%20Janeiro](https://jornal.usp.br/diversidade/contra-a-censura-e-o-racismo-gilberto-gil-mandou-aquele-abraco/#:~:text=A%20can%C3%A7%C3%A3o%20Aquele%20Abra%C3%A7o%20(1969,Som%20do%20Rio%20de%20Janeiro). Acesso em: 14 de julho de 2024.

No campo dos estudos da linguagem, podemos observar um movimento a favor da Sociolinguística e das pesquisas vinculadas à variação linguística, como as de William Labov que explorou como a variação linguística se correlaciona com fatores sociais, como classe, gênero e etnia. Marcaram presença, além disso, abordagens funcionalistas, que enfatizam a função comunicativa da linguagem e como a estrutura linguística é moldada pelo uso, considerando a linguagem como um sistema de escolhas que refletem diferentes contextos sociais, como nos trabalhos de Michael Halliday, Sandra Thompson e Talmy Givón.

4.1.4 Visão de língua

Yeda Pessoa de Castro mantém uma mesma concepção de língua por toda a obra, sempre relacionando fenômenos linguísticos e seus aspectos a contextos culturais e históricos. Sendo assim, ela trata a língua como um fenômeno cultural e social. A própria organização das seções do livro é um indicativo dessa visão de língua, visto que a autora começa elucidando sobre os povos, as línguas e regiões da África para, somente depois, chegar ao contexto histórico no Brasil. Além disso, ela menciona vários pontos da história do Brasil e diversos autores de antropologia, alimentando a base histórica do leitor antes de tratar especificamente de linguística. Serve como exemplo desse processo o trecho a seguir:

Na intimidade desse contexto histórico, o isolamento social e territorial em que foi mantida a colônia pelo monopólio do comércio externo brasileiro feito por Portugal até 1808, condicionou um ambiente de vida e aspecto conservador, mais aberto à aceitação de empréstimos culturais mútuos de interesses comuns e tendência niveladora. [...] Subjacente a esse processo, o desempenho sociolinguístico de uma geração de sacerdotisas e sacerdotes negros que sobreviveu a toda sorte de perseguições e é detentora de uma linguagem litúrgica de base africana, fonte atual de aportes africanos no português do Brasil. (Castro, 2005, p. 63)

A vinculação entre relações sociais e a realidade linguística, em especial no contexto brasileiro, fica evidente, também, nas palavras de Yeda Pessoa de Castro reproduzidas logo abaixo.

Em que pese a evidência do impacto da herança africana e a sua exploração por todos os meios, o avanço do componente negro-africano na modelação do perfil da cultura e da língua característica do Brasil, que não são acontecimentos isolados nesse processo, continua sendo subliminar, graças ao verniz eurocêntrico que lhe é imposto pela sociedade brasileira, a partir das camadas economicamente favorecidas que detêm o poder de mando político sobre a coletividade através órgãos constituídos, entre os quais, aqueles responsáveis pelas diretrizes da educação formal no país.” (Castro, 2005, p. 64)

É possível, então, observar que Yeda Pessoa de Castro fundamenta sua obra sobre a concepção de que fatores externos, como o contato de diferentes etnias e culturas, foram fundamentais para o desenvolvimento do português do Brasil, assim como da cultura brasileira.

4.1.5 Natureza da Análise

Yeda Pessoa de Castro organiza a obra *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* de uma forma interessante, que reflete bem seu olhar sociocultural para o desenvolvimento da linguagem. Nas primeiras seções do livro (ver Quadro 11, seção 4 até subseção 5.4), ela se dedica a contextualizar o objeto de estudo da obra, ou seja, ambienta o leitor em relação a circunstâncias presentes na história do continente africano e no Brasil durante a escravidão, além de trazer um levantamento de pesquisadores da área que buscaram investir nos conhecimentos gerados sobre a influência africana na cultura brasileira.

Ela contextualiza alguns pontos históricos importantes e a distribuição geográfica de povos africanos, sem deixar de apresentar estudos linguísticos sobre as línguas africanas de regiões que tiveram forte envolvimento no período da escravidão, como foi possível observar nas reproduções de “Mapa de Greenberg”, “Zonas linguísticas de Guthrie” e dos quatro grandes troncos linguísticos de Greenberg, presentes no capítulo I. Essas obras são exemplos de referências de pesquisas sobre línguas de África que não mencionam contatos entre línguas fora do continente.

Na obra de Yeda, mantém-se constante o foco nas relações entre os contextos sociais e as questões relacionadas aos processos de mudança na linguagem do português do Brasil. Como podemos ver, quando a linguista comenta sobre a dificuldade de encontrar documentações históricas e testemunhos referentes à variedade étnica do negro:

Restam, como ponto de partida, as evidências linguísticas para complementar a lacuna da informação histórica subsistente. Tais evidências são encontradas nos aportes lexicais africanos correntes nos falares regionais brasileiros e no português do Brasil como um todo. [...] No entanto, é preciso não perder de vista certos fatores de natureza extralinguística que contribuíram para assentar as bases necessárias para a instalação dessa matriz africana como parte do processo de configuração da nação brasileira. (Castro, 2005, p. 62).

Sempre atenta aos “fatores de natureza extralinguística”, Yeda Pessoa de Castro compõe a maior parte do capítulo II de seu livro com um levantamento de pesquisadores e suas metodologias, trazendo pontos de divergências e sua própria análise das várias questões, apresentando ao fim desse capítulo a metodologia de sua pesquisa.

Para a análise propriamente linguística do vocabulário recolhido em sua pesquisa, a obra apresenta o aprofundamento da investigação em subcapítulos, considerando os níveis socioculturais de linguagem propostos. A classificação elaborada por Yeda Pessoa de Castro conta com 5 diferentes “Níveis de linguagem”, a saber:

- N1 ou LS - A língua-de-santo: A linguagem religiosa dos candomblés. Nesse contexto, a “língua” é compreendida mais como um veículo de expressão simbólica, não se trata de competência linguística.
- N2 ou PS - A linguagem do povo-de-santo: A linguagem de comunicação usual do povo-de-santo, dentro de suas diferentes hierarquias e nações.
- N3 ou LP - A linguagem popular da Bahia: Meio de comunicação usual das camadas sociais de baixa renda, em que há um elevado índice de analfabetismo, representando a maioria de população negra e do povo-de-santo. A pesquisadora acrescenta que “Aqui também se observam modos comuns ao falar descontraído, de uso familiar ou espontâneo de pessoas instruídas e de todas as classes sociais” (Castro, 2005, p. 113).
- N4 ou BA - O português regional da Bahia: Trata-se de um “falar educado de pessoas das camadas sociais economicamente privilegiadas” (Castro, 2005, p. 123), correspondendo ao falar regional e de uso corrente na Bahia.
- N5 ou PB - O português do Brasil: Nesse âmbito, encontra-se a comunicação brasileira em geral, formada pelo complexo dos seus falares regionais.

Yeda Pessoa de Castro demonstra, em sua pesquisa, que tais níveis foram fundamentais para a aplicação da investigação, pois, de acordo com o público de cada nível, procedeu-se com diferentes orientações, podendo implicar na modificação do questionário aplicado. É possível observar esse processo de adaptação em:

Nesse caso (nível 3), o questionário constava, apenas, dos itens lexicais que, ao longo da pesquisa, ocorriam com mais frequência na linguagem corriqueira do português de uso regional e popular. Para o nível 4, utilizamos o mesmo princípio para organizar o questionário. Para a cidade de Salvador, por exemplo, foi selecionada uma lista de 164 palavras. (Castro, 2005, p. 73 e 74).

Não foram explicitados, no entanto, os critérios metodológicos para a seleção das listas de palavras em cada nível ou para o estabelecimento das diferenças dos questionários entre os níveis. Mas, Yeda Pessoa de Castro especifica, no caso do nível 3, que foi devido aos

informantes serem de diferentes idades, “membros ou frequentadores do terreiro, com baixo índice de escolaridade, em profissões socialmente pouco prestigiadas, e que se põem em contato, mais ou menos permanente, com pessoas de várias classes e diferentes credos religiosos” (Castro, 2005, p.73). Para o desenvolvimento do nível 5, recorreu-se a “informações livrescas, noticiários de jornais escritos, programas de rádio e televisão, principalmente letras de música popular e telenovelas” (idem, p. 74). Desse modo, não foi utilizado o questionário e nem especificadas as fontes para o desenvolvimento do corpus do N5.

Visto que a concepção de língua na obra é resultado de processos socioculturais, o influxo de línguas negro-africanas no português do Brasil teria profunda participação no processo de desenvolvimento da variedade brasileira e seu afastamento do português europeu. Além disso, haveria uma integração maior dos aportes bantos no vocabulário do português do Brasil. Para chegar a tais conclusões, a linguista em foco se baseia em processos de análise como os seguintes, que separamos de acordo com sua natureza em morfossintáticos, fonossemânticos, morfofonológicos, vinculados a aspectos culturais e de caráter histórico.

1) Argumentação de natureza morfossintática em N1, N2 e N3, como observado, respectivamente, nos exemplos:

a) “poucos casos de adição de morfemas de gênero e de sufixos do português a uma mesma raiz africana, os casos observados foram em *aportes híbridos*, derivados portugueses formados a partir de raízes bantos, como veremos adiante.

Ex.: “kasule” > caçula, caçulinha.” (Castro, 2005, p.95);

b) “tendência à categorização de número, com o uso dos mesmos modificadores no plural (mas. -os, fem. -as).” (Castro, 2005, p. 99);

c) “marca de plural | s | encontrada apenas no determinante, permanecendo o nome no singular, da maneira como se verifica a partir do N1.

Ex.: * os menino, * essas casa, * duas mesa.” (Castro, 2005, p.117).

2) Argumentação de natureza fonológica em N1, N2 e N3, identificável, respectivamente, em:

a) “passagem da obstruinte nasal / nd, mp / para uma homorgânica soante / n, m /, reconstruído no protobanto e atestado em muitas línguas bantos atuais.

Ex.: (Banto) “kibandu > kibanu”, “quibano”; “mbambu > mambo”, mambo.

Cf. o apagamento do -d- nas formas gerundiais -nd- na fala popular e descontraída do português do Brasil (*falano, *dizeno), ou (mb) ~ (m), em vocábulos como sambambaia ou samambaia, ocorrentes na língua portuguesa.” (Castro, 2005, p. 96);

b) a vogal oral é nasalizada quando seguida de uma consoante / – m, -n / ou de uma obstruente nasal / -mb, -nd, -ng ... /, uma regra que só se aplica para os itens bantos que não possuem vogais nasais, nos de origem kwa. elas já são nasalizadas.

Ex.: (Bantos) “sa.mba” > sam.ba; “ka.lu.nga” > ca.lun.ga;

(Yor) “funfun” > funfum; “àfõnã” > afonã;

(Fon) “kpõnõ” > aponã.” (Castro, 2005, p.104);

c) “a palatal lateral, grafada lh em português, desconhecida pelas línguas africanas em questão, é então trocada:

– por / y /, que tem larga distribuição geográfica no campo da interferência afro-românica e já fora atestada na fala do negro em Lisboa, nos princípios do séc. XVI (GIESE 1932).

Ex.: mulher, filho, palha → * muyé, * fyu, * paya

– ou por / l /, quando seguida de / e /, também como uma tendência no falar mais educado, informal e descontraído.

Ex.: mulher, colher → * mulé, * culé.” (Castro, 2005, p. 117).

3) Foram ainda observados casos de análise de **natureza fonossemântica** em N2 e **morfofonológica** em N3, como nos respectivos exemplos abaixo:

a) “contaminação fonossemântica com palavras da língua portuguesa, provocando o surgimento de variantes lexicais do termo importado, geralmente sob a forma de aportes híbridos compostos, seja: a partir de reinterpretações do significado dos nomes de entidade, tais como: (Banto) Pombajira > Pomba-Gira; Iadalunda > Mão-da-Luanda, Mãe-da-Lua. (Yor.) Xangô-Dioro > Xangô-de-O(u)ro; Ogundelê > Ogundilei > Ogum-de-Lei.” (Castro, 2005, p. 108);

b) “em banto e em iorubá, ao contrário do português padrão, as sílabas são abertas, sempre terminam em vogal (V), e não existem consoantes contíguas (CC). Por isso mesmo, a tendência do falante brasileiro é omitir a consoante em final de sílaba e desfazer os grupos consonantais pela intromissão de uma vogal (CC → CVC), através de um processo de adaptação morfofonológica, comparável ao das importações do português pelas línguas bantos (BAL 1979: 121):

na linguagem popular: ne.gra → *ne.ga (CV.CCV → CV.CV)/

sal.var → * sa.la.vá / sa.ra.vá (CVC.CVC → CV.CV.CV).” (Castro, 2005, p. 116).

4) **Argumentação vinculada a aspectos culturais** em N1, N2 e N4, como se nota, respectivamente, nos exemplos:

- a) “[CABOCLOS] Representam o sentimento nativista do povo-de-santo e são festejados no dia 2 de julho, data em que se comemora a independência do Brasil na Bahia (1823) (TAVARES, 1977) São “os donos da terra”, entidades idealizadas como habitantes da floresta brasileira, geralmente reverenciados como nobres indígenas.” (Castro, 2005,p. 91);
- b) “essa noção coletiva de identidade etnoreligiosa equacionada pelo binômio *nação-de-candomblé* + *língua-de-santo* = “minha nação não pega”, no dizer do povo-de-santo, equivalente à máxima portuguesa “minha pátria é minha língua”, é observada nas manifestações religiosas afro-brasileiras independente de suas denominações.” (Castro, 2005, p. 101);
- c) “Observa-se no N4, a popularização dos Orixás do panteon iorubá, cujos nomes e imagens têm servido à exploração de empresas comerciais, governamentais e turísticas.” (Castro, 2005, p. 123).

Yeda Pessoa de Castro descreveu, também, processos de efeitos de sentido, como metáfora e eufemismo, e casos de ideofones, encontrados em N1 e N2. Exemplos disso encontram-se transcritos nos itens d) a f), logo abaixo.

- d) “voltando à ocorrência de ideofones, convém observar que se trata de um processo de linguagem muito comum em toda a África subsaariana e que, embora ainda pouco notado como tal, permeia todos os níveis de linguagem sociocultural do Português do Brasil, muitas vezes sob forma de negação implícita, sem qualquer marca formal.” (Castro, 2005, p. 91);
- e) “casos de metáfora para substituir certos itens da LS considerados tabus, como nos exemplos: - *o velho*, em lugar do nome da entidade tida como anciã e protetora contra varíola e doenças da pele, seja Imbalanganze, Omolu ou Xapanã” (Castro, 2005, p. 98);
- f) “troca rápida e não recíproca de itens de sua própria “nação”: a) por eufemismo, quando se referem a órgãos sexuais, funções fisiológicas, gravidez, homossexualismo, prevalecendo termos de base banto, tais como, faze(r) *nena*, *mangá* (copular), *sendengue* (pederasta)” (Castro, 2005,p . 101).

5) **Argumentação de natureza histórica** em N1. Nesses casos, Yeda Pessoa de Castro tece uma relação com línguas, principalmente as oeste-africanas, em que foi observada uma

resistência a mudanças, de forma a conservarem-se mais próximas de seus modelos originais e possuindo um aspecto de uso religioso, como se verifica no trecho a seguir.

a) “Falando das religiões nativas da África Ocidental, Parrinder (1936: 86) confirma o fato, assinalando que, no convento daomeano, noviços e sacerdotes falam entre si uma língua que não é a sua própria. Essa língua compreende dialetos de diferentes partes do país, habitualmente aqueles do distrito original da divindade, constituindo-se, assim, em uma língua ritual e própria dos cultos.” (Castro, 2005, p. 88)

Vale ressaltar que a maioria dos casos citados acima são tratados como Aportes e Decalques por Yeda Pessoa de Castro, principalmente, casos a partir da N2. Aparentemente, como a linguista sinaliza, pelo fato da N1 caracterizar-se por uma resistência maior a inovações sob a influência do sistema linguístico do português.

Em N4 e N5, são apresentadas análises linguísticas de argumentação fonológica e, em N5, a autora ainda expõe análises de natureza morfossintática. Entretanto, são considerações que revelam relações entre as particularidades, através dos níveis socioculturais de linguagem propostos na obra.

Nesse sentido, Yeda Pessoa de Castro propõe que a proximidade estrutural do português arcaico com as línguas africanas que o influenciaram pode explicar a emergência de um falar mestiço no Brasil e que as diferenças que separam o português do Brasil e o português de Portugal “são, a priori, o resultado de um longo, progressivo e ininterrupto movimento explícito de aportuguesamento dos africanismos e, em sentido inverso, de africanização do português sobre uma base indígena preexistente no Brasil.” (Castro, 2005, p. 118).

4.1.6 Técnica

O trabalho de Yeda de Castro distingue-se pela busca de conexões entre a língua e os contextos social, cultural e antropológico, com o objetivo de compreender o distanciamento do português do Brasil em relação ao português de Portugal. Nesse movimento, a linguista identifica o negro como um fator fundamental nas mudanças que caracterizam a língua brasileira, ressaltando o negro banto como o principal agente transformador, em maior medida do que outras etnias.

Para isso, Yeda Pessoa de Castro considera fatos históricos e sociais, como o processo de escravidão que permitiu uma “síntese pluricultural” (Castro, 2005, p. 129), circunstâncias culturais, como tabus linguísticos (idem, p. 99), casos de xenoglossia (idem, p. 88) e aspectos

da própria religião afro-brasileira, estreitando aspectos e atributos entre Brasil e África, além de sua pesquisa de campo e do vocabulário desenvolvido, parte fundamental na obra. Dessa forma, os resultados linguísticos observados buscam refletir o processo do contato entre as línguas africanas e o português no Brasil.

Em relação ao vocabulário, a pesquisa de campo se iniciou na década de 1960 no seu desenvolvimento do mestrado em Ciências Sociais na UFBA. Com o corpus linguístico obtido, Yeda Pessoa de Castro explica que foi feita uma verificação de campo na África, na região de Golfo do Benin e no domínio Banto em Zaire, durante a década de 1970. O mesmo questionário usado no Brasil foi organizado e aplicado nessas localidades, porém, com o acréscimo da lista dos termos “africanos” recolhidos na Bahia. Ela explica que os informantes foram personalidades das religiões locais, estudantes e professores universitários africanos. Houve também consulta a vocabulários anteriores e dicionários, como pode ser observado no Quadro 14 da subseção 4.1.2.

4.2 Análise do vocabulário

Para a análise do vocabulário, foram desenvolvidas as subseções 4.2.1 e 4.2.2 para a apresentação de dados pertinentes à análise lexicográfica contidos na obra em estudo nesta monografia. Em 4.3, foram elaboradas e expostas as análises lexicográficas do vocabulário, em relação aos textos externos (subseção 4.2.3.1) e internos (subseção 4.2.3.2), seguindo os referenciais teóricos presentes em Welker (2004).

4.2.1 Panorama da análise feita por Yeda Pessoa de Castro

Para a análise do vocabulário, foi importante compreender as origens das línguas africanas dentre as classificações definidas por Yeda Pessoa de Castro, além de discernir informações relevantes oriundas do processo de investigação da autora. Ela elucida a natureza dos termos dentro de cada nível sociocultural da linguagem, agrupando os dados obtidos do vocabulário em bantos, oeste-africanos, de origem imprecisa ou formação brasileira. Cada uma dessas classificações será, abaixo, abordada com mais detalhe.

- Banto: termos de origem banto, “destacaram-se pela superioridade e continuidade no tempo de contato direto com o colonizador português” (Castro, 2005, p. 34). Vale lembrar que Yeda Pessoa de Castro destaca três povos litorâneos: 1) bacongo (hoje, territórios compreendidos no sul do Congo-Brazzaville até o Cabo Lopes, no Gabão, sudoeste do Congo-Kinshasa e noroeste de Angola, nas províncias de Cabinda, Zaire e Uíge); 2) ambundo (concentração na região central de Angola, entre Luasa, Malanje,

Bengo e lanza Norte até Ambriz); e 3) ovimbundo (localizados nas províncias de Bié, Huambo e Benguela, ao sul de Angola).

- Oeste-africanos: termos de origem oeste-africana, vinculados aos povos “localizados ao longo da costa atlântica ocidental africana, que vai do Senegal até o Golfo de Benim, na Nigéria (Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné-Conacri, Serra Leoa, Libéria, Burquina-Fasso, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benim, Nigéria)” (Castro, 2005, p. 37 e 38).
- Origem imprecisa: Nas situações em que não conseguiu especificar a origem de algum termo, se banto e/ou oeste-africana, Yeda Pessoa de Castro empregou o rótulo “origem imprecisa”.
- Formação brasileira: De acordo com Yeda Pessoa de Castro, correspondem a “casos de decalques, de aportes híbridos e de alguns regionalismos provenientes de línguas não-africanas” (Castro, 2005, p. 126).

Yeda Pessoa de Castro explica que obteve um total de 3.537 vocábulos (p. 126) reunidos na análise dos 5 níveis culturais. A distribuição desses vocábulos, em função de sua origem, encontra-se registrada na Tabela 3, abaixo.

Tabela 3: Dados finais do total de vocábulos levantados por Yeda Pessoa de Castro

Bantos	Oeste-africanos	Formação brasileira	B ou/e O (origem imprecisa)	Total
1.322	1.299	853	(34)	3.474

Fonte: Castro (2005, p. 126)

Não houve um maior esclarecimento de como se chegou ao número de 3.517 vocábulos e, para o total de 3.474 aportes, mencionados acima na tabela 3, parece que não se contabilizou os de origem imprecisa. Por outro lado, Yeda Pessoa de Castro explica a sua análise entre os usos dos termos em contextos religiosos, em que se considerou apenas N1. Com relação aos de uso profano, foram levados em conta de N2 a N5, totalizando 2.621 aportes lexicais, pois não foram contabilizados os de formação brasileira. Acerca dos critérios de inclusão/ exclusão para a soma dos vocábulos, fica registrado:

tirante os 853 casos de decalques e de aportes híbridos. Os decalques, porque não se trata de transferência de lexemas africanos para o português, e quanto aos híbridos, seria repetitivo, porque são derivados portugueses de um dos lexemas africanos já considerados nestes cálculos. (Castro, 2005, p. 126).

No conjunto dos vocábulos reunidos na contagem, a separação com base em origem combinada a âmbito de uso – religioso ou profano – é documentada pela Tabela 4.

Tabela 4: Dados finais correlacionando os níveis e a origem dos vocábulos

	Uso religioso (R)	Uso profano (P)	Total (R+P)
	N1	N2>N5	R +P
Bantos (B)	490	932	1.322
B (%)	18,7	35,5	49,6
Oeste-africanos (O)	709	490	1.299
O (%)	27,0	49,0	49,3
Total (B+O)	1.199	1.422	2.621
Total (B+O) (%)	45,7	54,3	100

Fonte: Castro (2005, p. 127)

Yeda Pessoa de Castro também compara os dados transcritos acima aos dados obtidos em 1976, em sua tese de doutorado, apresentando uma progressão de termos da N1, de uso religioso, em direção a N5, esclarecendo esse fenômeno como “consequência da popularização dos candomblés e do crescimento do número de seus adeptos” (Castro, 2005, p. 127). Yeda Pessoa de Castro também especifica esse total de 2.621 aportes lexicais entre os níveis socioculturais da linguagem propostos. A tabela 5 reproduz como a linguista enxergou a distribuição dos vocábulos, levando em conta sua origem e os diferentes níveis, de N1 a N5.

Tabela 5: Dados correlacionados através dos níveis

	LS	PS	LP	BA	BR	Total
	N1	N2	N3	N4	N5	1+2+3+4+5
B	490	193	303	91	245	1.322
(%)	18,7	7,3	11,5	3,4	9,3	50,4
O	709	498	26	35	31	1.299
(%)	27,0	19,0	0,9	1,3	1,3	49,6
Total (B+O)	1.199	691	329	126	276	2.621
(%)	45,7	26,3	12,5	4,7	10,6	100

Fonte: Castro (2005, p. 128)

Vale ressaltar que Yeda Pessoa de Castro enfatiza que a delimitação dos níveis, tal como ela estabelece, não é definitiva, nem absoluta, pois explica que há certamente relações e

interrelações entre eles. Ela compreende os níveis socioculturais de linguagem em uma direção de progressão, partindo do nível de linguagem mais simbólica, restrito ao campo religioso, em direção ao português comum falado no Brasil.

No desenvolvimento da análise de N1 (LS), Yeda Pessoa de Castro especifica que os itens de maior ocorrência foram nomes de divindades, de parentesco religioso, de objetos, de lugares, de flora, de fauna, de cozinha, de exorcismo, de saudação, de benedição, de pedido, de permissão, de interdição, de negação, de reverência, nomes iniciáticos, nomes e expressões referentes a diversas funções sexuais e fisiológicas, à gravidez, à doença e à morte (Castro, 2005, p. 94).

Em N2 (PS), Yeda Pessoa de Castro registra como itens mais frequentes, fazendo menção ao contexto sócio-histórico:

Na intimidade desse contexto histórico, o isolamento social e territorial em que foi mantida a colônia pelo monopólio do comércio externo brasileiro feito por Portugal até 1808, condicionou um ambiente de vida e aspecto conservador, mais aberto à aceitação de empréstimos culturais mútuos de interesses comuns e tendência niveladora. [...] Subjacente a esse processo, o desempenho sociolinguístico de uma geração de sacerdotisas e sacerdotes negros que sobreviveu a toda sorte de perseguições e é detentora de uma linguagem litúrgica de base africana, fonte atual de aportes africanos no português do Brasil.” (pág. 63) “formas de saudação, reverência, permissão, autorização, benedição, formas de exorcismos, interdição, consentimento, negação, nomes referentes a objetos, substâncias, locais, flora, fauna, cozinha ritualística, nomes de parentesco religioso e da hierarquia do grupo, nomes iniciáticos, o nome-de-santo, nomes das divindades e saudações respectivas (Castro, 2005, p. 99).

Em N3 (LP), Yeda Pessoa de Castro classifica os dados encontrados entre “antigos”, aqueles já integrados ao sistema linguístico do português, e “contemporâneos”, os que estão em processo de trânsito em direção a N5. Entre os classificados como “antigos”, foram observados casos associados ao regime da escravidão, do campo da fauna, flora, alimentação, casa, habitação e família, doenças, usos e costumes, religião, crenças e superstições, objetos fabricados, instrumentos musicais, recreação, ornamentos e vestes, partes do corpo, termos que nomeiam elementos, defeitos e qualidades. (p. 121). Outro grupo corresponde ao dos vocábulos entendidos como “contemporâneos”, em que se destacam as importações do iorubá, como nomes de orixás e termos retirados da língua-de-santo.

Com relação a N4 (BA) e N5 (PB), ela não expõe os campos semânticos dos dados encontrados, mas explica, respectivamente: “os meios de comunicação, sobretudo redes de televisão, têm contribuído para popularizar, também no exterior, as divindades dos candomblés

da Bahia, seus símbolos, danças e cânticos.” (Castro, 2005, p. 123); e “É uma unidade formada pelo complexo dos seus falares regionais” (idem, p. 124).

4.2.2 Polissemia e homonímia

Considerando as especificidades dos diferentes níveis, Yeda Pessoa de Castro esclarece que “As transformações produzidas a partir do N2 são evidentemente determinadas pela mudança de contexto sociocultural” (Castro, p. 111). Desse modo, a mesma palavra, através dos níveis, pode estar associada a significados diferentes, ou seja, configurando casos de polissemia, o que ocorre com uma notável frequência, de acordo com a autora, em N3. De maneira semelhante, são observados casos de homonímia, já menos frequentes, mas ainda em maior relevância em N3. Isso “quando se produz um ‘salto’ no sentido do item importado” (Castro 2005, p. 112), ou seja, quando um termo de origem africana passa a ser usado com um significado diferente do original.

De acordo com essas definições e com base em Welker (2004), é possível observar como Yeda Pessoa de Castro delimita a diferença entre “polissemia” e “homonímia”. Na concepção adotada por Castro (2005), a polissemia se configura como uma situação em que há “uma extensão lógica e gradual no sentido do termo importado”, resultando em uma mudança de significado entre os diferentes níveis. Como exemplos disso, ela aponta “ebó (kwa)” e “bozó (banto)”, que em N1 designam uma oferenda enviada aos Orixás e em N4 passam a significar feitiçaria, por terem sido atribuídas aos termos conotações pejorativas (p. 111). A homonímia, por sua vez, já é considerada a relação de significado entre o sentido original da palavra, no caso nas línguas africanas, e sua atribuição no Brasil, ou seja, no uso corrente da palavra na língua portuguesa. Servem de exemplo desse processo de deslocamento de sentido, os termos “quibungo” e “xibungo”, de origem banto, que denominam lobo ou cão selvagem, um animal conhecido na África, enquanto, no Brasil, “xibungo” passou a ser uma denominação para pederasta e “quibungo” para um animal fantástico, lobo, de contos populares que comia crianças rebeldes (Castro, 2005 p. 112).

Em contrapartida, na Lexicografia, podemos observar que para “polissemia” há uma discussão parecida: “Geralmente, existe um significado primeiro, (mais) concreto, e os outros surgiram pela extensão desse significado pelos processos de metáforas ou metonímia.” (WELKER, 2004, p. 24). Entretanto, vale ressaltar que essa concepção de “polissemia”, para Yeda Pessoa de Castro, é de cunho sociocultural, sendo importante para a delimitação dos

significados o tipo de público e o perfil do falante. Diferentemente do que se observa em Welker, para quem o público não é uma questão discutida.

No que se refere a “homonímia”, Yeda Pessoa de Castro parece ter delimitado termos desse âmbito como sendo da mesma pronúncia, ou seja homófonos, e que se escrevem da mesma maneira, homógrafos, mas não considerou a categoria gramatical, como observado em “benjamin” como adjetivo, “o mais novo dos filhos”, e como substantivo, “interceptor de corrente elétrica” (Castro, 2005, p. 113).

Em Welker (2004), observa-se a seguinte definição para “homonímia”: “Com a moderna lexicografia francesa, também considero que se devam distinguir os homônimos com base na semântica e não na etimologia. [...] A existência ou não de semas específicos comuns (pelo menos um) estabeleceria a linha divisória entre polissemia e homonímia.” (Biderman, 2000, *apud* Welker, 2004, p. 29).

A distinção entre esses dois conceitos, tal como realizada por Yeda Pessoa de Castro, é apoiada em exemplos de dados encontrados em sua pesquisa, e a autora cita Haugen (1950), em relação aos termos “loan-synonyms” e “loan-homonyms”, e Weinreich (1953), no que tange a “polissemia” e “homonímia”. Sendo assim, sua compreensão, e classificação, desses processos linguísticos se debruça em estudos sobre empréstimos linguísticos, contato linguístico e interferência linguística, compreendidos no campo da sociolinguística, e não em critérios lexicográficos de classificação.

4.2.3 Uma análise lexicográfica

4.2.3.1 Textos externos

Por se tratar de uma obra que não se restringe ao vocabulário, é importante mencionar que os primeiros três capítulos possuem um caráter de elucidação, análise e conclusão dos dados obtidos na pesquisa de campo de Yeda Pessoa de Castro, a partir da qual se desenvolveu o vocabulário. Por isso, não foram considerados os primeiros capítulos para a análise dos textos externos, somente o capítulo correspondente às questões pertinentes à lexicografia, ou seja, o capítulo IV (ver Quadro 11 – seção 7, e subseções correspondentes, e seção 8). Yeda Pessoa de Castro apresenta os seguintes elementos, antes de fornecer a lista de verbetes e suas informações:

- a. Notas introdutórias;
- b. Abreviaturas;
- c. Convenções;

d. Símbolos fonéticos.

Todos esses elementos encontram-se precedidos da nomenclatura e de teor informativo para a compreensão dos verbetes. Dentre as informações expostas nos textos externos, destacam-se as seguintes, para a compreensão desta análise lexicográfica.

- a. O vocabulário “não é um repertório tão-somente de ‘africanismos’ ” (Castro, 2005, p. 131), uma vez que há também os registros de palavras que fazem parte do cotidiano do povo-de-santo, mesmo não sendo de origem africana;
- b. As classificações dos verbetes de acordo com os níveis, (LS), (PS), (LP), (BA), (BR), “são utilizadas em função de uma ordem de pressuposição” (idem, p. 131);
- c. Além das classificações através dos níveis, foi também indicada a abreviatura “(PO)”, referindo-se à língua portuguesa, em geral;
- d. Foram indicados os verbetes já dicionarizados em *AURÉLIO* (2001) (Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira), que foram representados pela convenção (°) no vocabulário;
- e. Foram marcadas em negrito as referências cruzadas, para serem consultadas e correlacionadas;
- f. Há casos, na indicação do étimo africano, em que os processos de formação histórica foram especificados com símbolos, tais como registram as “Convenções”: “ $x > y$ ” (x origina y); “ $x < y$ ” (x deriva de y); “ $x \rightarrow y$ ” (x muda par y); “ $x \sim y$ ” (x alterna com y); “ $x = y$ ” (x equivalente a y); “ $x \neq y$ ” (x é diferente de y); “ x / y ” (x ou y).

4.2.3.2 Textos internos

4.2.3.2.1 Macroestrutura

Foram observadas as seguintes organizações, no que diz respeito às macroestruturas do vocabulário:

- a. Os verbetes são organizados em ordem alfabética, mas alguns casos fogem dessa organização, como o verbo “MAZANZAR” que aparece antes do verbete “MANZUÁ” na página 276 e reaparece na página 281 com indicativo de pronúncia opcional, representado pelos parênteses, “MAZANZA(R)”, junto ao adjetivo “MAZANZA”.
- b. O formato mais frequente de entrada dos verbetes é: 1) lema; 2) origem do termo; 3) nível sociocultural de linguagem; 4) classe gramatical e outras informações gramaticais; 5) informações de base semântica; 6) definição e/ou a abreviatura “Ver.” (verificar) + verbete, principalmente nos casos de sinônimos; 7) abreviatura “Cf.”, conferir comparar, ou “var.”, variante; 8) especificação etimológica, banto (Kik./Kimb./Umb.), kwa (Fon/Yor.), Port. ou

híbrido (entre as classificações mencionadas neste item); 9) étimo africano + breve explicação de seu significado;

c. O formato de entrada descrito acima é flexível, afinal, somente a ordenação dos quatro primeiros itens (1, 2, 3 e 4) se manteve constante entre os verbetes. Em relação aos demais itens (5, 6, 7, 8 e 9), foi possível observar mudanças na sequência ou verbetes sem um, ou mais de um, desses itens;

d. Para as possíveis origens dos termos, foram observadas as seguintes classificações: FB (formação brasileira), FP (formação portuguesa), Ind. (indígena brasileiro), banto, kwa, hauçá, fulani, mandinga e híbridos (por exemplo, “hauçá/kwa” e “banto/kwa”);

e. Os verbetes com mais de uma acepção são enumerados e possuem a especificação do nível linguístico em cada definição, após seu respectivo número;

f. Caso haja diferença de origem entre as acepções do verbete, isso é especificado antes do numeral que corresponde à respectiva acepção;

g. Não há casos de tabelas ou ilustrações gráficas no meio dos verbetes. No entanto, foi encontrado um caso de lista no interior do verbete “BARCO” (Castro, 2005, p. 170), com especificações dos possíveis apelidos, de 1 a 15, dos iniciados;

h. Não foram encontradas informações sintáticas, ou outras, colocadas fora do bloco do verbete, apenas informações organizadas dentro das acepções, do campo da morfologia (indicação de classe gramatical, a saber: verbo, substantivo, adjetivo, numeral, pronome, preposição e advérbio) e da semântica (eufemismo, sentido figurado, sentido literal, onomatopéia, e “por extensão de sentido”), com suas respectivas abreviaturas, apresentadas nos textos externos do vocabulário.

i. Em relação à organização referente às classes gramaticais, foi encontrada a classificação “-exp.”, localizada na posição do item (4) “classe gramatical e outras informações gramaticais”, no corpo de alguns verbetes, que não foi definida em “Abreviaturas”. Aparenta ser a abreviação de “expressão” de uso, tal como “interjeição”, carregando esse valor de reação espontânea, como “Olá!” e “Viva!”. Pode-se indicar, como exemplo disso:

- “**OGUNHÊ** (kwa)(LS) -exp. saudação para **Ogum**. Var. **oguniê**. Yor. *ògúnye*.” (Castro, 2005, p. 304)
- “**EPARREI** (kwa)(LS) -exp. saudação a **Iansã**. Yor. *eèkpàà yé*.” (idem, p. 230)

4.2.3.2.2 Microestruturas

Como exposto na subseção 3.3 do capítulo referente à metodologia, foi realizado um exame da microestrutura dos verbetes do vocabulário composto por Yeda Pessoa de Castro, levando em conta, nesse processo, cada um dos componentes dessa unidade lexicográfica. As observações resultantes encontram-se arroladas abaixo.

a. Cabeça do verbete: Cada verbete é apresentado com o lema em caixa-alta e em negrito, alguns, quando cabe, com letras entre parênteses, indicando pronúncia opcional, por exemplo “BARRACÃO-D(E)-EGUM” (p. 170) e “CAPOE(I)RA” (p. 201). Além disso, é indicada a origem do verbete logo na sequência, além do nível sociocultural da linguagem e a classe gramatical. Essa organização estrutural, que permanece fixa durante todo o vocabulário, pode ser conferida nos seguintes exemplos:

- “**OLOCUM** (kwa)(LS) -s. Ver **Iemanjá**. Yor. *Olódún*, dona do mar.” (Castro, 2005, p. 306)
- “**ESMOLAMBADO** (FB)(°BR) -s./adj. com a roupa em **molambo** + Port. *ado*.” (idem, p. 231)

b. Definição: As definições dos verbetes referentes à linguagem litúrgica, de acordo com Yeda Pessoa de Castro, “são de responsabilidade dos nossos informantes” (Castro, 2005, p. 132). Com referência a termos já dicionarizados, a autora especifica que os significados “nem sempre coincidem com os que registramos” (idem, p. 132). Em alguns casos, encontram-se, também, exemplos junto às definições, grafados em itálico, como podemos ver em:

- “**CANTIGA-DE-CABOC(L)O** (FB)(PS) -s.f. cânticos de caboc(l)o, geralmente em português rudimentar, a exemplo de “*Samo caboco que viemo d'aldea, nosso sustento é mé di abéia*”.” (Castro, 2005, p. 199)
- “**ARUANDA** (banto) (LP) -s. a África mítica, termo que aparece frequentemente em cânticos rituais e do folclore afro-brasileiro, como nos versos “*Quando eu vim de Aruanda*” ou “*Eu sou negro de Aruanda*”. Ver **Banza Congo, Ilu-Aiê**. Cf. (a)*Luanda*, nome da capital de **Angola**.” (idem, p. 158)

c. Diferenciação: Nesta categoria, é importante retomar a perspectiva de Yeda Pessoa de Castro em relação a “polissemia”, mencionada na subseção 4.2.2 desta monografia, visto que uma mesma palavra pode adquirir diferentes significados, de acordo com o nível sociocultural da linguagem verificado. Esse é o caso de:

- “**CANDOMBLEZE(I)RA** (FB) 1.(BA) -s.f. sacerdotisa ou seguidora de **candomblé** +Port. **-zeira**. Cf. **mãe-de-santo**.

2.(BR) -s.f. (pejorativo) qualquer seguidora de culto afro-brasileiro; feiticeira; **macumbe(i)ra**.” (Castro, 2005, p. 196)

Entretanto, há ainda casos em que, em um mesmo nível sociocultural da linguagem, estão inscritos mais de um significado no verbete. É o que se pode constatar em:

- “**CAPOE(I)RA** (FB) 1.(°BR) -s.f. jogo atlético de origem banto, constituído por um sistema de ataque e defesa, de caráter individual, acompanhada pelo toque de **berimbau**, e que, apesar de intensamente perseguido até as primeiras décadas do século XX, sobreviveu à repressão e hoje se amplia e se institucionaliza como prática desportiva regulamentada. Consta de duas modalidades: **capoe(i)ra-angola**, **capoe(i)ra-regional**. Ver **jogo-de-capoe(i)ra**, **roda-de-capoe(i)ra**. Kik./Kimb. *kambulila* > *kambulela*, ação de repelir, esquivar-se, aparar, rechaçar mutuamente, aos pares, com rasteiras e golpes de pé.

2.(°BR) -s.m. indivíduo ou grupo que pratica **capoe(i)ra**. Cf. **capoe(i)rar**. Ver **capoe(i)rada**, **capoe(i)ragem**, **capoe(i)rista**.” (Castro, 2005, p. 201)

Também foram observadas diferentes definições em uma mesma acepção:

- “**LENGALENGA** (banto)(°BR) -s.f. conversa-fiada, enganosa, discurso longo, sem fim, enfadonho. Kik./Kimb. *lenga-lenga* < “ku-langa”, enganar alguém.” (Castro, 2005, p. 264)

d. Ordenação das acepções: Não foi possível observar um processo de organização e disposição claro nos verbetes. Como se pode verificar, nos exemplos abaixo, nem os níveis socioculturais da linguagem nem as definições, de ordem mais comum ou menos comum, oferecem uma lógica clara para estabelecer um critério de ordenação das acepções.

- “**ABADÁ** (haucá/kwa) 1.(PS) -s.m. túnica, casaco folgado e comprido. Var. **abadô**. Fon *agbárá* / Yor. *agbádá*, veste masculina de origem árabe, parte do traje nacional, junto com o **xocotô**.

2.(°BA) -s.m. camisolão branco que era usado pelos **malês**. Cf. **camisu**. Haucá *albada* > Yor. *abadá* > Fon *agbará*

3.(°PS) -s.m. panela de barro, alguidar. Var. **ababá**. Yor. *agbada*.

4.(BA) -s.m. conjunto de camisa ou blusa curtas e “short” de estamparia colorida, vestidura de blocos carnavalescos, que substitui a tradicional “mortalha”, comprida, larga e sem mangas.” (Castro, 2005, p. 135)

e. Marcas de uso: Para esta categoria, foram identificadas algumas abreviações, já apresentadas na subseção referente aos textos externos, que podem ser denominadas como “diaevolutivas (mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude)” (Hausmann 1977, *apud* Welker 2004, p. 131):

- euf. = eufemismo;
- fig. = sentido figurado;
- lit. = literalmente;
- onom. = onomatopeia.

Além disso, em relação ao contexto social, temos os níveis socioculturais da linguagem definidos em todas as acepções. No entanto, não se trata de uma marcação adicional e nem de uma delimitação de região precisa, pois, como Yeda Pessoa de Castro afirma, as classificações através dos níveis não são fixas: “a ocorrência em (BA), por exemplo, significa que o item pode ser encontrado a partir do (LS)” (Castro, 2005, p. 131). Por isso, não se consideraram tais informações como marcas de uso nesta monografia.

f. Informações sintáticas: Alguns detalhes são observados no corpo dos verbetes, em relação aos substantivos, são especificados entre “-s.m” (substantivo masculino) e “-s.f.” (substantivo feminino), além de “2gen.” (usa-se para os dois gêneros). Em relação a verbos, advérbios e pronomes não há nenhuma indicação sintática adicionada à classe gramatical.

g. Exemplos e abonações: Como observado em “Definições”, em alguns verbetes são apresentados exemplos, mas não caberia aqui serem designados como um elemento constante da microestrutura do vocabulário em análise, visto que não são segregados da definição e não são correntes nas acepções.

h. Colocações: Também não foram reconhecidas colocações desta categoria, provavelmente por não haver uma microestrutura específica para exemplos, contextualizando a palavra.

i. Fraseologismos idiomáticos: Para esta categoria, podemos destacar algumas acepções sinalizadas com “-exp”, tais como:

- “**FINADO** (FB) 2.(BA). -exp. “o **finado** era maio(r)”, diz-se de alguém vestido em uma roupa folgada, muito grande, insinuando que ela tenha pertencido a uma outra pessoa.” (Castro, 2005, p. 235)
- “**CAMBUTA** (banto) 2.(LP) -exp. “chuva da **cambuta**”, ninguém disputa”, verdade incontestável; “i(r) prás **cambuta**”, morrer. Cf. **cacuaia**, Kik./Kimb. *kambula*, morte, lugar dos mortos.” (idem, p. 194)

O interessante nesses casos é que Yeda Pessoa de Castro especificou cada “colocação” em uma acepção separada da palavra principal da expressão, tratando-a como uma diferente definição no verbete. Entretanto, há também casos de informações sobre fraseologismos constando diretamente na “Cabeça do verbete”, como:

- “**FLOR-DE-OMULU** (FB)(PS) -s.f. pipoca que é consagrada à divindade protetora de varíola e outras doenças da pele, usada no banho, ou seja, despejada em quantidade sobre a cabeça e corpo dos fiéis, um rito purificador de princípio homeopático como na vacina, em razão da semelhança no aspecto entre o espoucar da ferida da varíola e do grão de milho em flor de pipoca. Cf. Port. flor de + **Omulu**.” (Castro, 2005, p. 235)

j. Remissões: Para esta categoria, é importante ressaltar que todas as palavras que são referências cruzadas são marcadas em negrito, para serem consultadas e correlacionadas. Encontramos, nesses casos, indicações de “Ver” (Verificar), “Cf.” (Conferir) e “Var.” (Variação). Esses processos são exemplificados pelos seguintes verbetes:

- “**FE(I)JÃO-DE-CORDA** (FB)(°BR) -s.m. Ver **macaça**.” (Castro, 2005, p. 234)
- “**AUÊ** (kwa) 1. (LS) -exp. saudação em **queto** equivalente a “meu camarada”. Cf. **macuero**. Yor. *àwé*, saudação a um desconhecido.

2. (LS) -exp. saudação precedida de “com licença”, muito frequente nas cantigas de **caboc(l)ô** e **congo-angola**, uma espécie de refrão, a exemplo de “cum licença **auê**, cum licença **auê**, cum licença de **Zambiapongo**, cum licença **auê**”. Cf. **cauila**, **olelê**. Kik./Kimb. *kayile* < *kayla*, saudar.

3. (°BA) -s.m confusão, tumulto. Ver **arerê**, **quizumba**. Fon *awè* / Yor. *àwèwè*.” (idem, p. 160)

k. Informações paradigmáticas: Em relação a sinônimos, a definição aparece em apenas um lexema, no outro, lê-se a indicação “Ver” (Verificar) + o verbete principal, onde estará o

significado equivalente às duas palavras. Não há indicativos para antônimos, hiperônimos ou hipônimos.

l. Outros elementos presentes na obra: A obra possui um caráter sociocultural que prioriza questões de natureza etimológica. Sendo assim, podemos observar, em diversos verbetes, a especificação dos seus étimos africanos, de acordo com a origem do lexema em questão. Há, também, alguns símbolos fonéticos, marcados em determinados étimos africanos, e especificados nos textos externos. Esses não são indicativos para a pronúncia da palavra do verbete, mas sim, mais uma informação etimológica da palavra de origem. Como se nota em:

- “**JEJE-MUNDUBI** (FB)(PS) - s. **nação-de-candomblé**, variante do **jeje**+ *Xɔgbonuví*, filhos de *Xɔgbonu*, antigo nome de Porto Novo, capital de **Benim**, de maioria **gun**, falante de língua do mesmo nome, pertencente ao grupo **ewe** e muito próxima do fon. Var. **mendobi**, **mondubi**, **mondubi**.” (Castro, 2005, p. 259)

Para compreender, também, a dimensão de quantos verbetes do vocabulário foram dicionarizados na obra de *AURÉLIO*, foram contabilizados os termos indicados, como tal, por Yeda Pessoa de Castro. Sendo assim, chegou-se a um total de 1.250 verbetes dicionarizados de um universo de 3.777 verbetes. Foram observadas, nesse percurso de comparação, algumas divergências, como a repetição de alguns verbetes.

- “**ZAMBI** (banto)(°BR) -s.m. Ver **Zumbi**.”
“**ZAMBI** (banto)(PS) -s. Deus Supremo. Var. **Inzambi**. Ver **Zambiapungo**. Cf. **Axoqué**, **Maú**, **Olorum**. Kik/Kimb. Nzambi.” (Castro, 2005, p. 355)
- “**IBÔ** (kwa) 1.(LS) -s caracol. Cf. **boi-d’Oxalá**. Yor. *igbo*, caracol gigantes.
2. (°PO) - povo da Nigéria oriental. Cf. *Igbò*”
“**IBÔ** (kwa)(°BR) -s. uma das etnias majoritárias da Nigéria. *Igbo*.” (idem, p. 249)
- “**CAPOE(I)RAGEM** (FB)(°BR) -s.f. Ver **capoe(i)rada**.”
“**CAPOE(I)RAGE(M)** (FB)(°BR) -s.f. Ver **capoe(i)rada**.” (idem, p. 202)
- “**MAZANZA(R)** (banto)(°LP) -v. demorar na execução de um trabalho, remanchar; ficar atoleimado, fazer **mazanza**. Var. **mazanza(r)**. Cf. **bangola(r)**. Kik. *zonza*.” (idem, p. 276)
“**MAZANZA(R)** (banto)(°BR) -v. Ver **manzanar**.” (idem, p. 281)

Casos como esses chamaram atenção, pois, no vocabulário de Yeda Pessoa de Castro, o padrão compreendido foi um verbete para diferentes acepções daquele mesmo lexema. Em

relação à contagem dos verbetes dicionarizados, foram contabilizados, cada um, como verbetes distintos, tal como está no vocabulário.

5 CONCLUSÃO

Levando em consideração os dados analisados, tanto sob a perspectiva da Historiografia da Linguística quanto da Lexicografia, foi observada uma abordagem com tendência sociocultural, na qual a visão da língua está intimamente vinculada à cultura e às transformações sociais de uma sociedade.

Na análise historiográfica, notam-se possíveis influências de fatores externos, que permeiam o objeto de estudo de Yeda Pessoa de Castro, como os movimentos sociais e o crescimento da sociolinguística, que puderam motivar os referenciais teóricos da autora. Além disso, em relação aos fatores internos, foi reconhecida maior incidência das argumentações de natureza fonológica e morfossintática, além da histórica e de aspectos culturais. Com isso, Yeda Pessoa de Castro demonstrou os dados obtidos como uma representação desse contínuo processo de N1 (LS) em direção ao N5 (BR), no qual os candomblés e a língua litúrgica se tornam cada vez mais conhecidos pela população brasileira e mais próximos do português do Brasil, em geral.

Como foi possível observar na análise Lexicográfica, não houve um aprofundamento nos seguintes componentes das microestruturas: ordenação das acepções; informações sintáticas; exemplos e abonações; e colocações, pois houve uma preferência na abordagem de questões do campo semântico e etimológico. As metodologias e organização utilizadas para a estruturação do vocabulário foram permeadas pelo campo da sociolinguística. Dessa forma, a intenção identificável não é a utilização do vocabulário pelo falante, mas um registro de palavras provenientes da relação entre o contato de línguas africanas com o português do Brasil.

Vale sublinhar que Yeda Pessoa de Castro reconhece a linguagem como um fenômeno social e culturalmente enraizado. Sendo assim, ela não trata a língua como um sistema isolado, mas sim, como sendo influenciada e moldada pelos ambientes e sociedades em que é usada.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. **Anuário da Academia de Letras da Bahia**. Salvador, 2017, 266 p.
- ALTMAN, Cristina; LOURENÇO, Julia. Otro punto de vista: una historiografía lingüística femenina en Brasil (1960-1990). **BSEHL**, São Paulo, n. 16, p. 231-249, 2022.
- AMARAL, Jardim Marcel; Pereira, Vilmar Alves. As cotas raciais para negros/as na FURG e o longo caminho da (des)igualdade. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.8, n.1, p. 1 – 17, 2019.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira; BASTOS, Neusa Barbosa. **Questões em historiografia da linguística: Homenagem a Cristina Altman**. 1ª ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2020.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à historiografia da linguística**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- BORGES, Patrícia de Souza. **Línguas africanas e português brasileiro: análise historiográfica de fontes e métodos de estudos no Brasil (séc. XIX-XXI)**. São Paulo, 2015. 239f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.
- CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 36ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 2004.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Africanias em terras brasílicas**. 1ª ed. Belo Horizonte: LABED – Laboratório de Edição - FALE/UFMG, 2022.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais, 2002. Resenha de: LUCCHESI, DANTE. A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, v. 20, n. 1, 171-179, 2004.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia: Um vocabulário afro-brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- KOERNER, E.F.K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. 1ª ed. Braga: Centro de Estudos em Letras/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014.
- MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. **Gragoatá**, Niterói, n. 19, p. 193-217, 2. sem. 2005.
- RODRIGUES, Nina Raimundo. **Os Africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2ª ed., 2004.